

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

SUGESTÕES PEDAGÓGICAS 3.ª CLASSE

**Cooperação entre o Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desporto
e Fundação Calouste Gulbenkian**

Concepção e Elaboração : **Escola Superior de Educação**
Instituto Politécnico de Santarém

Coordenação do Projecto **Maria João Cardona**

Língua Portuguesa **Fátima Galveias**
Ana Fonseca

Matemática **Maria José Pagarete**
Meio Físico e Social **George Camacho**
Maria de Jesus Bento
Pedro Reis

Expressão Plástica **Jean Campiche**
Expressão Dramática **Célia Barroca**
Expressão Musical **Margarida Togtema**
Expressão Motora **António Mesquita Guimarães**

Formação e
Desenvolvimento Curricular **Ramiro Marques**
Impressão **António Coelho Dias, S.A.**

Colaboração das equipas técnicas

Gabinete de Planeamento e Inovação Educativa
Direcção do Ensino Básico
Escola de Formação de Professores e Educadores
Inspeção da Educação.

Capa

Pedro Campiche

Ilustrações

Teresa Cavalheiro,

Paulo Serra

Jean Campiche

© Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desporto
da República Democrática de São Tomé e Príncipe

Concepção e Impressão no âmbito do Projecto de Apoio ao Sector Social (PASS) com
financiamento da Associação Internacional para o Desenvolvimento (IDA) do Banco Mundial

Setembro 2007

Nota Prévia

Esta publicação faz parte de um conjunto de três documentos de trabalho que visam auxiliar professores e estudantes no processo de ensino-aprendizagem das primeiras classes da educação básica:

- **Manual da 3ª Classe**
- **Caderno de Actividades da 3ª classe**
- **Sugestões Pedagógicas – 3ª classe**

No respeito pela Lei de Bases da Educação da República Democrática de S. Tomé e Príncipe (Lei 2/2003 de 2 de Junho), houve a preocupação de acentuar a interdisciplinaridade e a transversalidade das diferentes áreas curriculares.

Esta preocupação é particularmente relevante no que diz respeito à área de Desenvolvimento Pessoal e Social cujos conteúdos são abordados transversalmente em todas as áreas curriculares sem esquecer que é na área do Meio Físico e Social que estes conteúdos podem ter maior destaque.

Esta preocupação é também especialmente evidente no que diz respeito à área das Expressões, que tendo em conta a sua especificidade é sobretudo desenvolvida nas sugestões pedagógicas apresentadas para a/os professora/es.

Neste sentido e considerando a legislação em vigor, são diferenciadas as seguintes áreas:

- Língua Portuguesa;
- Matemática;
- Meio Físico e Social (integrando de forma mais específica a área de Formação Pessoal e Social);
- Expressões - Plástica, Dramática, Musical e Motora .

Bom trabalho!



**LÍNGUA
PORTUGUESA**

Nota prévia

Tendo em conta que o manual e o caderno de actividades da 3ª e da 4ª classes obedecem à mesma estrutura e que as competências a trabalhar e a desenvolver a nível da Língua Portuguesa são as mesmas, ainda que com níveis de aprofundamento diferentes, progressivamente mais exigentes, faz todo o sentido apresentar as mesmas orientações/sugestões pedagógicas para as duas classes. Esta opção permitirá aos/às docentes irem, igualmente, aprofundando o seu conhecimento profissional, uma vez que lhes será permitido irem analisando os modos como o(a) aluno(a)s vão reagindo, em termos de aprendizagem, às diversas orientações/sugestões, permitindo-lhes conceber estratégias cada vez mais adequadas e eficazes e partilhar experiências com os seus pares profissionais, com vista ao desenvolvimento linguístico de todos os seus/suas aluno(a)s.

Introdução

A área da Língua Portuguesa está organizada em torno de 12 unidades, cujos textos foram seleccionados e organizados de acordo com os seguintes objectivos:

- Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade e cultura santomense, através do contacto com textos da literatura (escrita e oral) de S. Tomé e Príncipe.
- Proporcionar o contacto com realidades culturais e literárias de outros países africanos de língua oficial portuguesa.
- Estimular a curiosidade e o desejo de conhecer outras culturas e realidades literárias, fora do continente africano.

Assim, os textos que integram as 12 unidades estão organizados em 3 blocos:

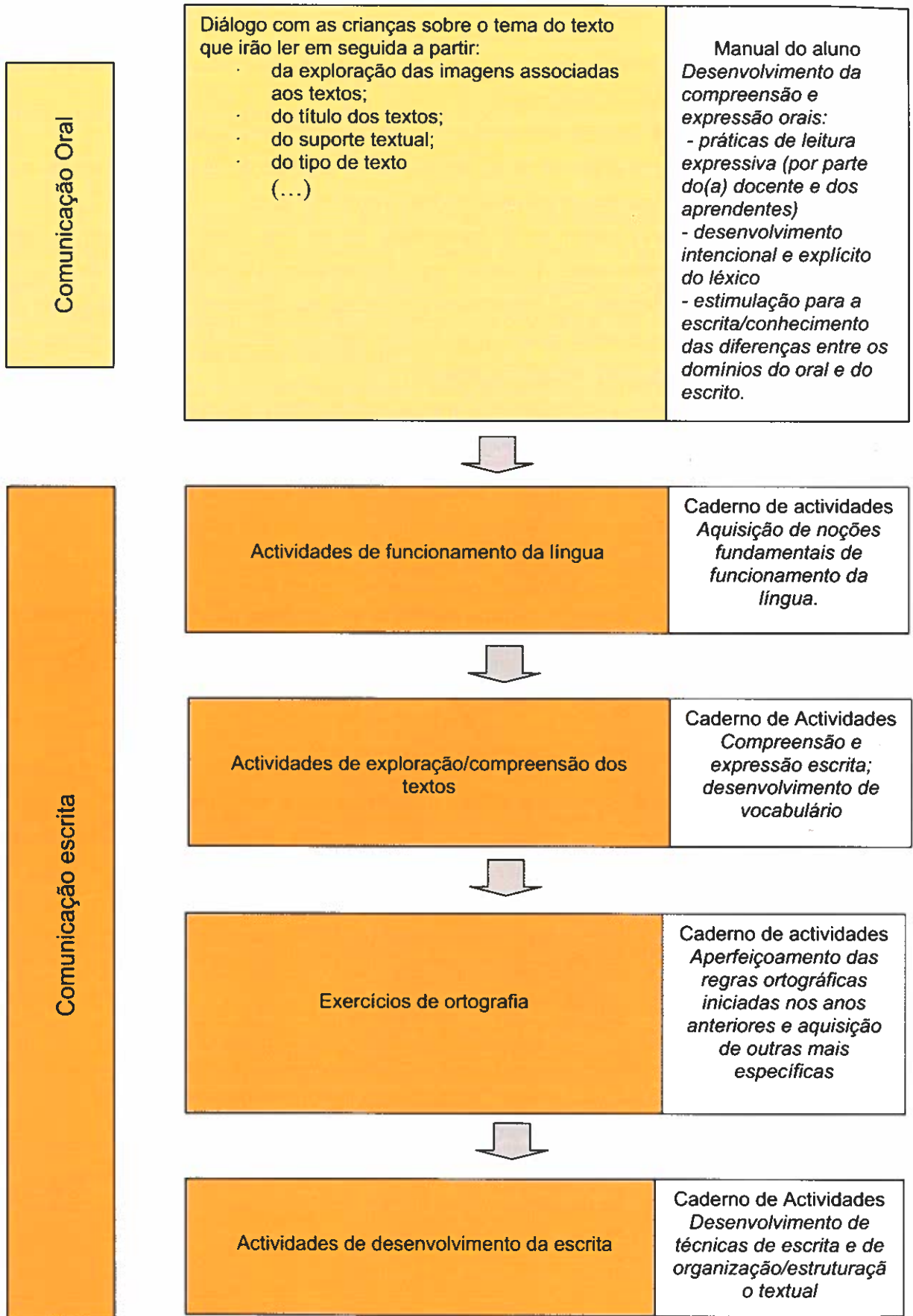
- **Por terras de São Tomé e Príncipe: histórias e gentes do meu país:** textos directamente ligados ao país, quer pela temática, quer por serem da autoria de escritores santomenses;
- **Por outras terras de África:** textos directamente relacionados com a realidade dos outros países africanos de língua oficial portuguesa;
- **Pelo resto do Mundo:** textos de autores portugueses e lendas tradicionais de outros países.

As unidades têm uma estrutura semelhante entre si e os conteúdos contemplam, **de forma explícita**, o desenvolvimento das competências da compreensão e expressão escritas – leitura e produção de texto – bem como o desenvolvimento do conhecimento explícito da língua (conhecimento das normas específicas do funcionamento da língua), competência transversal a todas as outras, uma vez que é fundamental para melhorar o oral em situações formais de uso, para aprofundar a compreensão textual e para promover o aperfeiçoamento do escrito.

No entanto, na sequência do processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa iniciado em anos anteriores, **continua a ser fundamental o trabalho a desenvolver pelos/pelas professores/professoras a nível do desenvolvimento das competências do domínio do oral** – compreensão e expressão - , pelas implicações que têm quer na aprendizagem e desenvolvimento da leitura e da escrita, quer na afirmação de uma cidadania mais participativa. Com efeito, o domínio progressivo do português padrão que as aulas de Língua Portuguesa devem proporcionar, associado ao conhecimento das situações sociais em que esta variedade deve ser usada, tornarão o/a aluno/aluna mais confiante no seu conhecimento da língua e na sua capacidade de seleccionar adequadamente a variedade que deve mobilizar em cada situação concreta.

Assim, considera-se essencial que, no âmbito da aprendizagem da leitura e da escrita, se mobilizem situações de diálogo e de cooperação com os/as alunos/alunas e de confronto de opiniões entre professor/a/aluno(a)s e entre aluno(a)s/aluno(a)s. Em síntese, é fundamental que o/a professor/a descubra e faça descobrir no(a)s aluno(a)s as dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever.

ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS EM CADA UNIDADE



Manual do Aluno

No manual do aluno são apresentados os textos que irão ser objecto de leitura e ponto de partida para o conhecimento das regras de funcionamento da língua e para o desenvolvimento da expressão escrita.

Para o trabalho a desenvolver com vista ao ensino da leitura/compreensão de textos os professores precisam de saber que:

- Ler é compreender, obter informação, aceder ao significado do texto.
- Por compreensão de leitura, entende-se a atribuição de um significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto.
- Quanto maior for a capacidade de ler um texto com precisão, rapidez e expressividade – **fluência** – mais facilitada está a tarefa da compreensão.
- Os factores que determinam a diferença na dificuldade de compreensão são (i) o conhecimento prévio que o leitor tem do tema; (ii) o (des)conhecimento do vocabulário utilizado no texto.
- Ensinar a compreender é ensinar explicitamente estratégias para abordar um texto. Essas estratégias são essenciais antes da leitura, durante a leitura e depois da leitura.

Antes de iniciar a leitura, ensinar a:

- Estabelecer um objectivo de leitura (ex: para que vou ler?...)
- Activar conhecimento anterior sobre o tema (ex: o que sei sobre isto?)
- Antecipar conteúdos com base no título e gravuras (ex: o que é que esta gravura me faz lembrar?...)
- Filtrar o texto para encontrar chaves/pistas que ajudam à compreensão (ex: que palavras estão a negrito ou sublinhadas?...)

Durante a leitura, ensinar a:

- Prestar atenção ao que está a ler
- Usar chaves contextuais e a estrutura do mesmo (ex: é uma história? Uma poesia?)
- Ler de novo cada parágrafo e procurar a informação nova (ex: o que diz aqui de novo?)
- Criar uma imagem mental (ou mapa mental) do que foi lido (associações, experiências sensoriais – cheiros, sabores – sentimentos, etc)
- Sintetizar à medida que avança na leitura do texto
- Ajustar a velocidade de leitura
- Adivinhar, pelo contexto, o significado de palavras desconhecidas
- Se necessitar, utilizar materiais de referência (dicionários, enciclopédias ...)
- Auto-questionar-se sobre o lido
- Tomar notas durante a leitura

Depois da leitura, ensinar a:

- Formular questões sobre o lido e tentar responder
- Confrontar as previsões iniciais de conteúdo com a informação do texto
- Discutir com os colegas sobre o lido
- A importância de reler

Implicações para o processo de ensino-aprendizagem:

Pré-leitura

Para a compreensão do texto, são fundamentais as **actividades de pré-leitura**, em que o/a professor/a, através do diálogo, fomenta a análise da imagem ou do título para que a criança tente antecipar o conteúdo do texto, com o objectivo de activar/fornecer conhecimento prévio sobre o tema. Pretende-se, assim, facilitar a interacção entre a criança e o texto, para ajudar à compreensão do mesmo, fomentando o gosto pela leitura.

É igualmente importante que, nesta fase, o professor introduza e clarifique alguns dos vocábulos que, à partida, o professor ache que poderão ser um obstáculo ou inviabilizar a compreensão do que se vai ler.

Torna-se ainda muito importante a explicitação de um objectivo de leitura, para que o(a) aluno(a)s direccionem a atenção para aquilo que, no final, é suposto fazerem ou o/a professor/a pretende que façam.

Leitura

As crianças deverão fazer uma primeira leitura individual, em silêncio.

Faça uma primeira avaliação, global, da compreensão do texto, procurando detectar possíveis dificuldades sentidas pelos aprendentes. Caso verifique que se torna necessário, faça uma primeira leitura expressiva do texto, na sua globalidade, em voz alta.

Tendo em conta que a não soletração, rapidez e expressividade são fundamentais para a compreensão do texto, serão o(a)s aluno(a)s, de seguida, a fazer a leitura do texto em voz alta. Poderão realizar uma leitura em cadeia, ou seja, dividir o texto em pequenas partes e peça a tantos aluno(a)s, quantas as partes, que façam a leitura expressiva de texto em voz alta. Corrija, sempre que necessário, a articulação e entoação.

No final desta leitura cujo objectivo é, apenas, treinar a fluência, há que trabalhar com os aluno(a)s o processo de compreensão, de acordo com as sugestões que lhe foram propostas anteriormente (*Durante a leitura, ensinar a:*).

Apenas como sugestões:

- * Reveja em conjunto com as crianças os momentos principais do texto;
- * Coloque oralmente questões aos alunos sobre o conteúdo do texto e seus elementos constituintes (personagens, espaço, tempo, acções,...), para verificar se entenderam a informação contida no texto;
- * Peça-lhes que:

- sintetizem partes do texto que ache fundamentais à compreensão global do mesmo;
- relacionem a informação lida com conhecimentos exteriores ao texto (por exemplo, com um acontecimento do quotidiano, com as suas vivências, etc), permitindo ainda que a criança dê a sua interpretação pessoal do texto.
- * Leve-as a:
 - inferir o significado de uma palavra desconhecida com base na estrutura interna e no contexto;
 - compreender inferências, mobilizando informações textuais implícitas e explícitas e conhecimentos exteriores ao texto
 - extrair conclusões do que foi lido;
 - reconhecer os objectivos do escritor(a);
 - apreender o sentido global do texto, identificando o tema central e os acessórios
 - recontar e/ou resumir o texto;

Pós-leitura

- * Peça às crianças que formulem questões sobre o lido e as coloquem umas às outras, no sentido de obter as respectivas respostas;
- * Leve-as a:
 - confrontar o que haviam antecipado relativamente ao conteúdo do texto na fase da pré-leitura com a efectiva informação do texto;
 - reler o texto, nos casos em que surjam dúvidas relativamente ao conteúdo;
 - discutir com os colegas sobre o lido e a propor actividades e tarefas a levar a cabo na sequência da leitura;
 - propor outro título ou que, a partir dele, aprofundem conhecimentos;
- * Estimule as crianças a ler autonomamente pequenas obras integrais adequadas ao interesse da faixa etária em questão ou a ler outros tipos de textos em diferentes suportes textuais.

CADERNO DE ACTIVIDADES

Todas as unidades estão organizadas em torno de 3 grandes domínios:

- Leitura: compreensão dos textos;
- Funcionamento da língua;
- Escrita: ortografia; desenvolvimento da escrita;

Compreensão dos textos

A realização das actividades propostas **pressupõe o trabalho prévio de estimulação à compreensão leitora desenvolvido no domínio da comunicação oral – compreensão e expressão**, realizado a nível do manual do aluno.

As questões de compreensão dos textos, procuram ter em conta e desenvolver, no(a)s aluno(a)s os diversos níveis de compreensão: da mais “simples”, porque mais explícita (questões em que apenas basta retirar a informação directamente do texto), às questões que exigem aos alunos fazer inferências, ou seja, ler “entre linhas”, tirar conclusões, avançar hipóteses, impregnar de sentido o que é dado parcialmente no texto. Surgem, ainda, questões com a intenção de desenvolver no(a)s aluno(a)s a capacidade de formular juízos críticos em termos verbais, requerendo que o(a)s aprendentes comparem informação e ideias do texto com os conhecimentos e experiências pessoais a fim de formular juízos de valor. O objectivo é fomentar o desenvolvimento de uma efectiva compreensão leitora.

Dependendo da autonomia dos aluno(a)s e da constituição da classe, solicite aos aprendentes que realizem as actividades escritas de compreensão do texto, vocabulário e ortografia, individualmente ou a pares. Verifique se estes compreendem o que lhes é solicitado. Em caso de necessidade – e só em caso de necessidade, uma vez que o que se pretende é que, progressivamente, o(a)s aluno(a)s sejam cada vez autónomos no seu processo de leitura e compreensão textual - pode ler as questões para toda a classe, pedindo àqueles que, tendo compreendido o que lhes é pedido para fazer, o expliquem, eles mesmos, aos seus colegas. Se nenhum aluno compreendeu aquilo que tem que fazer na sequência das questões formuladas, então terá que ser o/a professor/a a fazê-lo.

Funcionamento da língua

Conforme referido na Introdução, o desenvolvimento do **conhecimento explícito da língua** (conhecimento das normas específicas do funcionamento da língua) é uma competência transversal a todas as outras. Com efeito, é fundamental conhecer as normas e as regras que presidem ao modo como a língua se organiza para que, progressivamente, os alunos compreendam e se expressem cada vez melhor em Língua Portuguesa, quer a nível do escrito quer a nível do oral.

Em cada unidade, na parte dedicada ao Funcionamento da Língua, a análise e reflexão sobre o modo como a língua “funciona” é, na generalidade, fomentada a partir de pequenos textos, excertos de poesias, destrava-línguas, para que o **uso da língua** e o **sentido** que dele decorre sejam privilegiados.

Noutros casos, é colocada uma questão que remete para uma vivência ou conhecimento prévio do(a) aluno(a), adquirido através do oral e do trabalho efectuado com vista ao desenvolvimento linguístico já efectuado, que serve de motivação para a aprendizagem do conteúdo gramatical que se pretende trabalhar.

É depois apresentada uma explicitação dos conteúdos/conceitos, em jeito de uma pequena gramática, com as noções básicas necessárias, que deverão ser bem explicadas às crianças.

O **uso da língua** e o **sentido** que dele decorre continua a estar presente nos exercícios de aplicação/sistematização dos conteúdos gramaticais trabalhados uma vez que, também estes, remetem para os textos que foram objecto de leitura, permitindo, mais uma vez, “afinar” a compreensão dos mesmos.

Muito importante: O/A professor/a deverá realizar outras actividades semelhantes de aplicação/sistematização, que permitam, de novo, a análise de situações linguísticas, com vista a

uma progressiva compreensão, assimilação e utilização das regras que presidem ao funcionamento da Língua Portuguesa, uma vez que estas não se esgotam no Caderno de Actividades. Assim, e apenas a título de sugestão, poderá retomar os textos trabalhados, outros tipos de texto, de diferentes suportes textuais, que com as temáticas abordadas estejam, de alguma forma, relacionados e contribuam para desenvolver a formação integral do(a) aluno(a)s (cartazes, panfletos, publicidades, documentos informativos receitas, embalagens de produtos alimentares, jornais, adivinhas, canções, etc.).

Pode, igualmente, partir dos textos produzidos pelos próprios alunos, tornando, assim, mais significativas as suas aprendizagens.

Este trabalho pode ser feito no colectivo (o professor escreve no quadro, ou pede ao aluno que escreva a(s) frase(s) que vão ser objecto de análise e reflexão por parte de toda a classe), em pequenos grupos, a pares e individualmente, com e sem recurso a materiais auxiliares (dicionários, gramáticas, prontuários, dicionários de verbos conjugados, ...), na aula e em casa.

O objectivo, é garantir que as generalizações descritivas e descobertas na(s) fase(s) anterior(es) de trabalho fiquem armazenadas na memória de longo prazo e possam, portanto, ser activadas pelo aluno sempre que necessário.

Ortografia

Nesta parte pretende-se que os alunos mobilizem conhecimentos já adquiridos nas 1ª e 2ª classes e que os aprofundem e apropriem no que diz respeito à correcção ortográfica.

São apresentadas as regras ortográficas e propostas actividades para a sua correcta aplicação.

Sublinha-se, mais uma vez, que estas propostas não se esgotam no Caderno de Actividades, pelo que o(a) docente deverá realizar outras actividades e outros exercícios semelhantes.

Desenvolvimento da escrita

Em Portugal, uma investigadora e especialista no ensino da escrita foi uma vez questionada sobre o motivo pelo qual, em sua opinião, os alunos não aprendem a escrever. Ao que ela respondeu: *“Não aprendem a escrever pela razão simples de que, na escola, não se ensina a escrever”*¹

É, então, uma das funções da escola, ensinar o(a)s aluno(a)s a escrever.

Ao nível das 3ª e 4ª classes a competência gráfica (desenho/inscrição dos sinais (letras) já deve estar completamente adquirida. O mesmo se passa relativamente à competência ortográfica (normas para a representação das palavras), ainda que esta deva continuar a ser alvo de reflexão e trabalho, com vista à sua consolidação plena.

¹ Fernanda Irene Fonseca (1991), “A urgência de uma Pedagogia da Escrita” – comunicação II Jornadas de Formação de Professores, Viseu, (Universidade Católica Portuguesa).

Assim, o grande trabalho a desenvolver nestas fases será ao nível da competência compositiva, ou seja, ensinar os alunos combinar as palavras para formar textos, de acordo com as diversas intenções comunicativas.

No caderno de actividades são propostas actividades de escrita, geralmente relacionadas com os temas dos textos da unidade, que apelam à imaginação e à construção de vários tipos de texto, através de sugestões que ajudam à planificação e estruturação das ideias.

Até à autonomia plena em termos de expressão escrita, que, desejavelmente, será progressivamente atingida, há um longo caminho a percorrer por cada aluno(a), que deverá, em cada uma das fases do processo, ser devidamente acompanhado pelo(a) seu/sua professor/a.

Assim, **é fundamental o papel a desempenhar pelo(a)s docentes junto dos alunos**, desde as actividades de pré-escrita (conjunto de actividades orais e/ou escritas tendentes a forjar o “conhecimento do mundo” prévio à prática escrita da língua ou a reactivar elementos de “enciclopédia” do aprendente relativos ao tópico/assunto sobre o qual se lhe pede que ele escreva e elaboração do plano), passando pelas actividades de textualização (processo de estruturação das ideias e composição das palavras em texto) e, finalmente, pelas actividades de revisão e aperfeiçoamento textual, até à produção final (“obra-prima”).

Implicações para o processo de ensino-aprendizagem:**Actividades de pré-escrita**

Para escrever, o aluno terá que “ter assunto” e vocabulário que lhe permita “passar para o papel” as suas ideias.

Assim, o professor terá necessidade de prever um dispositivo pedagógico capaz de colocar o/ aluno(a), em fase prévia à produção do texto escrito, em posição de:

- Evocar o conhecimento de que dispõe relativamente ao assunto sobre o qual deverá escrever;
- Adquirir informação nova sobre esse mesmo assunto (se a que tiver for pouca ou mesmo inexistente);
- Aprender a processar a organização da informação de que se vai apropriando, através da selecção e hierarquização das noções (e respectivas relações) a versar no texto.

Para a consecução destes objectivos, pode o/a professor/a prever vários tipos de microestratégias de ensino:

- A transmissão directa da informação aos alunos, caso haja condicionalismos que o justifiquem (natureza da informação a fornecer, carência de recursos técnicos e tecnológicos,); procurando sempre ter em atenção as possíveis intervenções que o/as aluno(a)s vão fazendo, tornando-os “co-construtores” da informação que passa a estar disponibilizada para todos;
- A pesquisa de informação pelos aprendentes, através da consulta - tomada de notas e elaboração de fichas de leitura – de textos escritos (de imprensa, de ficção – poesia ou prosa - , de divulgação científica, etc.) ou de textos transcritos, assim como a utilização de fontes orais – entrevistas, diálogos informais ...;
- O visionamento, pelo(a)s aluno(a)s de fotografias, filmes, diapositivos e a leitura de esquemas, diagramas, etc.;
- A construção interactiva, no grupo-classe, de discursos que representem experiências pessoais, impressões, memórias, numa atitude de permuta de informação entre os “saberes” diversos e diferentes dos aluno(a)s. ...). Nestes casos, aconselha-se os professores a envolverem, o mais possível, os aprendentes, fomentando o diálogo com eles e entre eles, no sentido de se ir enriquecendo a natureza das ideias e o vocabulário que permitirá que elas sejam convertidas em texto. O professor irá registando no quadro as ideias que forem surgindo, estimulando sempre os alunos a alargar o seu vocabulário passivo.

Qualquer que seja a microestratégia pela qual opte o/a professor/a (pode, inclusivamente, optar por mais do que uma estratégia, com vista a um maior enriquecimento do texto a produzir pelo(a)s aluno(a)s), é importante que tenha em conta a necessidade de se irem organizando os conhecimentos prévios e a informação nova que vai sendo adquirida. Assim, recorrendo a processos de negociação com o(a)s aluno(a)s, o professor vai elaborando no quadro um “esquema de conteúdo” (“mapa semântico”), no qual ficam devidamente registadas as noções verbalizadas, assim como as possíveis relações a serem estabelecidas entre tais noções, no âmbito do domínio

de referência que vinha sendo trabalhado, tendo em vista a produção de texto por parte do(a)s aluno(a)s.

A construção dos “esquemas de conteúdo”, para além de contribuir para uma aprendizagem significativa de novos vocábulos (o enriquecimento do léxico é conseguido através da utilização de sinónimos, antónimos, perífrases, etc.), desenvolve no(a)s aluno(a)s a capacidade para estabelecerem princípios organizadores das informações que forem resultando da negociação no interior do grupo-classe.

Apresenta-se, a título de exemplo, um “esquema de conteúdo” organizado em torno do conceito de *Poluição*: trata-se de um conjunto de noções organizadas de acordo com um conjunto de relações entre si, e entre o tópico e essas mesmas relações.



(Nota: O presente esquema de conteúdo foi inspirado por P. Carrel, 1990).

A partir daqui, ou seja, após “construído” o conteúdo a versar no texto em projecto, torna-se necessário determinar outras variáveis a ter em conta em qualquer processo de escrita: i) o tipo de texto a produzir (poema, história, notícia, carta,...); ii) a identidade do destinatário a quem se vai escrever; iii) o objectivo comunicativo que se tem em vista no acto de escrita em questão (Escrever para quê?) iv) o “onde” e o “quando” da enunciação.

Definidas estas variáveis com o(a)s aluno(a)s, diversos tipos de texto podem ser produzidos. Por exemplo, o tópico “Poluição” (e o respectivo esquema de conteúdo), poderá dar origem, entre outros, a i) um discurso apelativo para intervenção pública no combate contra o mal social em questão; ii) um poema para ser cantado ou apenas recitado ao som de qualquer melodia, como forma de sensibilização para os perigos de destruição do ambiente.

Qualquer que seja a opção do tipo de texto a produzir, importa que o/a aluno(a) desenvolva, **devidamente orientado pelo professor/a até o conseguir fazer autonomamente**, a sua capacidade de elaborar um plano-guia, espécie de “fio condutor” do processo textual a levar a cabo; o plano-guia será elaborado de acordo com a natureza do discurso a produzir.

A título exemplificativo, apresenta-se uma proposta de plano-guia de um texto informativo relativo ao “esquema de conteúdo” anteriormente apresentado relativo ao tópico *Poluição*.

Plano-guia de um texto informativo relativo ao tópico “poluição”

Título

- 1.º Parágrafo – 1. *Introdução*: situação actual do planeta no que toca à poluição
- 2.º Parágrafo – 2. *Tipos de poluição*
 - 2.1. Sonora
 - 2.1.1. nas fábricas e noutros locais de trabalho
 - 2.1.2. nas ruas
 - 2.1.3. nas discotecas e noutros locais de divertimento
- 3.º Parágrafo
 - 2.2. Química
 - 2.2.1. viciação da atmosfera por gases tóxicos
 - 2.2.2. contaminação dos rios e mares por productos tóxicos
 - 2.2.3. contaminação de produtos alimentares por insecticidas
- 4.º Parágrafo
 - 2.3. Nuclear
 - 2.3.1. dificuldades na eliminação de resíduos radioactivos
 - 2.3.2. contaminação radioactiva de águas, produtos agrícolas, etc., na sequência de acidentes em centrais nucleares
- 5.º Parágrafo – 3. *Causas da poluição*
 - 3.1. ausência de políticas ambientais nas fases de expansão industrial e ainda hoje
 - 3.2. interesses económicos de vulto
 - 3.3. falso conceito de progresso
 - 3.4. ausência de educação cívica e moral
 - 3.5. ambição pelo lucro fácil
- 6.º Parágrafo – 4. *Consequências da poluição*
 - 4.1. degradação da Natureza
 - 4.2. degradação da qualidade de vida

- 4.3. doenças
- 4.4. formação do buraco de ozono
- 4.5. efeito estufa: aquecimento do planeta

7.º Parágrafo – 5. *Luta contra a poluição: acções propostas*

- 5.1. reflorestação de montanhas devastadas pelo fogo
- 5.2. recurso a formas tradicionais de tratamento de vegetais
- 5.3. “reciclagem” de lixos e de resíduos tóxicos
- 5.4. despoluição de rios e praias
- 5.5. educação e sensibilização das populações para a necessidade de preservar e proteger a Natureza
- 5.6. empenhamento da Escola na formação dos educandos para os valores da cidadania, no sentido de os levar a respeitar os homens e a Natureza que lhes dá vida

8.º Parágrafo – 6. *Conclusão*

- 6.1. outras “doenças” sociais do fim do século
- 6.2. o Homem e os seus projectos de vida

Actividades de textualização

Nesta fase – a fase de passar à construção textual – há que combinar as palavras e as frases elaboradas para dar origem ao texto. De acordo com o tipo de texto a produzir, há que:

- decidir se se vão integrar todas os conteúdos gerados ou não;
- em caso afirmativo, articulá-los de forma coerente, com os restantes elementos do texto;
- dar-lhes uma expressão linguística para figurarem no texto, respeitando as exigências de coesão e coerência.

A produção de texto por parte do(a)s aluno(a)s poderá ser feita individualmente, a pares ou no colectivo, de acordo com as necessidades de cada classe, devidamente identificadas pelo/a professor/a(a), tendo em vista a formação de “crianças produtoras de texto”.

Se as crianças revelarem grandes dificuldades de escrita, é importante que as actividades de textualização se processem através da negociação oral, no colectivo constituído pelo grupo-classe, com registo escrito subsequente no quadro, após selecção consensual das unidades linguísticas mais apropriadas.

Nesta situação, **é fundamental o papel do professor/a**. Este(a) tem, assim, a possibilidade de contrariar a tendência natural das crianças para a aplicação de estratégias de estruturação centradas apenas ao nível da frase simples. O trabalho colectivo – enquanto actividade de interacção oral – permite o “pensar em voz alta”, o qual permite: i) a intervenção reguladora do/a professor/a(a), no sentido de reorientar as propostas e/ou hipóteses do(a)s aluno(a)s, explicando o porquê de tais reajustamentos; ii) a observação, negociação e aplicação de unidades linguísticas em função de uma prática que se vai cumprindo em simultâneo com a reflexão sobre essa mesma prática.

Neste processo, o/a professor/a(a) poderá trabalhar aspectos relacionados com o modo de funcionamento da língua – nomeadamente de tipo lexical ou morfossintáctico –, assim como os articuladores de discurso e os sinais de pontuação mais adequados, com vista à produção de frases

progressivamente mais complexas, tendo em vista a progressão lógica das ideias e a construção de textos mais ricos e gratificantes para os próprios alunos.

À medida que o(a)s aluno(a) forem ficando mais confiantes e autónomos relativamente à capacidade de expressão escrita, poderão começar a trabalhar individualmente ou a pares, de acordo com a intencionalidade do/a professor/a(a) e a especificidade da classe.

Também nesta situação, é fundamental que o/a professor/a(a) continue a acompanhar o processo de construção textual, circulando pela sala, numa constante interacção com o(a)s aluno(a)s, o que permite um apoio mais individualizado aos que têm mais dificuldades, através da correcção oral e contínua, promovendo um efectivo empenhamento do(a)s aluno(a)s na aprendizagem.

Actividades de revisão e aperfeiçoamento textual

Nesta fase, o que se pretende é que o(a)s aluno(a)s, **devidamente orientado(a)s pelo(a) seu/sua professor/a**, façam a revisão dos seus textos e conseqüente aperfeiçoamento, reescrevendo-os de forma a superar as lacunas detectadas. Assim, pode mesmo considerar-se que a correcção será o momento fulcral no processo de ensino-aprendizagem da escrita. Esta afirmação pode parecer estranha se a correcção da escrita se centrar apenas no texto-produto. Com efeito, na correcção escrita tradicional, o texto é visto pelo/a professor/a(a), que nele assinala determinados erros ou incorrecções, faz alguns comentários escritos, atribui uma classificação e entrega-o ao/a aluno(a), que raras vezes se debruça, de novo, sobre ele. Este tipo de correcção não contribui minimamente para a construção de uma pedagogia da escrita motivadora: ao/a aluno(a) raras vezes se dá a possibilidade de refazer o seu texto com base em indicações do/a professor/a(a) e num acompanhamento personalizado. A correcção deve estar ao serviço de uma aprendizagem contínua e programada, deve tornar-se no cerne de uma aprendizagem da escrita que privilegia o texto-processo em detrimento do texto-produto.

Assim, a correcção será um momento intermédio de um processo: ao/a aluno(a) deve ser facultada a possibilidade de analisar as incorrecções assinaladas (o/a professor/a pode combinar com o(a)s aluno(a)s marcas de correcção para assinalar os diversos tipos de erros detectados), de as discutir com o/a professor/a(a) ou com o(a)s colegas, de reescrever o texto, em parte ou na totalidade, até chegar à “obra-prima”.

Apresentam-se a seguir, como forma de melhor clarificar o que vem sendo dito, os objectivos da correcção e alguns conselhos para a melhorar, propostos por Daniel Cassany²

OBJECTIVOS DA CORRECÇÃO

1. Informar o aluno sobre o seu texto.
 - 1.1. Dar-lhe uma impressão global.
 - 1.2. Dar-lhe uma informação precisa sobre algum aspecto concreto (ortografia, léxico, gramática, originalidade, etc.).
 - 1.3. Marcar-lhe os erros que cometeu.
 - 1.4. Dar-lhe as soluções correctas para estes erros.
2. Conseguir que modifique o seu texto.
 - 2.1. Dar-lhe instruções gerais para o melhorar.
 - 2.2. Dar-lhe instruções precisas para reformular um ponto.
 - 2.3. Dar-lhe instruções para que corrija as faltas.
3. Que o aluno melhore a sua escrita.
 - 3.1. Que aprenda com os erros que cometeu.
 - 3.2. Que aprenda com a apreciação geral que fez.
 - 3.3. Que o aluno aprenda gramática e ortografia.
4. Modificar o comportamento do aluno ao escrever.
 - 4.1. Desenvolver as suas estratégias de composição.
 - 4.2. Incrementar a consciência sobre esse facto.
 - 4.3. Aprender novas técnicas de redacção.
 - 4.4. Aprofundar um tema.

² Daniel Cassany (1996), *Reparar la Escritura – Didáctica de la Corrección de lo Escrito*, Barcelona: Graó.

CONSELHOS PARA MELHORAR A CORRECÇÃO

PARA O PROFESSOR⁴⁸⁾

1. Corrija somente o que o aluno possa aprender. Não vale a pena gastar tempo a corrigir coisas para as quais o aluno não está preparado.
2. Corrija enquanto o aluno tem fresco o que escreveu; ou seja, no momento em que escreve ou pouco depois. Não deixe passar muito tempo entre a redacção e a correcção.
3. Se possível, corrija as versões anteriores ao texto , os rascunhos, os esquemas, etc. Lembre-se que esta atitude é muito mais vantajosa do que corrigir somente a versão final.
4. Não faça todo o trabalho da correcção. Deixe algum para os seus alunos. Em alguns casos pode marcar as incorrecções no texto e pedir-lhes que procurem eles próprios a solução correcta.
5. Dê instruções concretas e práticas e deixe-se de comentários vagos e gerais. Por exemplo, <i>rescreve o texto, amplia o terceiro parágrafo, escreve frases mais curtas...</i> Escreva ou diga coisas que o aluno possa compreender rapidamente.
6. Arranje tempo para que na aula os alunos possam ler e comentar as suas correcções. Assegure-se de que as lêem e aproveitam com elas.
7. Se lhe for possível, fale individualmente com cada aluno. Corrija oralmente os trabalhos escritos deles. É mais prático e seguro.
8. Forneça instrumentos para que o aluno se possa autocorrigir ; ensine-lhe a manusear dicionários e gramáticas, dê-lhes pistas sobre os tipos de erro que cometeram, estimule-os para que revejam os seus escritos...
9. Não tenha pressa em corrigir tudo. Arranje tempo para corrigir com consciência cada escrito. Assegure a qualidade da correcção , embora a quantidade se ressinta com isso.
10. Utilize a correcção como mais um recurso didáctico e não como uma obrigação. Utilize técnicas de correcção variadas. Adapte-as às características de cada aluno.

Uma actividade importante, no final da produção do texto e após a sua correcção e aperfeiçoamento, é que a criança leia aos colegas o que escreveu. Esta actividade permite que ela atribua um significado e uma funcionalidade à escrita, fundamentais para promover o gosto pela escrita.

Por outro lado, os textos escritos pelo(a)s aluno(a)s poderão ser aproveitados para ser trabalhados na aula, à semelhança dos textos de autor do manual, podendo, por exemplo, organizar a turma em grupos: um elabora perguntas de interpretação, outro elabora exercícios de funcionamento da língua, outro elabora exercícios de ortografia e vocabulário. No final, toda a turma resolve os enunciados realizados.

Enquanto documento de consulta, propomos ainda aos/às docentes um instrumento de auto-orientação da avaliação de textos escritos³.

INSTRUMENTO DE AUTO-ORIENTAÇÃO DA AVALIAÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS

	Texto globalmente considerado	Relação entre frases	Frase
Pragmática	<ul style="list-style-type: none"> Adequação do tipo de texto à situação: carta, anúncio... Eficácia do acto comunicativo 	<ul style="list-style-type: none"> Condução do leitor assegurada pela utilização de organizadores textuais: (primeiro, em seguida...) Progressão da informação (meta-regra da progressão) 	<ul style="list-style-type: none"> Variedade na construção de frases Utilização de processos para pôr em relevo a informação principal
Semântica	<ul style="list-style-type: none"> Qualidade da informação (pertinente ao tópico) Vocabulário e registo de língua adequados 	<ul style="list-style-type: none"> Ausência de contradição (meta-regra da contradição) Substitutos lexicais apropriados Eficácia dos articuladores interfrásicos 	<ul style="list-style-type: none"> Léxico adequado, sem imprecisões, nem confusões Carácter de aceitabilidade semântica das frases
Morfossintaxe	<ul style="list-style-type: none"> Correspondência entre modo de organização e tipo de texto Adequação do sistema dos tempos verbais ao tipo de texto Domínio do valor dos tempos verbais 	<ul style="list-style-type: none"> Utilização dos artigos definidos... Utilização dos tempos verbais de modo correcto Utilização adequada das regras da concordância 	<ul style="list-style-type: none"> Carácter de aceitabilidade gramatical da sintaxe da frase Domínio da morfologia verbal (ausência de erros de conjugação) Correcção ortográfica
Aspectos materiais	<ul style="list-style-type: none"> Organização satisfatória no espaço da escrita 	<ul style="list-style-type: none"> Organização adequada da segmentação das unidades do discurso Pontuação adequada 	<ul style="list-style-type: none"> Domínio da pontuação frásica (vírgulas, parêntesis...) Uso adequado das maiúsculas

Nota: Como é explicitado pela própria designação, as sugestões metodológicas são apenas propostas de modos de trabalhar que poderão, e deverão, ser complementadas e enriquecidas com o conhecimento e a experiência profissional de cada docente, bem como adequadas ao respectivo contexto específico de trabalho e de cada grupo de alunos.

³ Odete Santos (1994), Um modelo de estratégia de ensino-aprendizagem da escrita na aula de língua materna, in Fernanda Irene Fonseca (org.), *Pedagogia da Escrita – Perspectivas*, Porto: Porto Editora.



MATEMÁTICA

1_ As Instituições

O professor deve começar por fazer uma revisão dos assuntos tratados na classe anterior, necessários para a continuação dos trabalhos.

Foram identificados alguns assuntos importantes como a localização de pontos no plano e os percursos, onde o aluno tem de procurar e decidir sobre caminhos a utilizar.

O aluno terá de identificar subconjuntos de um conjunto e representá-los, utilizar as noções de direita e esquerda, conhecer os meses do ano e os dias da semana e saber ordenar por ordem crescente ou decrescente.

Apresentam-se, também, situações de comparação de massas, onde o professor deve aproveitar para relembrar a diferença entre massa e peso de qualquer objecto.

Os alunos devem, ainda, demonstrar possuir o domínio das operações adição e subtração bem como o da escrita e leitura de números até cem, fazendo a decomposição dos números em centenas, dezenas e unidades, de acordo com o esquema de construção do sistema de numeração decimal.

Por fim, o professor pede aos alunos que resolvam as questões apresentadas no Caderno de Actividades, de forma a confirmar se há ou não domínio dos conteúdos que recordou com eles, para que possa prosseguir.

2_ A Localidade

Aproveitando a revisão do conceito de conjunto que os alunos fizeram na unidade anterior, o professor vai pedir que representem uma dada quantidade de elementos na forma de conjunto e façam subconjuntos com o mesmo número de elementos cada, dizendo que a reunião desses subconjuntos dará de novo o conjunto.

Em seguida o professor informa que a operação reunião de conjuntos se traduz matematicamente pela adição do número de elementos de cada conjunto.

Os alunos observam no Manual a forma como se chega ao produto de dois números a partir da adição de parcelas iguais, verificando que o multiplicador representa o número de vezes que a parcela se repete.

O professor deve referir que o ábaco é um bom material para introduzir e visualizar esta situação. Neste caso, fazem grupos de três elementos cada que introduzem na haste das unidades e contam o número de vezes que executam esse procedimento.

Os alunos observam, no manual, uma situação representada no ábaco, onde aparecem 4 grupos de 3 unidades cada que, de acordo com o mecanismo do sistema de numeração decimal, se convertem em 1 dezena e 2 unidades.

No Caderno de Actividades devem resolver as situações relacionadas com este assunto.

Em seguida o professor apresenta aos alunos uma situação de produto de um número por uma soma, onde se faz a decomposição do multiplicando em dezenas e unidades e se efectua o produto por partes. Deve recorrer-se do esquema apresentado no Manual onde as dezenas e as unidades estão separadas e coloridas de forma diferente, para a distinguir.

Uma outra forma de efectuar o mesmo produto é utilizar uma tabela de multiplicação. O professor deve pedir aos alunos que a construam e a guardem para utilizar várias vezes na aula durante este tempo em que estão a aprender a multiplicar. É também uma ajuda para treinar a tabuada. Usando a tabela, o professor segue os passos com os alunos em voz alta: primeiro identificam na tabela o multiplicador, na coluna do lado esquerdo, depois, o multiplicando na linha superior, traçam uma seta horizontal e outra vertical, de acordo com os valores identificados e no ponto de encontro dessas linhas aparece o resultado da operação. Fazem este procedimento para cada um dos produtos e no final adicionam os resultados encontrados, obtendo o resultado final.

Os alunos, resolvem, no Caderno de Actividades as situações apresentadas para este assunto, consolidando desta forma a aprendizagem.

O professor em seguida aproveita para treinar com eles o cálculo mental, desenvolvendo algumas estratégias do tipo das que aparecem no Caderno de Actividades. Relativamente à multiplicação, a tabela também é usada para encontrar um dos factores do produto, desde que se conheça o resultado e outro factor. O processo é idêntico ao já descrito e os alunos devem treiná-lo resolvendo as actividades propostas no Caderno de Actividades. Para consolidação e aplicação dos conceitos há no Caderno de Actividades alguns problemas, que os alunos devem resolver, em grupo, e discutir com o professor as dificuldades encontradas.

3_ A Habitação

Nesta unidade, o agrupamento de quantidades realizado de uma forma organizada vai conduzir ao aparecimento do conceito de divisão. O professor deve explorar com os alunos as situações apresentadas e usar a tabela da multiplicação, as vezes que forem necessárias, para encontrar os resultados das operações. Deve explorar situações que evidenciem que a divisão é a operação inversa da multiplicação.

No Caderno de Actividades aparecem vários exercícios que os alunos devem resolver, relacionados com a divisão.

No Manual é dada a explicação de como a partir de situações de partilha se chega à compreensão do conceito de divisão.

Aparece também a descrição de como se pode chegar ao conceito de divisão através do processo das subtracções sucessivas da mesma quantidade à quantidade inicial e contando, no final, o número de vezes que essa quantidade foi subtraída. Esse número é o resultado.

Um outro recurso para encontrar o resultado de uma divisão é a tabela da multiplicação, cujo processo de utilização já foi descrito.

Ao mesmo tempo que, o professor vai explicando os alunos devem acompanhá-lo com a leitura do Manual e a resolução, no Caderno de Actividades, das situações propostas. Aparecem também questões nas quais se pede que os alunos escrevam o enunciado de um problema que seja resolvido através da operação indicada.

4_ As Actividades Económicas

Nesta unidade o professor deve preocupar-se essencialmente com a aprendizagem que os alunos vão fazer do algoritmo da divisão, partindo de uma quantidade, recorrendo à decomposição dessa quantidade em unidades e dezenas e explicando o mecanismo da divisão, que consiste em repartir unidades para obter unidades e dezenas para obter dezenas.

O professor deve começar por apresentar situações onde facilmente o aluno perceba que com um determinado número de dezenas se podem fazer vários grupos

com um menor número de dezenas e o mesmo com as unidades. Só mais tarde se deve introduzir a divisão em que o número de dezenas é inferior ao valor do divisor e portanto não se podem dividir devendo agrupar-se às unidades e serem divididos na globalidade, obtendo-se no final grupos de unidades.

É muito importante que os alunos percebam este mecanismo pois é fundamental para a progressão no cálculo e para a realização de operações de divisão com sucesso. Primeiro, devem saber utilizar correctamente o algoritmo estruturado por ordens e só depois passarem para aquele que todos usamos no dia a dia.

No Caderno de Actividades os alunos resolvem várias situações de divisão recorrendo ao uso do algoritmo. Ainda nesta unidade o estudo da numeração estende-se até dois mil e aparecem, tanto no Manual como no Caderno de Actividades, situações de decomposição de um número em centenas, dezenas e unidades.

O professor deve relacionar as notas e moedas em uso no país com as ordens e classes do sistema de numeração decimal. No Caderno de Actividades os alunos têm vários exercícios para treinar a escrita de números e a sua decomposição, bem como a representação no ábaco de quantidades na ordem de grandeza dos milhares. Os alunos devem, no final desta unidade, saber relacionar o milhar com a unidade e vice-versa.

5_ Os Transportes e as Comunicações

A numeração romana e a numeração decimal devem ser recordadas e estabelecida a diferença entre um sistema de numeração posicional e um não posicional.

O professor deve explicar as regras usadas na representação de números em numeração romana.

Em seguida, os alunos completam, no Caderno de Actividades, os exercícios relacionados com as representações nos dois tipos de numeração, a decimal e a romana.

A aprendizagem da numeração alarga-se agora até dez mil e o professor deve estabelecer as relações entre classes e ordens e pedir aos alunos que completem os quadros, no Caderno de Actividades, com as decomposições dos números em milhares, centenas, dezenas e unidades.

Deve ser estabelecida a ligação entre os valores das moedas e notas e os números até dez mil para que os alunos vejam a aplicação no dia a dia do que estão a estudar na escola.

No Caderno de Actividades aparecem situações de posicionamento dos algarismos nos números e dos valores que eles representam, pois cada algarismo tem um valor absoluto e pode ter muitos valores relativos, representando quantidades com ordens de grandeza muito diversas.

Os alunos preenchem todos os quadros, no Caderno de Actividades, relativos à numeração e representam números em ábacos previamente desenhados, atingindo a dezena de milhar.

No final da unidade aparecem alguns problemas que os alunos vão resolver aplicando os conceitos que estudaram, usando valores monetários e aprendendo a preencher um cheque.

6_ Experiências com Materiais e Objectos de Uso Corrente

A medição de comprimentos, usando unidades de escolha livre, já foi trabalhada pelo professor com os alunos, em anos anteriores. Retomando o assunto o professor deve fazer uma breve revisão, medir comprimentos com uma bitola, das construídas por cada um dos alunos e apresentar a necessidade do uso de uma unidade que seja entendida por todos de igual forma, a unidade standard, que para medir comprimentos é o *METRO* e que tem múltiplos e submúltiplos.

Os alunos recortam as régua desenhadas no Caderno de Actividades e vão medir com elas comprimentos em metros, decímetros ou centímetros, conforme o que lhes é pedido.

O professor deve fazer com que os alunos compreendam as relações existentes entre a unidade padrão e os seus submúltiplos, cujos valores são 10, 100 e 1 000 vezes menores que o da unidade padrão. De igual modo o professor deve estabelecer conversa com as crianças e perguntar se sabem qual é a distância entre Neves e Santa Catarina e como podem medir essa distância.

As crianças irão dar respostas variadas à mesma pergunta mas há-de surgir a palavra quilómetro, unidade de medida com a qual é aconselhado medir aquela distância.

Estas unidades são designadas por múltiplos do metro e os seus valores são 10, 100 e 1 000 vezes maiores que o da unidade padrão, correspondendo ao decâmetro, ao hectómetro e ao quilómetro.

Após dominarem as medições com as unidades de comprimento os alunos vão determinar perímetros de figuras simples. Para uma melhor compreensão do conceito, que consiste na soma das medidas dos comprimentos de todos os seus lados.

O professor aproveita os desenhos das figuras geométricas de que os alunos vão determinar o perímetro para lembrar os nomes de algumas formas, contar o número de lados de cada uma e verifica algumas propriedades. Por exemplo no quadrado os alunos devem verificar, com a ajuda do professor, que os lados opostos são paralelos e têm o mesmo comprimento.

No rectângulo também é possível procurar algumas propriedades deste tipo, como lados opostos paralelos e comprimentos iguais dois a dois.

O professor relembra o conceito de figuras simétricas em relação a uma linha ou eixo e apresenta alguns exemplos de casos em que as figuras são simétricas e de outros onde não são.

No Caderno de Actividades, os alunos observam os desenhos e assinalam os pares de figuras que são simétricas e os que não são, de acordo com a definição do conceito. Em seguida, completam figuras desenhadas em quadriculado, de forma que fiquem simétricas em relação a uma linha.

Para finalizar, resolvem problemas que utilizam medidas e operações com medidas e valores em dinheiro, consolidando os conhecimentos adquiridos.

7_ O Corpo Humano

A partir da apresentação de modelos de sólidos geométricos o professor leva os alunos a identificarem num conjunto de objectos de uso corrente aqueles que têm formas idênticas às dos modelos e a pintarem-nos.

Em seguida, identificam no desenho de um boneco, figuras geométricas planas com formas diferentes e pintam-nas com cores, de acordo com as instruções.

O professor deve apresentar material para poder demonstrar a diferença entre um sólido e um modelo de sólido e construir o “esqueleto” de um ou mais modelos de sólidos, usando palhinhas ou pauzinhos e cliques ou bolas de plasticina. As crianças

devem perceber que uma peça maciça é um sólido, uma oca é um modelo de sólido e que o “esqueleto” mostra a forma do modelo, mas sem superfícies a limitá-lo.

Preenchem, em seguida, uma tabela, onde estão desenhados modelos de sólidos e figuras geométricas, com o número de vezes que cada figura aparece no modelo de sólido.

No sentido de preparar os alunos para, numa próxima unidade, compreenderem como se efectua a planificação de um modelo de sólido, o professor apresenta um cubo de madeira, coloca-o sobre o quadro e contorna a figura. Depois, levanta o sólido e repete o procedimento com todas as superfícies do cubo para que os alunos percebam que tem 6 faces e que é possível desenhá-las todas pegadas umas às outras, como se o cubo tivesse sido aberto e esticado no plano.

Como consolidação de conhecimentos, os alunos resolvem alguns problemas relacionados com a compra de objectos e identificam objectos com formas semelhantes a formas de modelos de sólidos.

8_ A Alimentação

O esquema do Manual apresenta um processo para determinar o produto de um número por outro de dois algarismos, utilizando papel quadriculado para representar a decomposição de cada número em dezenas e unidades e obter a representação do seu produto.

O professor deve interpretar este esquema com os alunos, de forma que eles entendam o mecanismo de construção.

Depois dessa explicação os alunos resolvem vários produtos, no Caderno de Actividades, utilizando uns esquemas cuja construção se baseia no processo descrito no manual. Compreendido o processo, os alunos têm de passar para a representação do algoritmo da operação, que tem por base o processo anterior mas mais simplificado, conduzindo mais tarde ao algoritmo que utilizamos no dia a dia.

Os alunos consultam o Manual, tentando compreender o algoritmo e a forma como se chega ao resultado. O professor deve explicar o processo de construção do algoritmo, para que os alunos o dominem e possam usá-lo na resolução de outras operações.

No Caderno de Actividades, os alunos preenchem os algoritmos de várias operações de multiplicação. Após efectuarem as operações, os alunos resolvem, em grupo, os problemas apresentados, que envolvem operações de multiplicação.

9_ Saúde e Segurança

Os alunos consultam o Manual, onde é apresentada uma divisão inteira.

O professor deve estabelecer a diferença entre a divisão exacta e a divisão inteira, mostrando exemplos e explicando que a primeira tem resto zero e na segunda o resto é sempre um número maior do que zero.

No Caderno de Actividades, os alunos resolvem problemas de repartição de uma dada quantidade em partes iguais e usam mais uma vez uma tabela de multiplicação para encontrar o valor que falta.

O professor deve explicar às crianças que a divisão é a operação inversa da multiplicação e provar-lhes isso, dando vários exemplos de quocientes e dos respectivos produtos entre o divisor e o quociente.

Para consolidação da aprendizagem relativa à determinação de quocientes os alunos devem resolver várias situações no Caderno de Actividades.

Para consolidar os conhecimentos os alunos vão resolver, em grupo, os problemas onde estão descritas situações de divisão.

10_ Seres Vivos e Ambiente

Mais uma vez aparecem situações de numeração, onde temos de considerar classes e ordens.

No Caderno de Actividades, os alunos resolvem as situações propostas, identificando os algarismos de cada número que representam uma determinada ordem ou nomeando a ordem que é representada no número por um dado algarismo.

Farão também a leitura e escrita de números e a sua representação fonética.

Para consolidar conhecimentos os alunos ligam representações do mesmo número ou preenchem etiquetas com produtos de números que representam de formas diferentes o mesmo valor, a centena de milhar.

A seguir voltam ao Manual onde estão representadas partes da unidade. O professor deve acompanhar a leitura do Manual com os alunos, fazer desenhos no quadro que representem a décima parte da unidade e pedir-lhes que completem as situações propostas no Caderno de Actividades, relacionadas com este assunto. Nesse caderno, os alunos pintam desenhos de acordo com as instruções e completam igualdades, relacionando entre si as ordens dos algarismos de números maiores do que a unidade e relacionando a unidade com cada uma das 10 partes em que aparece dividida nos desenhos, chegando assim à noção de décima.

Preenchem ainda tabelas com a representação fonética de números escritos em décimas ou, a partir de representações de números em décimas, escrevem o numeral respectivo, indicando as ordens ocupadas por cada algarismo.

Para consolidar o conceito de décima, os alunos resolvem um problema onde aplicam essa noção. Em seguida, o professor deve apresentar situações de divisão da unidade em 100 e 1 000 partes iguais e pedir aos alunos que consultem no Manual os desenhos correspondentes a uma centésima e a uma milésima e as representações de números escritos dessas formas.

No manual estão representadas situações relativas a uma centésima e a uma milésima, que os alunos devem ler e verificar com o professor se as entendem.

Para melhorar a aprendizagem destes novos conceitos os alunos resolvem, no Caderno de Actividades, várias questões relacionadas com a centésima e a milésima partes de uma unidade, completando tabelas, pintando ou escrevendo números.

O professor, sempre que surjam dúvidas, deve reproduzir o desenho no quadro e explicar ou tentar materializar as situações com objectos ou outro tipo de material de que disponha ou lhe pareça adequado ao desenvolvimento do tema.

11_ O Território

O desenvolvimento desta unidade deve começar por uma conversa entre professor e alunos, no sentido de saber que países eles conhecem ou sabem que existem e como é que se pagam as coisas que se compram nesses países. O

professor lembra a moeda nacional, a dobra, e os seus múltiplos e submúltiplos cujos valores se suportam no sistema de numeração decimal.

Depois desta conversa o professor deve mostrar notas de outros países que não as de São Tomé e Príncipe ou, se não as tiver, pedir aos alunos que consultem o Manual onde aparecem alguns desenhos de notas de outros países, que concerteza eles já ouviram falar.

Em seguida, preenchem no Caderno de Actividades os valores correspondentes às situações criadas com desenhos de notas e moedas, para se familiarizarem com as unidades monetárias de vários países. Em conversa com a classe o professor pergunta se sabem que dinheiro leva um Santomense quando vai a um país estrangeiro, daqueles que eles já conhecem algumas notas e moedas.

Certamente surgem respostas muito variadas. Cabe ao professor sistematizar e aproveitar algumas das respostas para poder explicar que antes das pessoas saírem de São Tomé e Príncipe devem trocar no Banco dobras por moeda do país para onde se vão deslocar, dado que a dobra não pode ser trocada no exterior. Se tivessem cotação internacional as dobras podiam ser trocadas por moeda local, à chegada a um país.

Há portanto necessidade de trocar moeda e para isso existe uma tabela de câmbios, que converte as dobras em moeda do país que queremos visitar.

O professor consulta o manual com os alunos e explica-lhes a forma como se fez o câmbio da moeda, no caso do exemplo apresentado.

Para consolidar este assunto, que é da maior importância para as crianças, pois dá a perspectiva das relações com o exterior, sempre muito apetecidas pelos naturais, os alunos resolvem as situações que se apresentam, no Caderno de Actividades.

Como revisão dos conceitos numéricos e da representação das quantidades estudadas os alunos resolvem os problemas que se apresentam, no Caderno de Actividades. Estes problemas também abordam questões temporais e monetárias.

Uma das questões temporais, os dias da semana, pode servir ao professor para, em conversa com as crianças, chegar à medição do tempo e enumerar as unidades que se utilizam para o medir. Surgem, assim, as horas, que eles já conhecem e que nesta unidade vão utilizar. Após uma pequena revisão sobre a leitura e a marcação das horas, utilizando um relógio com ponteiros de fabrico artesanal ou de compra, o professor vai chamar a atenção para as divisões que existem nos mostradores dos relógios entre os número indicativos de duas horas consecutivas. Nesse espaço aparecem cinco traços equidistantes, que representam os minutos. O

professor deve apresentar várias situações de marcação de horas e minutos, para que eles se habituem a ver como se processa a marcação.

No Manual, os alunos consultam as explicações para um, dois, três e quatro quartos de hora, vendo que correspondem a 1, 2, 3 e 4 vezes o mesmo espaço. O professor explica que entre cada dois números seguidos há 5 traços, logo 5 minutos, e que cada quarto do mostrador tem 15 minutos, o que explica que a hora tenha 60 minutos ou 4 quartos de hora.

Depois de compreenderem o mecanismo de marcação das horas e minutos vão resolver as situações apresentadas no Caderno de Actividades, de leitura de horas e minutos marcados em relógios ou de marcação de horas e minutos em relógios, desenhando os ponteiros nas posições correspondentes.

O professor deve referir que o minuto também se divide em segundos, de forma idêntica à hora com o minuto, cabendo a cada minuto 60 segundos. Dado que a maioria dos relógios não apresenta essa marcação, a mesma não foi registada no Manual nem no Caderno de Actividades, podendo, no entanto, o professor referi-la se lhe parecer importante e facilmente compreensível pelas crianças que tem na classe. No final da unidade deu-se importância à forma como se faz a leitura das horas antes e depois do meio dia. É um assunto que já tinha sido trabalhado anteriormente mas que não é muito fácil para as crianças, devido ao facto de se usarem os números do mostrador do relógio para representar as horas que acontecem antes do meio dia, e esses mesmos números para representar as horas depois do meio dia, mas com valores diferentes.

O professor deve explicar que a partir das 12 horas os valores das horas, no período da tarde/noite, continuam a sequência numérica a partir do 13 e vão até ao 24, que coincide com o 12 do mostrador. Os alunos devem consultar o Manual para uma melhor compreensão deste assunto.

Para consolidar estes conhecimentos as crianças vão resolver as situações propostas no Caderno de Actividades e os problemas que também têm por base situações relacionadas com as horas.

12_ A Terra no Espaço

O professor deve começar por perguntar às crianças se sabem o que é uma superfície e pedir-lhes que dêem exemplo de uma ou mais.

A partir daí o professor indica algumas superfícies que se podem observar na sala de aulas e levanta o problema de como as medir. Já viram antes que as superfícies planas têm duas dimensões e até determinaram o perímetro de algumas delas com formas geométricas simples. O professor deve referir, como se diz no Manual, que também há superfícies curvas e que essas também se podem medir mas que não vão agora aprender a fazê-lo por ser um processo mais difícil do que o das superfícies planas.

Os alunos vão consultar o manual e discutir, em grupo, as dúvidas que lhes surjam sobre este assunto. No Caderno de Actividades, os alunos resolvem a questão relativa à extensão de várias superfícies e ordenam-nas. Em seguida, recortam a figura que se encontra no Caderno de Actividades e separam as 7 peças que a compõem.

Com essas peças constroem várias figuras incluindo as que são propostas no manual. O professor pode sugerir aos alunos a construção de outras figuras com o mesmo número de peças.

Todas as figuras que os alunos construírem devem ser registadas no caderno do aluno, por contorno das figuras finais. Obtêm assim várias superfícies equivalentes, pois têm formas diferentes mas foram todas construídas com as mesmas peças. Depois deste trabalho os alunos pintam, no Caderno de Actividades, superfícies equivalentes e constroem outras em quadriculado. Em seguida, observam no Manual as figuras desenhadas no quadriculado. Contam o número de quadrados de cada figura e verificam que em todas as figuras o número é o mesmo. Surge assim, facilmente, a noção de medida de uma superfície, com referência a uma unidade de medida escolhida, que cobre a superfície o número de vezes necessário para a tapar toda.

Neste caso, a unidade de medida é a quadrícula e o que se mede na superfície é a sua Área. A medida da área de uma superfície é um número, que indica o número de vezes que a unidade de medida foi utilizada para cobrir a figura que se quer medir.

O professor explica aos alunos que a unidade de medida da área pode ser escolhida e que o valor da medida da área varia de acordo com a unidade escolhida, como acontece no caso registado no Manual, medindo a área com um triângulo em vez de um quadrado. Neste caso, a medida da área é o dobro da encontrada com a unidade quadrado, dado que são necessários dois triângulos para construir um quadrado.

Os alunos resolvem, no Caderno de Actividades, as situações relativas à medida da área de várias figuras, usando diferentes unidades de medida e constroem figuras equivalentes para diversas medidas de área.

Para consolidação e aplicação destes conceitos os alunos resolvem o problema proposto e preenchem a tabela relativa às medidas do comprimento e da área de figuras, em relação a uma unidade de medida escolhida, ordenando essas superfícies em relação à sua área.

Cabe ao professor falar com os alunos e apresentar a situação que se gera se cada pessoa usar a unidade de medida que quiser, porque o resultado em vez de ser um são vários.

Para ultrapassar isso foi necessário usar uma unidade igual para todos e foi adoptado o metro quadrado com unidade padrão, à semelhança do que já tinha acontecido para a medição de comprimentos com o metro.

Esta unidade padrão, o m^2 , tem múltiplos e submúltiplos, que têm valores 100, 10 000 e 1 000 000 vezes maiores que o m^2 e 100, 10 000 e 1 000 000 vezes menor que o m^2 , respectivamente.

No Caderno de Actividades, os alunos encontram situações de medição de áreas com unidades standard, que o professor pede que resolvam para melhor compreenderem este tópico.

O professor deve explicar aos alunos que o centímetro quadrado é um quadrado com um centímetro de lado, o mesmo acontecendo com o milímetro quadrado e todas as outras unidades de medida de área, daí, o uso da palavra quadrado e o aparecimento da escrita simbólica, cm^2 , onde o 2 representa as duas dimensões.

Para consolidar conhecimentos adquiridos, os alunos resolvem, no Caderno de Actividades, situações de escrita de valores numa unidade e conversão desses valores noutros, utilizando múltiplos ou submúltiplos da unidade.

Antes de terminarem a aprendizagem da Matemática, neste ano, o professor deve falar sobre a medição de terrenos, tanto dos comprimentos como das larguras e perguntar como seria determinada a área desse terreno. Como é óbvio não deve ser por sobreposição de unidades de medida da área.

Os alunos devem perceber que a área resulta do produto do comprimento pela largura do terreno, cujo resultado nos indica o número de unidades de medida da área que teríamos de utilizar. No Caderno de Actividades há um quadro relativo a este assunto, que os alunos devem preencher para ver se adquiriram a noção e há também uma situação problema em cuja resolução são aplicados conhecimentos relacionados com a área.

1. Introduction
2. Methodology
3. Results
4. Discussion
5. Conclusion



**MEIO FÍSICO
E SOCIAL**

1_ORGANIZAÇÃO SOCIAL: AS INSTITUIÇÕES

Quando nos referimos à organização de uma sociedade estamos-nos a referir nomeadamente ao modo como estão organizadas as instituições políticas, os estabelecimentos públicos e particulares.

É importante realçar que a organização política da sociedade santomense obedece a uma linha hierárquica em que os órgãos de poder nacional democraticamente eleitos, localizados na capital, têm os seus representantes a nível regional/local para poderem responder de forma mais eficaz às necessidades das populações. Esta representatividade das populações só existe em regimes democráticos pelo que é fundamental que todos os cidadãos participem activamente na vida do País escolhendo as pessoas adequadas para desempenharem, com consciência e rigor, as funções próprias de cada instituição pública.

Para abordar este tema com os alunos, poderá começar por ler o texto informativo, fazendo pausas em cada parágrafo para garantir que os alunos entendem a informação nele contida. Aproveite as imagens para colocar questões que permitam o desenvolvimento da capacidade de observação nos alunos. Essas questões poderão ser do tipo:

- Vivemos numa localidade do interior ou do litoral? Porquê?
- Em que distrito? Quais os distritos que fazem fronteira com o nosso?
- Que edifício estamos a observar? Onde se situa?
- No nosso distrito onde fica a Câmara Distrital?
- Para além da Câmara Distrital que outras instituições políticas existem no nosso distrito?

Actividade 1

Organize os seus alunos em grupos com um máximo de 5 elementos. Procure juntar alunos com capacidades diferentes para se poderem ajudar mutuamente. Refira, depois de estarem organizados, a importância do contributo de todos para que a tarefa seja bem realizada. Depois disto explique a tarefa. Os alunos vão realizar um trabalho escrito sobre a sua localidade. Para os orientar nessa tarefa dê-lhes tópicos como:

- Localização da localidade (distrito e localização no País: ilha, interior, litoral, norte, sul...)
- tipos de habitação;

- edifícios religiosos;
- descrição de algum edifício em especial (como Câmara Distrital);
- outros aspectos relevantes a nível local.

Actividade 2

A realização de biografias sobre individualidades locais ou nacionais é uma importante estratégia que permite, entre outros aspectos, aproximar os alunos da realidade do seu País desenvolvendo sentimentos de identificação e atitudes de respeito para com essas individualidades.

A biografia, texto escrito apresentando uma personalidade e seus principais contributos, pode ser organizada em torno dos seguintes tópicos:

Nome completo

Data nascimento

Data de falecimento (quando for o caso)

Local de nascimento

Filiação

Breve história de família

Relato dos seus contributos/feitos na vida do País e/ou da localidade

De referir que as biografias podem ser feitas em torno de personalidades muito diferentes umas das outras: um pintor, um artesão, um político, um professor, um escritor popular, um bailarino...

2_A LOCALIDADE

O conhecimento da localidade começa pela identificação dos elementos que a compõem, ou seja, os elementos naturais, nomeadamente os espaços verdes espontâneos, uma colina ou um vale, e dos elementos construídos como, por exemplo, os edifícios, os arruamentos, os jardins. Para além da identificação dos elementos, os alunos identificam também a sua distribuição e progressivamente vão compreendendo as formas de organização territorial, identificando, por exemplo, áreas residenciais, áreas comerciais ou áreas industriais e vão tomando consciência de quais são as mais ou as menos frequentadas pela população.

Progressivamente os alunos vão identificando pontos de referência individuais ou familiares, que têm a ver com as suas vivências quotidianas, mas também a saberem identificar pontos de referência colectivos relacionados com práticas sociais da sua comunidade. No primeiro caso, o aluno refere, por exemplo, a sua escola ou um jardim entre a casa e a escola, enquanto que, no segundo, caso o aluno poderá fazer referência à igreja, a um mercado ou a um campo de jogos.

Paralelamente, à medida que vão tomando consciência dos elementos, da estrutura e das dinâmicas da sua comunidade, os alunos vão conhecendo outras localidades próximas ou distantes e vão fazendo comparações, identificando semelhanças e diferenças. Num primeiro momento, estas comparações incidem em elementos individuais, naturais e construídos, por exemplo, uma forma de relevo particular ou um edifício, mas progressivamente vão incidindo sobre formas de organização do território, formas de ocupação ou dinâmicas diferenciadas

O professor deverá incentivar essa observação comparativa, através do questionamento de forma a despertar nos alunos a curiosidade e o interesse por perceberem o que observam:

- que elementos naturais existem na tua localidade?
- como é o relevo?
- que tipo de plantas existem?
- que elementos construídos identificas?
- como são os edifícios?
- que actividades neles se desenvolvem?
- como estão distribuídos na localidade?
- como está organizada a tua localidade?
- onde se situa a área comercial? e as áreas habitacionais?
- quais são os principais edifícios de referência da tua comunidade?

- qual é a área mais frequentada pela população da tua comunidade?
- que diferenças encontras entre a tua localidade e outra localidade que conheças?
- que semelhanças existem entre essas localidades?
- sabes explicar as semelhanças que elas apresentam?
- e porque é que elas são diferentes?

Os alunos devem saber ler e transmitir a informação sobre a sua comunidade através de diferentes formas de comunicação, por exemplo, através do texto (actividade 1.1 do caderno de actividades), através do desenho (actividade 1.2) e através de quadros ou tabelas (actividade 2). Além da complementaridade que existe entre estas formas de comunicação, o desenho, se for à vista, obriga a uma selecção do que é mais representativo, e se for de memória obriga a um determinado nível de abstracção além de ser revelador do que é mais significativo para o aluno; as tabelas obrigam os alunos a seleccionarem o que é mais importante e a organizarem a informação de uma forma esquemática.

Para além do conhecimento da sua localidade, os alunos devem alargar os seus horizontes através da comparação da mesma com outras localidades próximas ou distantes (actividades 3). A identificação das semelhanças e diferenças entre as várias localidades deve ser complementada com as respectivas justificações (actividade 4). Os alunos devem ser incentivados a encontrar algumas explicações relacionando o elemento observado com outros elementos ou factores que o possam explicar (por exemplo, a adaptação ao terreno ou ao clima; as actividades económicas; os períodos históricos ou as densidades populacionais).

Actividade 1

Com a ajuda dos alunos, recolher um conjunto de fotografias/recortes de várias localidades. Estabelecer critérios de classificação (por exemplo, localidades piscatórias; localidades junto ao litoral; localidades com edifícios mais antigos, etc.) e organizar posters.

3_A HABITAÇÃO

O Homem sempre precisou de se abrigar por razões de defesa mas também por razões de conforto e de sobrevivência. Primitivamente, o Homem abrigou-se em grutas aproveitando os abrigos naturais, depois iniciou a construção da sua casa utilizando as matérias primas naturais existentes na sua região e, assim, podemos encontrar, por exemplo, as palhotas africanas ou os *iglos* dos esquimós.

Posteriormente a casa foi aumentando em número de divisões e complexificando a sua estrutura por forma a satisfazer outras necessidades como, por exemplo, o lazer (sala de estar) ou uma maior necessidade de privacidade para os membros da família (um quarto para os pais, outro para os filhos). Para além disso, também foram sendo introduzidos novos materiais como é o caso do vidro e dos metais.

Recomendamos que comece por explorar oralmente as imagens do livro colocando questões como:

- Porque terá estacas a casa da primeira imagem?
- Na nossa região há alguma parecida?
- Conseguem contar os andares da imagem do edifício mais alto?
- Que materiais são utilizados na construção das casas?

Actividade 1

Ao retomarmos esta unidade pretendemos que os alunos mobilizem os conhecimentos já adquiridos e alarguem os mesmos. Assim, pode começar por abordar a realidade local em termos de habitações, fazendo visitas de estudo para as observar e descrever. Deverá ter o cuidado de chamar a atenção para os diferentes tipos de casas que possam existir, para as dimensões das mesmas, para os materiais usados na sua construção, para as condições de habitabilidade e de higiene e conservação destas. Durante a visita os alunos deverão desenhar casas que observem e tirar notas.

De regresso à sala de aula, deverá levar os seus alunos a construírem textos a partir das notas que tiraram e ilustrar os mesmos. Os textos devem ser lidos a toda a turma e, se possível, expostos na sala de aula.

Actividade 2

Caso seja possível leve à escola um profissional da construção para explicar aos alunos como se constrói uma casa, quais os procedimentos que seguem

normalmente durante a preparação, como se organizam para realizar o trabalho, que materiais utilizam...

Depois da apresentação feita pelo profissional convidado, dê algum tempo para os alunos colocarem questões, para esclarecerem dúvidas após o que deverá fazer um registo dos principais aspectos referidos. É conveniente recolher notas ao longo da apresentação do profissional para poder depois orientar os seus alunos na realização desse registo. A opção pelo registo pode ser concretizada num texto colectivo que, com o contributo dos alunos, seja escrito no quadro e depois copiado para os cadernos.

Soluções da actividade 8 (Caderno de Actividades) - (palavras relacionadas com o tema habitação incluídas na sopa de letras): Iglô, palafita, colonial, vanplêgá, pavo, prédio, madeira, cimento, pedras, barro.

4_AS ACTIVIDADES ECONÓMICAS

As actividades económicas procuram satisfazer necessidades individuais, de carácter pessoal ou familiar, e necessidades colectivas que garantem a qualidade de vida das pessoas e das comunidades. Em todas as actividades colaboram um conjunto de profissionais que trabalham de uma forma interdependente e dos quais todos os elementos da comunidade dependem. O desenvolvimento das comunidades depende, por isso, de um esforço colectivo em que cada um participa com o seu nível de conhecimentos e de capacidades.

As actividades produtivas, nomeadamente as indústrias, necessitam de um conjunto de matérias de base para confeccionarem os seus produtos; estas matérias de base são designadas por matérias-primas. Dependendo da actividade económica e da fase de produção em que o produto final se encontra, podemos ter matérias-primas não transformadas, por exemplo a madeira em bruto, a areia, as sementes do cafeeiro ou do cacau, ou matérias-primas que já foram submetidas a um primeiro processo de transformação, por exemplo, os marceneiros precisam de pranchas de madeira para fazerem os móveis, os pedreiros precisam de blocos de cimento ou de tijolos para fazerem as paredes.

As matérias-primas, muitas vezes, estão associadas ao consumo de recursos naturais existentes na região ou noutras partes do país. No caso de São Tomé e Príncipe, por exemplo, temos muitas áreas florestais que fornecem a madeira; temos plantações de cafeeiro e de cacau que fornecem as sementes necessárias à produção do café e do cacau; existe uma grande extensão oceânica que fornece o peixe necessário à indústria das conservas. No entanto, também existem actividades que dependem da importação de matérias-primas que são obtidas a partir de recursos que não existem no país, por exemplo, o ferro, o cimento, os tecidos sintéticos, etc.

Os alunos deverão se orientados nesta descoberta das actividades económicas e das matérias-primas e dos recursos necessários ao fabrico de determinados produtos, através de questões, como por exemplo:

- que necessidades individuais tenho no dia-a-dia?
- que necessidades tem a minha família?
- que profissões contribuem para a satisfação dessas necessidades?
- que actividades económicas existem na minha localidade?
- quem trabalha nessas actividades?
- que produtos produzem?
- de que são feitos esses produtos?

- de onde vêm as matérias-primas necessárias para esta actividade económica?
- que recursos naturais existem na nossa região?
- que matérias eles nos fornecem?

Com estas questões, os alunos são incentivados a estabelecer diversos tipos de relações. Por um lado, é importante que os alunos compreendam a relação entre as actividades económicas e a satisfação dos diferentes tipos de necessidades individuais e colectivas (actividade 1 do caderno de actividades), pois isso permite-lhes compreender a razão da sua existência e a sua importância para a qualidade de vida das comunidades.

Por outro lado, é importante também que os alunos compreendam alguns aspectos do processo produtivo, nomeadamente a necessidade de utilização de um conjunto de matérias de base, matérias-primas, que depois de transformadas irão servir de suporte a outras actividades económicas mais complexas ou irão directamente para o mercado de consumo como produto acabado (actividade 2) Outra relação importante que os alunos devem compreender é a existente entre a utilização das matérias-primas pelas várias actividades económicas e o consumo de recursos naturais (actividade 3), em particular os da sua região. Esta relação permitirá que os alunos tomem consciência das suas potencialidades e também dos seus riscos, nomeadamente os relacionados com a sua extinção ou os que resultam dos impactes ambientais.

Actividade 1

Pedir aos alunos que tragam de casa embalagens dos produtos consumidos e, a partir dos ingredientes que eles contêm, fazer uma listagem das matérias-primas utilizadas na sua produção. Uma variante desta actividade será fazer uma listagem de matérias-primas e indicar à frente de cada uma delas os produtos em que aparecem.

Actividade 2

Fazer uma visita de estudo a uma área natural próxima da escola e identificar os recursos naturais existentes. Discutir com os alunos as suas possíveis utilizações nas actividades económicas da região.

5_OS TRANSPORTES E AS COMUNICAÇÕES

À medida que as actividades económicas se foram desenvolvendo foi necessário criar meios para transportar os produtos de uns locais para outros. Também as pessoas se deslocam para outros locais para exercerem as suas profissões, para satisfazerem necessidades várias como ao nível da saúde e do ensino. Os transportes desempenham um papel fundamental na circulação rápida de pessoas e de bens. Estes meios de transporte foram evoluindo ao longo dos tempos e foram também permitindo mudanças como a mais rápida deslocação de mercadorias e de pessoas.

Pode fazer a introdução a esta unidade, « Os meios de Transporte », levando os seus alunos ao exterior da escola para observarem e registarem (em caderno que levam para o efeito) os meios de transporte existentes na sua região. Ao regressarem à sala de aula pergunte aos alunos:

- quais os meios de transporte que observaram?
- o que transportavam, pessoas ou mercadorias?
- eram de transporte individual ou colectivo?

Partindo do que observaram, leve os alunos a descobrirem mais coisas lendo a informação do manual e observando as imagens. À medida que vão realizando estas tarefas vá esclarecendo dúvidas e colocando questões para alargar os conhecimentos dos alunos. Poderão, em seguida, realizar as tarefas do Caderno de Actividades.

Actividade 1

Pedir aos alunos que, em casa, perguntem aos avós como faziam para se deslocarem para distâncias maiores, quando eram crianças. Cada aluno deverá entregar ao professor um texto escrito que deverá corrigir. O melhor texto será lido para todos e afixado na escola. Pode também aproveitar esse texto para ser copiado por todos os alunos e trabalhar em Língua Portuguesa os conteúdos da mesma.

Actividade 2

Pesquisar, com os alunos, informação relativa ao transporte de café, cacau e outros produtos utilizando os caminhos-de-ferro. Esta pesquisa pode ser feita a partir de testemunhos dos mais idosos que tenham vivido nessa época ou em documentos escritos que existam.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Com a invenção da imprensa, no século XVI, pelo alemão **João Gutenberg**, estava aberto o caminho para uma das mais importantes formas de comunicação social. A comunicação social escrita, também designada por imprensa, permite a divulgação de ideias e de notícias por todo o mundo.

Com a evolução da tecnologia surge a rádio e a televisão, em finais do século XIX e início do século XX. A descoberta da rádio é normalmente atribuída ao italiano Marconi e a televisão terá surgido em 1924, em Inglaterra, com John Logie Baird. Estes meios de comunicação social permitem a comunicação com milhões de pessoas e, com o aparecimento dos satélites, para todo o mundo em simultâneo.

É fundamental sensibilizar as crianças para a importância de uma comunicação social livre de censura para que se possa garantir o acesso de todos a uma informação verdadeira.

É fundamental abordar com os alunos a importância dos meios de comunicação social para podermos acompanhar os principais acontecimentos do País e do Mundo. Ao mesmo tempo, chamar a atenção para a necessidade de comunicação que o homem sempre sentiu pelo que criou formas de o fazer mesmo à distância. Leve os alunos a observarem as primeiras imagens do manual e pergunte o que elas representam. Explore as informações do manual, de modo semelhante ao que tem vindo a ser indicado, colocando questões como:

- Se quisermos falar com um amigo nosso que vive em Portugal, como o podemos fazer?
- Para ficarmos a saber notícias, do meu País ou do estrangeiro, que meios de comunicação social posso consultar?

...

Solicite aos alunos que realizem as tarefas do Caderno de Actividades, garantindo a sua correcção e acompanhando-os nessa realização esclarecendo dúvidas ou colocando outras questões que os ajudem a entender as tarefas.

Actividade 1

A simulação de situações reais é uma importante estratégia para desenvolver nos alunos competências várias. É uma espécie de jogo em que «fazemos de conta» que estamos em situação real. Por exemplo, solicite a dois alunos que imaginem que estão ao telefone um com o outro, a conversarem sobre o que quiserem.

Esta estratégia pode ser adoptada para várias situações como, por exemplo, ir ao correio colocar uma carta. Há um diálogo que se tem de estabelecer com o funcionário, há operações que envolvem cálculos matemáticos a partir das operações de pagamento e procedimentos e atitudes de cidadania que se têm de adoptar.

Actividade 2

Leve um jornal para a aula. Mostre-o aos seus alunos, chame a atenção destes para a forma como o jornal está organizado em diferentes rubricas. Selecione uma notícia que considere adequada aos seus alunos quer em dimensão quer em conteúdo. Leia e coloque questões de modo a garantir que compreenderam o conteúdo.

6 _ EXPERIÊNCIAS COM MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE

Durante o 3º ano, pretende-se que os alunos compreendam os estados físicos em que se encontram os diferentes materiais da natureza. Para tal, para além da exploração de diferentes materiais, deverá abordar-se com maior profundidade o caso da água (e dos diferentes estados em que existe na natureza).

O professor poderá iniciar este tema através da exploração das imagens e dos textos do Manual da 3ª Classe. Simultaneamente, poderá colocar as seguintes perguntas a diversos alunos (desta forma, pretende-se valorizar os conhecimentos prévios dos alunos):

- São capazes de dar mais exemplos (para além dos indicados no Manual) de materiais naturais e de materiais artificiais que se encontrem nos diferentes estados (sólido, líquido e gasoso)? Quais?
- Para que servem esses materiais? Em que são utilizados?

O professor também deverá levar para a sala de aula alguns materiais no estado sólido, líquido e gasoso (para este último caso, poderá utilizar um balão ou um saco de plástico cheio de ar) para facilitar a compreensão dos conceitos. De seguida, poderão realizar experiências com diferentes materiais para os alunos confirmarem que os materiais sólidos mantêm a sua forma e volume, os líquidos mantêm o mesmo volume e alteram a forma (consoante o recipiente em que se encontram) e os gasosos não mantêm nem o volume nem a forma.

Relativamente ao caso da água, o professor deverá explicar aos alunos que é a diferença de temperatura nas diferentes situações que explica a existência de água nos três estados físicos. Para que os alunos compreendam as mudanças de estado, deverão realizar as actividades práticas propostas no grupo 3 do caderno de actividades. Estas actividades deverão ser realizadas através de manipulação e exploração dos materiais pelos alunos (sob a supervisão do professor ou de familiares). A manipulação e a observação directa facilitarão a compreensão dos conceitos em causa.

Actividade 1 – Elaboração, apresentação e discussão de relatórios

Depois da realização das actividades práticas propostas no Caderno de Actividades (grupo 3), cada grupo de alunos elaborará um pequeno relatório sobre uma das experiências realizadas onde deverão escrever (e ilustrar com desenhos) o que fizeram, os resultados que obtiveram e as possíveis explicações para esses

resultados. No final, o professor poderá pedir a alunos de cada grupo para apresentarem o trabalho realizado a toda a turma.

7_CORPO HUMANO

Nesta unidade pretende-se que os alunos compreendam as funções e a importância dos diferentes órgãos que constituem o corpo humano. Torna-se necessário que os alunos compreendam as relações complexas que os órgãos estabelecem entre si pois, o corpo humano, à semelhança de uma máquina, só funciona correctamente se as peças estiverem ligadas umas às outras. Quer dizer que as peças não estão separadas e dependem umas das outras: em qualquer altura da nossa vida, os órgãos trabalham em conjunto para manterem o corpo em funcionamento.

Para que os alunos se apercebam da acção conjunta dos diferentes sistemas de órgãos, o professor deverá propor a exploração de situações e actividades bem conhecidas dos alunos: correr, nadar, saltar, etc. Para cada uma destas situações deverão ser discutidas e explicadas as alterações que ocorrem, por exemplo, ao nível dos músculos das pernas e dos braços, do coração e dos pulmões.

Outra dimensão extremamente importante desta unidade é a que se relaciona com a compreensão da necessidade de cuidados médicos e de higiene, de uma alimentação correcta e de exercício físico para um correcto funcionamento do corpo humano. Os alunos deverão ficar a conhecer os comportamentos mais adequados ao funcionamento do seu corpo e a uma vida saudável.

Esta unidade pode ser iniciada através de um diálogo com os alunos sobre os seus conhecimentos prévios acerca da constituição e funcionamento do corpo humano.

- Quais são os órgãos do corpo humano que conhecem?
- Onde se localizam?
- Para que servem?

De seguida, deverão ser discutidos os cuidados a ter com o corpo. Para tal, poderão explorar as imagens e o texto incluídos no Manual da 3ª Classe.

Posteriormente, o ensino dos diferentes sistemas do corpo humano deverá ser efectuado através da seguinte sequência de actividades:

- 1- Discussão dos conhecimentos prévios das crianças sobre o sistema em causa, com o objectivo de o professor utilizar: a) os conhecimentos correctos para iniciar a

abordagem do tema; b) conhecer as eventuais ideias erradas que deverão ser modificadas durante as aulas.

- 2- Utilização das imagens do Manual da 3ª Classe para apresentação dos conceitos e dos termos a ensinar. Chamar a atenção para cada um dos pormenores.
- 3- Leitura dos textos do Manual da 3ª Classe.
- 4- Realização dos questionários, das investigações, das sopas de letras e das palavras cruzadas incluídos no Caderno de Actividades. Conforme vem referido neste Caderno, algumas actividades deverão ser realizadas em casa e outras na sala de aula. As respostas dos alunos deverão ser discutidas na sala de aula, primeiro pelos colegas e, só depois, pelo professor.

As curiosidades apresentadas ao longo deste capítulo pretendem facilitar a aprendizagem de aspectos importantes da constituição e funcionamento do corpo humano.

Actividade 1

Como actividade complementar pode propor-se aos alunos a elaboração de um cartaz ou de um mural sobre os comportamentos mais adequados ao funcionamento do corpo humano e a uma vida saudável.

Actividade 2

Promova um concurso de perguntas e respostas sobre a constituição e o funcionamento do corpo humano. Comece por elaborar uma lista de perguntas (sete perguntas por cada grupo). Cada grupo de alunos deverá responder, alternadamente, a uma questão. Cada resposta acertada pelo grupo dará um ponto. Se o grupo não acertar, não tem pontos e o outro grupo tem a possibilidade de responder a essa pergunta. Ganha o grupo que tiver mais pontos.

Soluções da actividade 5 da secção do sistema digestivo (Caderno de Actividades):

1. Tubo que liga a boca e o estômago. (Esófago)
2. Substâncias que contribuem para a digestão. (Sucos digestivos)
3. Restos não aproveitados dos alimentos. (Fezes)
4. Órgãos que produzem os sucos digestivos. (Glândulas)
5. Passagem dos nutrientes do intestino para o sangue. (Absorção)
6. Órgão através do qual ocorre a absorção dos nutrientes. (Intestino)
7. Órgão existente dentro da boca que ajuda a engolir os alimentos. (Língua)

8. Transformação dos alimentos que comemos em substâncias mais simples. (Digestão)
9. São responsáveis pela mastigação. (Dentes)
10. Uma das glândulas digestivas. (Fígado)
11. Local onde ocorre a mastigação. (Boca)
12. Final do tubo digestivo. (Ânus)

Soluções da actividade 4 da secção do sistema respiratório (Caderno de Actividades):

- 1- Saída de ar dos pulmões. (expiração)
- 2- Tubo principal do aparelho respiratório. (traqueia)
- 3- Ossos que protegem os pulmões. (costelas)
- 4- Entrada de ar nos pulmões. (inspiração)
- 5- Hábito extremamente prejudicial para o aparelho respiratório. (fumar)
- 6- Gás que nos pulmões passa do ar para o sangue. (oxigénio)
- 7- Local através do qual o ar inicia a sua viagem até aos pulmões. (fossas nasais)
- 8- Órgãos esponjosos e de cor rosada necessários à respiração. (pulmões)
- 9- Gás que nos pulmões passa do sangue para o ar. (dióxido de carbono)

Soluções da actividade 4 da secção do sistema circulatório (Caderno de Actividades):

1. Plasma
2. Glóbulos brancos
3. Artérias
4. Plaquetas
5. Coração
6. Gorduras
7. Veias
8. Cardiovasculares

Soluções da actividade 4 da secção do sistema excretor do Caderno de Actividades:

1. Canais que ligam os rins à bexiga. (ureteres)
2. Orifício por onde é eliminada a urina. (uretra)
3. Substância produzida pelo sistema urinário. (urina)
4. Substância eliminada pela pele. (suor)
5. Maior órgão do nosso corpo. (pele)

6. Órgão onde se acumula a urina. (bexiga)
7. Órgãos que produzem a urina. (rins)

8_ALIMENTAÇÃO

A escola desempenha um papel extremamente importante na educação alimentar da população: a) alertando as crianças para a relação directa entre alimentação (completa e equilibrada) e saúde; b) informando as crianças acerca das funções e importância dos diferentes alimentos; c) promovendo hábitos alimentares saudáveis; e d) envolvendo as crianças na realização de campanhas de informação da população.

Durante este ano, serão discutidas as funções e a importância de diferentes alimentos existentes em São Tomé e Príncipe e as regras para uma alimentação correcta e equilibrada. É de extrema importância que as crianças compreendam que comer bem não é comer muito e que é extremamente importante seleccionar, combinar e dosear os alimentos de forma correcta. O segredo de uma boa alimentação passa pela variedade de alimentos que ingerimos.

A discussão deste tema será completada com a realização das questões 1, 3, 4 e 5 do Caderno de Actividades.

As crianças deverão ser convidadas a reflectirem sobre a correcção dos seus hábitos alimentares e a envolverem-se na realização de campanhas de informação da população sobre as regras de uma alimentação correcta.

O professor poderá pedir às crianças para apresentarem aspectos positivos e negativos dos seus hábitos alimentares, tendo por base os alimentos que costumam ingerir em cada refeição. Os itens 2 e 6 do Caderno de Actividades promovem este tipo de investigação e de reflexão.

As respostas aos itens do Caderno de Actividades devem ser discutidas na sala de aula, primeiro pelos alunos (eventualmente divididos em grupo) e, só depois, pelo professor.

Actividade 1

Peça às crianças para, divididos em grupos, investigarem pratos típicos de São Tomé e Príncipe e discutirem a sua adequação do ponto de vista alimentar. Explore bem os aspectos positivos e os aspectos negativos de cada prato típico. Discutam as conclusões de cada grupo.

Actividade 2

Envolva as crianças na realização de uma sessão de informação da população sobre as regras de uma alimentação correcta. Esta sessão poderá decorrer num local fora da escola.

Soluções da actividade 1 da secção sobre alimentação do Caderno de Actividades:

- a) Alimentos que fornecem grande quantidade de energia. (gorduras)
- b) Substância necessária à manutenção da temperatura do corpo. (água)
- c) Gordura de origem vegetal. (óleo de palma)
- d) Alimento necessário para a saúde dos dentes e do esqueleto. (leite)
- e) Alimento que fornece substâncias importantes no combate a doenças. (fruta)
- f) Alimento de origem animal necessário para a formação dos músculos. (carne)
- g) Gordura de origem animal. (manteiga)

9_SAÚDE E SEGURANÇA

Qualquer pessoa pode presenciar ou sofrer um acidente. Logo, a escola deve desempenhar um papel importante tanto na prevenção de acidentes como na preparação dos alunos para lidarem com situações desse tipo.

Nesta unidade são ensinadas noções de cuidados e primeiros socorros em diferentes situações como, por exemplo, hemorragias, mordeduras e picadas de animais, queimaduras e fracturas. Faz-se ainda referência a cuidados preventivos para evitar acidentes na escola, em casa e na rua.

Esta temática poderá ser iniciada através de perguntas aos alunos sobre o que fariam em determinadas situações de risco como, por exemplo, uma queda, uma queimadura ou uma mordedura ou picada de animal.

Os alunos também poderão ser convidados a descrever acidentes que tenham presenciado e a discutir a adequação do auxílio que foi prestado aos acidentados. Estas situações constituem bons pretextos para a discussão das noções de cuidados e primeiros socorros adequadas a cada uma delas.

De seguida, explorem os textos do Manual da 3ª Classe sobre cuidados e primeiros socorros.

As propostas do Caderno de Actividades pretendem envolver os alunos na avaliação das aprendizagens sobre cuidados e primeiros socorros e na construção de um manual ilustrado de primeiros socorros (que explique os comportamentos adequados para diferentes tipos de acidentes) e de uma caixa de primeiros socorros (com os materiais necessários para auxiliar as pessoas no caso de um acidente).

Actividade 1

Peça aos alunos para descreverem num texto um acidente a que tenham assistido, discutindo a correcção e adequação dos cuidados que foram tomados nessa altura.

Actividade 2

Proponha um concurso de perguntas e respostas sobre cuidados e primeiros socorros. Para tal, seleccione dois grupos de seis alunos (A e B). Peça a cada um dos restantes alunos para prepararem duas perguntas (uma para cada grupo) sobre este tema. De seguida, cada grupo deverá responder às questões dos colegas. Atribua um ponto a cada resposta correcta e zero pontos às respostas incorrectas. Registem a pontuação no quadro.

Actividade 3

Na sala de aula, dramatizem situações de acidente para treinarem os primeiros socorros adequados a cada situação.

Soluções da actividade 4 da secção sobre Saúde e Segurança do Caderno de Actividades:

- 1- Substância com que se devem lavar as feridas provocadas por uma mordedura de cão. (água e sabão)
- 2- Substância que se deve colocar numa picada de aranha. (gelo)
- 3- Substância que não se deve colocar numa queimadura. (gordura)
- 4- Perda de sangue. (hemorragia)
- 5- Objecto que deve ser retirado no caso de uma picada de abelha. (ferrão)
- 6- Local por onde deves caminhar quando andas na rua. (passeio)

10_OS SERES VIVOS E O AMBIENTE

As plantas e os animais estão bem adaptados às características dos locais onde vivem. Todos os seres vivos apresentam características que lhes permitem sobreviver em determinadas condições de temperatura, de humidade, de luminosidade, etc. Estes factores do meio que variam de zona para zona e, ainda com o decorrer das estações do ano, afectam muito a vida e a distribuição dos seres vivos. Alguns seres vivos só conseguem viver em ambientes muito secos; outros apenas conseguem viver em ambientes muito húmidos.

Nesta unidade estudam-se as adaptações de alguns seres vivos aos factores do ambiente em que vivem.

O professor deverá iniciar esta unidade, discutindo as ideias prévias das crianças sobre os factores ambientais indispensáveis à vida de plantas e animais concretos (por exemplo, uma planta e um animal). As ideias principais deverão ser escritas no quadro.

A grande diversidade de seres vivos existentes em São Tomé e Príncipe constitui um óptimo recurso para o estudo de diferentes formas de vida e das suas adaptações específicas. Idealmente, este estudo deverá ser feito através do contacto directo com os diferentes seres vivos. Para tal, os alunos serão convidados a realizar diversas actividades experimentais com seres vivos incluídas no Caderno de Actividades (actividades 6 e 7). Estas actividades deverão ser realizadas pelos alunos e não pelo professor. Caberá ao professor o papel de orientador das actividades.

Antes da realização das experiências, os alunos devem efectuar previsões acerca dos resultados que esperam obter. Depois da realização das actividades, os alunos deverão discutir a correcção das suas previsões. Os resultados obtidos devem ser registados sob a forma de um relatório ilustrado com desenhos.

As actividades experimentais constituem uma forma de descobrir o mundo e de satisfazer a curiosidade natural das crianças. O trabalho experimental, sempre que envolva a busca de soluções para problemas levantados pelo professor ou pelos alunos, constitui um instrumento adequado ao desenvolvimento de competências básicas (observar, classificar, prever, medir, inferir, interpretar e comunicar) e de competências científicas (identificação de variáveis, construção de tabelas e gráficos, descrição de relações entre variáveis, selecção e tratamento de informação, formulação de hipóteses, planeamento e execução de investigações), promovendo o pensamento crítico, a criatividade, a auto-aprendizagem e a capacidade de resolução de problemas.

Nesta unidade, os alunos também irão discutir a importância e a utilidade, para os seres humanos, de plantas e de animais existentes em São Tomé e Príncipe. Esta discussão deverá basear-se nos conhecimentos prévios das crianças sobre este assunto.

Finalmente, os temas deverão ser aprofundados através da observação das imagens e da leitura dos textos do Manual da 3ª Classe.

Actividade 1

Crescimento de uma planta (a partir de um bolbo de jacinto)

Algumas plantas crescem a partir de bolbos (em vez de sementes).

Tentem prever as condições mais adequadas para o crescimento de um bolbo. De seguida, verifiquem as previsões utilizando boiões de iogurte e bolbos. Para tal, coloquem bolbos em diferentes condições de humidade, temperatura e luminosidade. Efectuem medições periódicas. Registem as observações efectuadas. Finalmente, concluam sobre as condições mais adequadas ao desenvolvimento do bolbo.

11_TERRITÓRIO

A superfície terrestre está sujeita a vários agentes erosivos que gradualmente vão modificando o relevo, nomeadamente através do desgaste das partes mais elevadas e do preenchimento das zonas mais baixas. A água e o vento são os principais agentes erosivos não só pela intensidade da sua acção mas também pelo seu efeito em toda a sua superfície terrestre. No entanto, não podemos esquecer que a acção do Homem também pode ter um efeito erosivo importante.

A água exerce a sua acção erosiva de diversos modos. A água das chuvas provoca erosão através do impacto das gotas no solo mas também quando a sua escorrência arranca e transporta partículas que depois serão depositadas noutra local. Os rios e os ribeiros exercem a sua erosão através do transporte das areias e das pedras do seu leito e da respectiva acção de desgaste que vai aprofundando os vales. O mar exerce uma acção contínua de erosão sobre as terras do litoral quer por efeitos da ondulação quer por efeito das correntes marítimas litorais que vão transportando materiais ao longo da costa. Nas regiões frias é ainda necessário considerar a acção do gelo que também pode provocar a fracturação das rochas. Por último, é necessário considerar que a humidade atmosférica associada à temperatura, particularmente nas regiões quentes, tem um efeito de dissolução química das rochas que favorece a sua erosão.

O vento quando sopra com mais intensidade tem a capacidade de arrancar partículas das rochas ou do solo e transportá-las até outros locais. As partículas mais finas, como as poeiras, podem permanecer em suspensão na atmosfera durante muito tempo e serem transportadas até longas distâncias. Nos dias mais quentes e mais secos, a atmosfera tem tendência a ficar mais turva e, por consequência, a visibilidade a longa distância diminui devido à existência de grande número de partículas em

suspensão. Esta acção do vento é particularmente evidente nos locais secos ou áridos como os desertos, ou, nas praias extensas do litoral.

O Homem, através da sua acção a nível da superfície terrestre, também pode provocar ou favorecer a erosão. O abate das florestas, ao colocar os solos a descoberto, favorece a sua erosão quer por acção da água quer por acção do vento. A alteração dos cursos dos rios ou as construções no litoral podem acelerar a erosão ou provocar mesmo novos tipos de erosão.

A alteração das rochas por acção dos agentes erosivos e a acumulação de materiais minerais em determinados locais, dá origem à formação de um solo. Os solos, para além dos seus componentes minerais, também integram matéria orgânica resultante da decomposição dos seres vivos animais e vegetais, o chamado húmus. Este húmus é elemento importante na qualidade e na produtividade dos solos.

Ao observarmos um solo, para além dos seus componentes minerais e orgânicos, que irão determinar a sua cor, também devemos ter em consideração a sua textura, que está relacionada com a dimensão das partículas minerais, permitindo que o solo seja mais ou menos poroso, e a sua estrutura que tem a ver com o número de camadas (horizontes) em que o podemos subdividir. É com base neste conjunto de elementos que distinguimos e classificamos os diferentes tipos de solo.

Para melhor compreender estes processos, é importante levar os alunos a observarem directamente o que acontece na natureza e a interrogá-los:

- o que acontece às partículas do solo quando chove?
- porque é que água dos rios fica mais barrenta quando o seu caudal aumenta?
- de onde vem a areia da praia?
- o que acontece à poeira quando está vento?
- o que acontece ao solo barrento quando exposto ao Sol?
- o que acontece ao solo quando o Homem abate as árvores?
- de que cor é o solo?
- que elementos contém?
- as partículas minerais são grandes ou pequenas?
- quando chove ou quando regamos, a água infiltra-se rápido no solo?
- que restos de animais e de plantas identificas no solo?

A observação directa dos fenómenos naturais é sempre importante e, para tal, pode ser utilizado o pátio da escola ou um terreno descampado nas proximidades. Esta observação deve ser orientada por questões como as apresentadas anteriormente e ser complementada por registos escritos. Através dos registos

efectuados no mesmo local, em dias com condições de tempo distintas (actividade 1 do caderno de actividades), os alunos apercebem-se da acção dos diferentes agentes erosivos (a acção do vento, da chuva e do Sol) e da sua complementaridade. Por outro lado, ao registarem as observações do solo, em diferentes locais e com base nos mesmos indicadores (cor; dimensão das partículas; concentração de matéria orgânica) (actividade 2), os alunos aprendem a utilizar critérios de classificação.

Actividade 1

Colocar areia grossa e fina espalhada sobre uma prancha larga de madeira e incliná-la ligeiramente. Com um regador, simular o efeito da chuva sobre a parte mais alta da prancha. Observar a escorrência da água e o seu efeito de transporte sobre as partículas de areia.

Actividade 2

Repetir a experiência mas com a prancha mais inclinada de forma a aumentar a velocidade de escorrência da água. Observar o efeito dessa escorrência, identificando as diferenças em relação à experiência anterior.

Actividade 3

Observar um terreno com ervas e com arbustos, durante um dia de chuva e registar o efeito das gotas de água e da escorrência no solo. Retirar as ervas e os arbustos, deixando o solo a descoberto e voltar a fazer as mesmas observações aquando da ocorrência do próximo dia de chuva.

Actividade 4

Num aquário de vidro, reconstruir com os alunos um solo que tenham previamente observado numa barreira, de modo a identificarem a sua estrutura (por baixo a rocha; por cima a camada mais negra com restos de matéria orgânica; e no meio uma camada constituída quase exclusivamente por areias e argilas). Podem reconstruir vários tipos de solo, cada um em seu aquário.

12_A TERRA NO ESPAÇO

No dia-a-dia utilizamos, quase sempre, formas de localização relativa, servindo-nos de pontos de referência. Expressões como “por detrás do mercado”, “do outro lado da escola”, “entre o jardim e os correios” são reveladoras da utilidade desse tipo de localização pois permitem facilmente, para quem conhece a localidade, dirigir-se ou encontrar os pontos que procura. No entanto, esta forma de localização relativa não tem validade universal pois varia conforme a posição do indivíduo.

Evidentemente que, para muitas situações, é necessário uma forma de localização absoluta que seja universal e duradoura no tempo. Um exemplo de localização absoluta é a nossa direcção pois ela identifica o local exacto onde se encontra a nossa casa. No entanto, muitas vezes é necessário localizar não um local, uma área, mas um ponto exacto à superfície terrestre que pode ser no interior de uma floresta ou em pleno oceano. Foi esta necessidade de rigor que fez surgir um sistema de localização absoluta com base num conjunto de linhas, ou melhor círculos e semicírculos a nível de toda a superfície terrestre, e de cuja intersecção se define um ponto. É como jogar um jogo de Batalha Naval, tão comum entre os jovens.

Para além da localização, também é importante a orientação pois as nossas deslocações ao nível da superfície terrestre assim o exigem. A orientação está muito associada a elementos astronómicos, sendo uma das referências mais conhecidas a orientação pelo Sol. O nascente e o poente constituem pontos de referência comumente aceites pois indicam orientações relativamente precisas. A partir daqui pode-se constituir um sistema de pontos cardeais (Norte; Sul; Este; Oeste) que servem de orientação universal. O Este corresponde à direcção nascente; o Oeste corresponde à direcção poente; se tivermos a nossa mão direita virada para Este e a mão esquerda para Oeste, a direcção à nossa frente é o Norte e a direcção atrás de nós é o Sul.

Este sistema de orientação foi criado a partir da observação do movimento dos corpos celestes, tal como o Sol. O Sol é classificado como uma estrela, por ser um corpo celeste possuidor de luz própria. Tal como o Sol, durante a noite, podemos observar muitos pontos luminosos no céu que correspondem a outras estrelas. A Terra e a Lua, como não têm luz própria, e são iluminadas pela luz solar, são classificadas como planetas.

Associadas a estas problemáticas, existem um conjunto de questões que podemos trabalhar com os alunos:

- onde se localiza a escola?
- qual a localização da escola relativamente ao posto de saúde?

- qual a tua morada?
- porque é que as cartas, normalmente, chegam sempre ao seu destino?
- como podes localizar um ponto da superfície terrestre no mar?
- para que lado da localidade é o nascente?
- que outra designação podemos dar ao nascente?
- se nos posicionarmos do modo a que o nascente fique do lado direito do nosso corpo, que ponto cardeal temos à nossa frente?
- dá exemplos de corpos celestes?
- o que distingue uma estrela de um planeta?
- como se classifica a Terra, enquanto corpo celeste?

Embora sendo a localização relativa a forma mais empregue no dia-a-dia (actividade 1 do caderno de actividades), é necessário que os alunos tomem consciência da necessidade e da utilidade de um sistema universal de localização absoluta. A partir de sistemas de localização como o utilizado no jogo da Batalha Naval (actividade 3), os alunos vão criando uma percepção do sistema de coordenadas geográficas.

Relativamente ao sistema de orientação, os alunos recorrem com muita frequência ao sistema de orientação pelo Sol, nomeadamente através de expressões como: “do lado em que nasce o Sol” ou “virado para o pôr-do-Sol”. Esta situação pode ser aproveitada para trabalhar os pontos cardiais começando por redenominar o nascente (Este) e o poente (Oeste) e introduzindo os outros dois, o Norte e o Sul (actividade 2).

Actividade 1

Desenhar ou pintar, no pátio da escola, uma rosa-dos-ventos, indicando os pontos cardiais. Começar por definir com os alunos, para que lado fica o nascente (Este) e o poente (Oeste) e depois fixar os outros dois pontos. Seguidamente, desenhar a rosa-dos-ventos.

13_PATRIMÓNIO CULTURAL: LÍNGUAS E TRADIÇÕES

Ao abordar-se esta unidade é muito importante permitir aos alunos o conhecimento de aspectos culturais da sua região e do País. As estratégias de pesquisa, de dramatizações de canções, poesia e textos proporcionam momentos muito significativos em termos de identificação social e cultural e de aprendizagem. Desta forma estar-se-á a desenvolver no aluno o sentido de respeito pelas manifestações culturais do seu País e a criar condições para a sua preservação.

Ao abordar esta temática há que valorizar as manifestações mais simples da sabedoria popular nas várias formas de expressão. É tão importante para a cultura de um povo o conhecimento da gastronomia tradicional, a cestaria, as formas artesanais de pesca, por exemplo, como conhecer obras literárias de grandes escritores, pintores ou escultores de São Tomé e Príncipe.

Comece por ler a informação contida no manual. Faça pequenas pausas para ir colocando questões que garantam a compreensão do texto, por exemplo:

- Quais as formas de manifestação da cultura santomense?
- Conhecem as danças referidas no texto? Alguém sabe dançar uma dessas danças? Como se faz?
- Já viram algum destes autos? E o que é um auto?
- Quem quer contar o que viu num destes autos?

...

Depois de explorar bem esta informação, solicite aos alunos a realização das tarefas do Caderno de Actividades como vem sendo habitual.

Actividade 1

Procura, juntamente com os seus alunos, recolher marcas de trajes típicos da sua região junto de idosos ou qualquer outra fonte de informação. Com restos de tecido « vista » figuras com esses trajes típicos. Redija textos que ilustrem as partes que constituem o vestuário e seu significado.

Actividade 2

Com base em recolha feita sobre tradições locais ligadas a festividades (por exemplo, como é que as famílias ainda hoje celebram o « Bocado »), construa um texto com personagens e diálogo. Esses diálogos devem permitir, a todos que

assistam, ficarem a conhecer essa tradição. Esse texto poderá ser dramatizado numa peça de fantoches.

14_PATRIMÓNIO NATURAL

São Tomé e Príncipe tem um património natural muito rico e bem conservado, tanto ao nível da flora como da fauna, fruto da sua localização geográfica, junto ao Equador, da sua insularidade, da sua orografia e das baixas densidades demográficas principalmente no interior das ilhas. De facto, a sua localização equatorial dá-lhe elevados níveis de humidade e de temperatura, praticamente constantes ao longo de todo o ano; a sua condição insular acentua os níveis de humidade e favorece uma reduzida amplitude térmica tanto diária como anual; a sua orografia, de origem vulcânica, marcada pela existência de relevos montanhosos de grande altitude, principalmente no interior da ilha de São Tomé, faz aumentar as precipitações e cria uma diversidade de ecossistemas ao longo das suas encostas; as baixas densidades demográficas, principalmente no interior das ilhas, permitem a existência de grandes áreas em que a intervenção humana, ao longo dos séculos, foi quase insignificante.

Este património natural, ao nível da flora, permite salientar um conjunto de árvores características, como por exemplo, o pinheiro-de-são-tomé, acácia, o embondeiro, a seringueira, o pau-ferro, ou árvores de fruto como a jaqueira, cajamangueira, a planta de fruta-pão. A nível das flores temos as orquídeas, as begónias, as rosas-de-porcelana e os bicos-de-papagaio, havendo ainda a referir a existência nas zonas húmidas de uma grande diversidade de fetos e de musgos. De entre as espécies que foram introduzidas pelo Homem, e que encontraram no arquipélago excelentes condições de adaptação e de sobrevivência, podemos salientar a cana-de-açúcar, o cacauero, o cafezeiro, a palmeira de dendém e os coqueiros.

A nível da fauna, não existem mamíferos de grande porte, pois a densidade das florestas e a orografia da ilha não são favoráveis ao seu desenvolvimento e a sua condição insular foi uma barreira natural à sua emergência. De entre os mamíferos, podemos salientar o macaco-de-são-tomé, a doninha, o gato almiscareiro e várias espécies de ratos e de morcegos. A nível das aves a diversidade é maior e de entre elas salienta-se o periquito, o papagaio, o mocho, o beija-flor e o papa-figos. Existem ainda diversos tipos de répteis, nomeadamente de cobras, de entre as quais a mais venenosa é a cobra negra. A nível dos oceanos, temos a referir a existência de muitas espécies piscícolas como, por exemplo, a cavala, o atum, a garoupa, o pargo, a

corvina, o peixe-voador, o cachucho, além de crustáceos como, por exemplo, o camarão, a lagosta e o caranguejo e de tartarugas, que aproveitam algumas das praias para desovar.

Todo este património natural corre vários riscos, principalmente pela intervenção do Homem, nomeadamente pelo abate de áreas florestais, seja para obter madeira, para criar novos terrenos de cultura ou para abrir estradas. A caça e a pesca, quando praticadas intensamente, também são actividades que podem levar à extinção de algumas espécies, nomeadamente de aves e peixes.

Para assegurar a preservação dos ecossistemas e das espécies, foram definidas áreas protegidas onde a acção do Homem está limitada e controlada, de forma a que não sejam introduzidas alterações nem provocados desequilíbrios ambientais, nomeadamente através de processos de contaminação das águas e dos solos por elementos poluentes. A maior de todas e a mais importante pela sua riqueza é o Parque Natural do Ôbô.

A descoberta da natureza, dos seus elementos, das suas dinâmicas, dos seus mistérios são sempre um factor de interrogação para os alunos:

- como são as áreas naturais na nossa região?
- que árvores podemos identificar?
- que flores e frutos existem?
- são originárias daqui?
- que animais existem?
- que condições ambientais precisam para sobreviver? O que comem? Como vivem?
- que desequilíbrios a acção do Homem tem provocado?
- como podemos proteger as espécies animais e vegetais da acção do Homem?

Para proteger o património natural primeiro é necessário conhecê-lo pois só conhecendo é que o valorizamos (actividade 1 do caderno de actividades). Por outro lado, o conhecimento do património natural também permite tomar consciência dos seus processos de transformação e relacioná-los com a acção do Homem, como é o caso da passagem de uma floresta primária a floresta secundária (actividade 2).

É importante que os alunos conheçam algumas medidas de protecção da natureza, nomeadamente as que se relacionam com a minimização dos impactes ambientais, por exemplo, as relacionadas com a diminuição da poluição das águas e dos solos. Também é importante que conheçam a existência de áreas protegidas,

nomeadamente, a de parques naturais, como o Parque Natural do Ôbô e que tenham consciência de algumas das suas regras de funcionamento (actividade 3).

Actividade 1

Fazer um mostruário de folhas secas das espécies mais significativas do património natural da região.

Actividade 2

Fazer colectivamente um poster com as espécies animais em risco na região.

Actividade 3

Elaborar, em grupo, um conjunto de regras que permitam minimizar o impacto da actividade económica da comunidade local nas áreas naturais envolventes.



**EXPRESSION
PLASTICA**



ORIENTAÇÕES GERAIS PARA O TRABALHO A DESENVOLVER NO ÂMBITO DA EXPRESSÃO PLÁSTICA

1. Introdução

Na 3ª e 4ª classes, os principais objectivos da **expressão plástica**, são os mesmos que tinham sido já definidos para as duas primeiras classes do ensino básico.

Estes objectivos são transversais a todas as áreas da aprendizagem e da escolaridade, visando a possibilidade das crianças se exprimirem **de forma livre**, através das suas representações do mundo, libertando a sua personalidade e afectividade (que, como sabemos, se articulam com a capacidade de aprendizagem).

É preciso ter em conta que o desenho e as representações gráficas e plásticas se integram nas **diferentes fases de desenvolvimento psicológico** (motor, intelectual e afectivo) das crianças.

Quando dizemos que se trata de uma expressão **livre**, isto significa que não deve haver indicações obrigatórias da parte do professor ou da professora (como deve ser o desenho, dar um modelo para copiar, etc.), mas sim incentivar a criança a manifestar espontaneamente o modo como se vê a si própria, às pessoas que a rodeiam e ao mundo que conhece ou imagina.

Para ser mais evidente o que dizemos, deixamos à disposição da/os docentes tabelas que fazem uma síntese das principais características do desenvolvimento das crianças segundo o ponto de vista de vários autores que têm vindo a estudar a evolução da capacidade expressiva e criadora da criança.

DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE EXPRESSIVA DA CRIANÇA

ESTÁDIO	HERBERT READ
Rabiscar (2/4 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - Traçados a lápis sem objectivo: - movimentos puramente musculares do ombro, normalmente da direita para a esquerda. - Traçados a lápis com objectivo: - O rabisco é um centro de atenção e pode começar a ter um nome. - Traçados a lápis imitativos: o interesse dominante é ainda muscular, mas os movimentos do pulso substituíram os dos braços e os movimentos dos dedos tendem a substituir os dos pulsos - normalmente um esforço para imitar os movimentos do desenhador adulto. - Rabiscos localizados: - A criança procura reproduzir partes específicas de um objecto - fase de transição para o estágio seguinte.
Linha (4/5 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - Controlo visual progressivo. - Figura humana - tema favorito - círculo para a cabeça, pontos para os olhos e linhas simples para as pernas. - Raramente, 2º círculo para o corpo e mais raramente um par de linhas para os braços. - Vulgarmente - os pés são representados mais cedo que braços e corpo.
Simbolismo descritivo (5/7 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - Figura humana - é agora reproduzida com cuidado tolerável, mas com esquema simbólico rude. - O esquema geral assume um tipo bastante diferente de criança para criança, mas a mesma criança mantém-se bastante fiel, durante largos períodos, ao seu modelo favorito.
Realismo descritivo (7/9 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - Os desenhos são ainda lógicos, mais do que visuais. - Põem o que conhecem não o que vêm. - Tentam catalogar num tema tudo quanto lembra ou tudo o que lhes interessa. - Tentativas de vista de perfil do rosto. - Ainda não se consideram perspectiva e opacidade. - Começam a revelar interesse pelos detalhes decorativos.
Realismo visual (9/11 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - Passa da fase do desenho de memória e imaginação para a fase de desenho da natureza. - Duas fases: <ol style="list-style-type: none"> 1 - Bidimensional - apenas usa o contorno. 2 - Tridimensional - tenta a consistência. Dá atenção à sobreposição e perspectiva. Tenta a paisagem.
Repressão (11/15 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - Esta fase começa mais vulgarmente aos 13 anos. - Parte do desenvolvimento natural da criança. - Progresso na tentativa de reproduzir objectos: <ul style="list-style-type: none"> É laborioso e lento. Sente-se desiludido e desencorajado. - O interesse é transferido para a expressão através da linguagem. - No desenho (se continua) a preferência vai para desenhos convencionais. - A figura humana torna-se rara.
Renascimento artístico (15/16 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - O desenho floresce pela primeira vez numa actividade artística genuína. - Os desenhos contam uma história. - A distinção entre sexos é nítida. - Raparigas - amor pela riqueza da cor pela graça da forma. - Rapazes - tendem a usar o desenho mais como sai da mecânica e técnica. - Para muitos (as), talvez a maioria esta fase final não é nunca alcançada (por repressão no estágio anterior).

Educación pela Arte, Barcelona, Paidós Ibérica, 1986

DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE EXPRESSIVA DA CRIANÇA

ESTÁDIO	LUQUET
Realismo fortuito (2/4 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - A criança traça para fazer linhas e não para fazer uma imagem. - Faz traços sem qualquer objectivo. - Não está ainda na posse de uma perfeita faculdade arábica. - O desenho é esporádico e torna-se, depois, intencional. - A criança tem o instinto da imitação. - Imita, não para fazer aquilo que faz outra pessoa, mas para fazer como essa pessoa. - Ela traça porque sente que tem um poder criador que a iguala às outras pessoas. <p>Aplica a cada um dos seus desenhos uma interpretação; pode acontecer com frequência que o mesmo traçado receba sucessivamente várias interpretações.</p>
Realismo falhado (4/6 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - Incapacidade sintética - imperfeição geral do desenho (característica do realismo falhado). - O desenho quer ser realista mas não chega a sê-lo. - A criança não sabe ainda dirigir e limitar os seus movimentos arábicos de modo a dar ao seu traçado o aspecto que quereria. - Só reproduz um número restrito de pormenores não ignorando a existência dos que não representa. - Os seus movimentos gráficos correspondem a uma certa ordem dependendo do grau de importância que lhes atribui. - As dimensões relativas dos diversos elementos não têm nenhuma correspondência.
Realismo intelectual (6/9 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - É superada a incapacidade sintética. - O desenho para ser parecido tem que conter todos os elementos reais do objecto, mesmo invisíveis e também os elementos abstratos que só têm existência no espírito do desenhador. - Oposição do realismo intelectual ao realismo visual. - Para indicação de certos pormenores a criança utiliza o contorno ou a mancha de cor. - Existência de legendas nos desenhos (mesmo quando ainda não sabe escrever). - Recorre à pictografia. - A criança inventa espontaneamente os seus processos. - Representação do objecto em projecção no solo (planificação). - Rebatimento (utilizado nos objectos planificados). - Mudança de ponto de vista - (planificação, rebatimento).
Realismo visual (9/16 anos)	<ul style="list-style-type: none"> - Realismo visual (exclui os diferentes processos impostos pelo realismo intelectual.) - à transparência segue-se a opacidade (supressão dos pormenores que são objectivamente invisíveis). - O rebatimento e a mudança de ponto de vista são substituídos pela perspectiva. - Representação do espaço - o sentido da profundidade é dado pela perspectiva linear, sombras, perspectiva cromática.

AUTOR: VIKTOR LOWENFELD
IDADE

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
GARATUJA											
<p>Começa por riscos desordenados que evoluem até se converterem em desenhos.</p> <p>Garatuja desordenada: traços sem sentido, variam em consistência e direcção; não há domínio muscular; a criança não tem intenção de reproduzir o que vê à sua volta; os desenhos são o reflexo do desenvolvimento físico e psicológico.</p> <p>Garatuja controlada: descoberta da relação entre os seus movimentos e os traços que risca no papel; controlo visual nos traços que executa - o que a entusiasma a desenhar; desenha com o nariz colado ao papel.</p> <p>Garatuja com nome: dá um nome aos seus desenhos; desenha com intenção e compara-os com o seu meio ambiente.</p> <p>Cor</p> <p>Desempenha um papel secundário; usa as cores segundo determinada ordem, em relação directa com o lugar em que se encontram na caixa; o uso da cor é necessariamente exploratório.</p> <p>Materiais</p> <p>Deve adaptar-se às necessidades e características da criança; o papel deve ser branco e fino.</p>	<p>PRE-ESQUEMÁTICA</p> <p>Começa a criação consciente da forma. É o começo de uma criação gráfica. Os traços já não são fruto de movimentos corporais, são controlados e referem-se a objectos visuais.</p> <p>Aos cinco anos já se observam casas, pessoas e árvores e aos seis anos o desenho apresenta um tema. A 1ª. forma reconhecível é o homem - o homem cabeçado. A criança desenha o que para ela é mais importante.</p> <p>Distribui os elementos do desenho segundo a forma que vê. Eles parecem não ter qualquer relação entre si quanto à sua disposição no papel. Relaciona o espaço consigo próprio.</p> <p>A maneira de representar as coisas indica as experiências que a criança teve com elas.</p> <p>Cor</p> <p>A relação entre o desenho e o objecto desperta mais interesse do que entre a cor e o objecto; se selecciona alguma cor é por razões mecânicas (ser + espessa); há que dar à criança ampla oportunidade, nesta idade, para descobrir as suas relações com a cor.</p> <p>Só através de uma contínua experimentação, a criança estabelecerá uma correspondência entre as reacções afectivas - cor e a organização harmónica desta no seu desenho.</p>	<p>ESQUEMÁTICA</p> <p>Há um conceito definido do homem e do seu ambiente. Repete continuamente esquemas de objectos e seres vivos. Estes estão determinados pelo significado afectivo que a criança lhes atribui.</p> <p>A figura humana é facilmente reconhecível; desenha diferentes partes do corpo, segundo o conhecimento activo que tem do mesmo. Verifica-se a existência de símbolos para os pés e mãos.</p> <p>Descoberta da existência de uma ordem em relação ao espaço; todo o ambiente se expressa numa linha de base; a linha do céu aparece traçada na parte superior do desenho (o espaço entre as 2 linhas representa o ar).</p> <p>Representações subjectivas são outro tipo de representação do espaço. Há também representações que apresentam um misto de plano e elevação.</p> <p>Nos desenhos infantis aparecem 3 formas de desvios: exagero das partes importantes - supressão das partes não importantes - mudança de símbolos para partes com significado afectivo.</p>	<p>REALISMO</p> <p>Esta etapa da evolução é muito importante na integração social da criança.</p> <p>Surge a distinção rapaz-rapariga devido à tomada de consciência das diferenças físicas. Formam-se grupos segundo o sexo. Tentativa de independência.</p> <p>Na figura humana há distinção entre rapaz (representado com calças) e rapariga (representada com saias). Há uma carência de representação visual (os vestidos não têm pregas e em baixo são rectos).</p> <p>A figura humana é ainda um pouco exagerada, mas vai desaparecendo ao longo da etapa.</p> <p>Os elementos do desenho aproximam-se da natureza e adquirem um significado próprio.</p> <p>A criança já se preocupa com o pormenor.</p> <p>Descobre o plano e desaparece a linha de base.</p> <p>Toma consciência que um objecto pode cobrir outro segundo a sua posição no espaço. Estabelece relações harmoniosas.</p> <p>Cor</p> <p>Existe grande carência na forma como a criança muda a sua expressão. Vai desde a relação cor objecto até à caracterização da cor. Goza com as cores e revela agora uma > sensibilidade para as diferenças e semelhanças entre elas</p>								

El niño e su Arte, Buenos Aires, Kapelusz, 1973

ESTÁDIOS DE DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO DA CRIANÇA

JUDITH BURTON

ESTÁDIO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS	PAPEL DO PROF.
Começo da linguagem artística	As crianças trabalham os materiais; transformam-nos e aprendem os conceitos básicos visuais, relacionais e expressivos.	<p>Traçam ao acaso actividade lúdica. Materiais usados para conjuntos de actividades.</p> <p>Actividades de selecção, controlo e inventivas - aprendizagem das propriedades e qualidades que distinguem cada material.</p> <p>Criação com intenção - linhas, formas, cores e suas combinações em configurações e desenhos.</p>	<p>Reconhecer o conjunto de acções e intenções da criança.</p> <p>Reforçar e ampliar a actividade através do diálogo, concentrando a criança nas suas actividades e aprendizagem.</p> <p>Apresentar novas opções e possibilidades de exploração.</p> <p>Discussão e diálogo.</p>
Os primeiros símbolos visuais	As crianças aprendem a ligar as ideias que têm dos materiais com as ideias que têm das coisas, criando símbolos organizados. Estádios sensoria-lógico e de sentimento - conteúdo de acção.	<p>Identificação depois de um trabalho feito - assunto fluido e pouco consistente.</p> <p>Identificação durante o processo - ideias do assunto fluidas mas moldagem directa da imagem final.</p> <p>Identificação precedente, mas ideia conduzida através de todo o trabalho até à imagem final - ligações ainda baseadas no sentimento e acção.</p>	<p>Deixar a criança ligar as suas ideias com os materiais no seu tempo próprio.</p> <p>Continuar ao suporte de exploração das diferentes propriedades e qualidades dos materiais.</p> <p>Preparar lições estruturadas de modo a fomentar não só a exploração mas também os primeiros passos na criação de símbolos organizados.</p>

JUDITH BURTON

ESTÁDIO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS	PAPEL DO PROF.
Acontecimentos visuais	As crianças aprendem a reflectir nas suas experiências à medida que criam imagens de objectos e composições de acções a contecimentos.	Representações planeadas de objectos: categorias básicas, sub-categorias de identidade, sexo e função. Combinções de objectos em representações planeadas de acontecimentos vívidos directamente ou de memória. Enfoque nos aspectos concretos do contorno, representação de acção, características de pormenor, relações de tamanho e proporção, cor e formas sobrepostas.	Investir em novas curiosidades e interesses no mundo dos objectos e acontecimentos. Focar a exploração das diferentes características dos objectos igual/diferente, pequeno/grande, etc. Fazer a ligação das novas ideias sobre os objectos com as propriedades e qualidades dos materiais e ajudar as crianças a integrar ambos os conjuntos de ideia.
Representação de experiências de imaginação e memória	As crianças vêm o mundo criticamente. Procuram novas informações observando, registando e inventando à medida que criam representações das suas experiências. Começo da preocupação com a representação do espaço tridimensional.	As crianças desgostam-se muitas vezes dos seus próprios esforços. Emergência do interesse na 3ª dimensão: esforço, projecção. Fatos, posições, pormenores compreendidos para mostrar o carácter da pessoa; preocupação com a descrição da proeza na acção, parecer bonito ou feliz.	Encorajar trabalhos de memória e observação e permitir a cada actividade suportar a outra. Convidar as crianças a escolher os modelos de entre uma larga gama de diferentes tipos de objectos manuais e naturais. Fazer descobrir novos pontos de vista, perspectivas não usuais, pormenores característicos e ajudar as crianças a explorar as ligações entre elas. Sustentar e integrar ideias novas sobre os materiais.

JUDITH BURTON

ESTÁDIO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS	PAPEL DO PROF.
Representação de experiências ideias à procura de formas	Os jovens tornam-se conscientes das múltiplas possibilidades e pontos de vista na criação de obras de arte. As suas representações e respostas ao seu trabalho estão intimamente ligadas ao sentido de uma mudança do seu eu e uma perda de competência.	Desencantamento com os seus próprios esforços e tendência para comparar com exemplos adultos. Discrepância entre ideias e sentimentos sobre os assuntos e a habilidade para manipular os materiais de modo a exprimir ideis. Exploração de perspectiva e volume. Representação de temas baseados no amor, poder da morte, fraqueza em relação ao futuro. Exploração de diferentes estilos com ênfase no realismo. Exploração de materiais através de jogos.	Planear exercícios sequenciais designados para reexplorar e alargar ideias sobre os materiais e seu uso potencial. Permitir novas aprendizagens em contextos de interesse para adolescentes. Encorajar a observação cuidadosa e pensada da estrutura, massa e volume dos objectos. Dar suporte ao desenvolvimento de ideias através de uma série de passos estruturados dando possibilidade de mudança e possibilitando a lógica da mudança e transformação. Evitar o ensino de regras formais de perspectiva antes dos jovens terem, eles próprios, adquirido estes conceitos abstratos em contextos de interesse para eles.

NOTA: O conteúdo de cada estádio foi esquematizado. No entanto, é de ter em atenção o facto dos estádios não serem exclusivos. Na prática há uma sobreposição de estádio para estádio e por vezes as crianças podem regressar a um estádio anterior se vier de encontro a uma necessidade. Também, numa classe, o professor tem que reconhecer que pode haver crianças de vários estádios.

A **expressão plástica** deve estar sempre presente e, como foi dito, ser integrada nas outras áreas, de acordo com a ordem das unidades de conteúdo. Com efeito, é um dos melhores meios para conhecer cada criança, as suas vivências e preocupações, sonhos e realidades, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a sua imaginação e criatividade. É importante não esquecer que as propostas de actividades de expressão plástica, devem evoluir em cada classe e em cada ano, em função do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças.

Por tudo isto, não há, na expressão plástica, *exercícios* programados e obrigatórios pois trata-se de uma actividade que se inclui nas propostas das outras disciplinas.

Mas, na 3ª e 4ª classe, as alunas e alunos de forma mais autónoma e elaborada são capazes de utilizar uma maior diversidade de técnicas de expressão plástica, tais como por exemplo: a **colagem** e a **modelagem**. Cada vez mais conseguem conjugar várias técnicas e materiais para a **construção de jogos e materiais**, como fantoches, instrumentos de música, lotos, dómínós, etc.

Técnicas:

Colagem

- A cola pode ser feita de farinha e água
- Podemos assim colar qualquer tipo de materiais – papel; cartão; pedras pequenas; conchas; fragmentos de louça; etc.
- O papel colado pode ser trabalhado de várias maneiras:
 - o O papel é rasgado e conseguimos uma forma com uma justaposição dos diferentes pedaços;
 - o O papel é recortado e podemos juntar outros elementos;
 - o Podemos fazer sobreposições;
 - o Se o papel é transparente ou semitransparente podemos fazer sobreposições jogando com as transparências;
- O mosaico consegue-se a partir da sobreposição de pedras pequenas ou conchas sobre um suporte forte.

Barro

- O barro (terra especial misturada com água) permite fazer bases para a construção de objectos, fantoches, máscaras, que podem ser recobertos com tiras de papel misturadas com cola e pintadas.

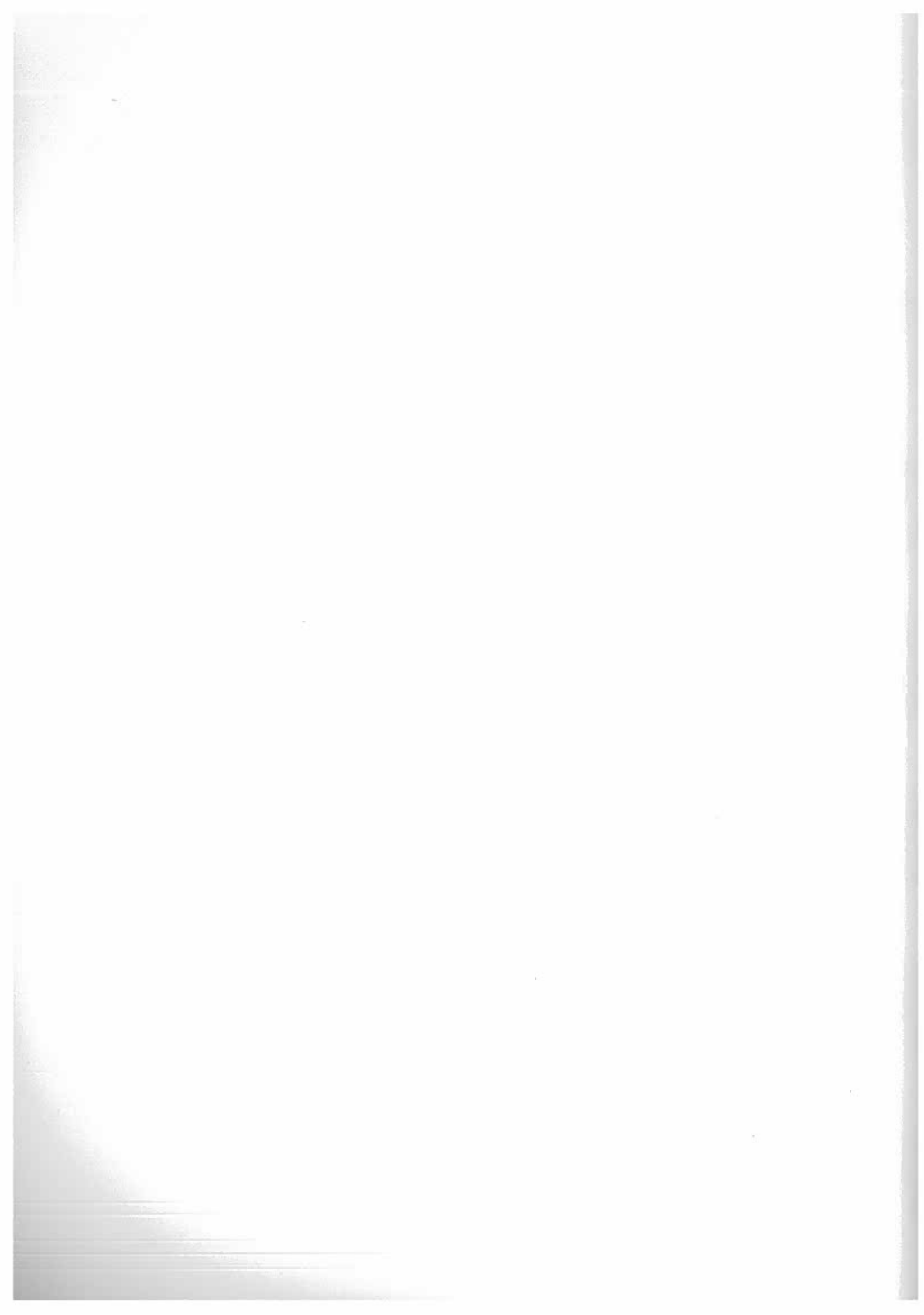


(Exemplo do fantoche)





EXPRESSION DRAMATICA



ORIENTAÇÕES GERAIS

Os jogos e exercícios de Expressão Dramática e Dança para a 3ª classe têm por base os temas e textos trabalhados em Língua Portuguesa. Deverão ser adaptados às necessidades das crianças com quem se trabalha, aos seus gostos ou preferências. Deverá permitir-se às crianças liberdade para também elas proporem temas e jogos, assim como liberdade para criarem as suas improvisações e dramatizações.

Os exercícios e jogos com música poderão ser na sua maioria realizados sem ela, caso não existam recursos, ou substituídos por outros. Para cada sessão são apresentados vários jogos e exercícios. O professor ou professora poderá seleccioná-los ou adaptá-los de umas sessões para outras consoante as necessidades, os objectivos que se propõe e as matérias trabalhadas nas outras áreas curriculares.

Tema I: POR TERRAS DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE: GENTES E HISTÓRIAS DO MEU PAÍS

Sessão 1

Objectivos:

Explorar as potencialidades expressivas do corpo e da voz

Desenvolver a flexibilidade e a mobilidade

Explorar maneiras pessoais de desenvolver o movimento

Juntar movimento com som

Desenvolver o domínio da escrita e da leitura

Desenvolver a capacidade de imitação

Cooperar com os outros em tarefas comuns

1 - O meu Bilhete de Identidade

Cada criança vai realizar o seu Bilhete de Identidade na primeira página do seu caderno diário. Para isso vai primeiro recolher os seguintes elementos: nome completo e nome por que habitualmente é chamado, nome dos pais, local de nascimento, morada, idade, peso, altura. Escolhe um espaço na folha, onde desenha o seu retrato, colorindo-o depois. Em seguida escreve todos os elementos recolhidos, escrevendo ainda ao fundo da página algo de que gosta muito e que também pode desenhar.

Sentam-se em roda depois de colocarem todos os cadernos no centro. Em seguida uma criança de cada vez retira um caderno do centro e lê o *Bilhete de Identidade* que nele está escrito. A criança a quem pertence o caderno levanta-se enquanto escuta a leitura do seu *B.I.*, recolhendo depois o seu caderno.

2 - Andares familiares

As crianças recordam pessoas que conhecem e a sua forma de andar. Em seguida deslocam-se pelo espaço imitando a forma de andar dessas pessoas. Uma criança de cada vez exhibe um dos andares que experimentou enquanto as outras crianças à volta a imitam.

3 - Animais do meu país

As crianças recordam o texto trabalhado em Língua Portuguesa, *As Tartarugas*. Dividem o espaço onde se encontram, em duas partes: a *terra* e o *mar*. Em seguida são convidadas a deslocar-se pelo espaço *terra*, como se fossem tartarugas gigantes muito pesadas, à procura de espaço para pôr os seus ovos.

Encontrado o espaço, cada uma simula escavar um buraco e pôr os ovos.

Depois dirigem-se para o espaço do *mar*, já muito mais leves, e no *mar* simulam nadar com muita leveza ao som de música suave.

2 - As tartaruginhas e os pássaros de mar

Cinco crianças fazem de pássaros de mar voando no espaço do *mar*. As outras crianças são as tartaruginhas que vão nascer e que se encontram espalhadas pelo espaço *terra*. A um sinal começam todas a dirigir-se para o espaço *mar* enquanto os pássaros procuram apanhá-las. As que forem agarradas ficam sentadas no chão e em seguida fazem de pássaros do mar. O jogo termina quando todas as tartaruginhas forem pássaros do mar.

1 - A Tartaruga e a sua voz

Dividem-se em pequenos grupos. Cada grupo representa com os corpos em conjunto uma tartaruga, e cria para a sua tartaruga um som característico como se fosse a sua voz. Depois cada grupo mostra aos outros grupos a sua tartaruga e o som que emite.

2 - Um animal que anda come e dorme

Cada grupo escolhe um animal para representar com os corpos em conjunto. Depois de criarem a sua forma, criam a sua maneira de andar, de comer e de dormir. Cada grupo mostra aos outros grupos o seu animal e as suas três funções: andar, comer e dormir.

3 - O elemento estranho

Cada grupo pensa numa família de animais que se desloca e age no seu *habitat*. Um dos elementos do grupo não pertence a essa família, tendo um comportamento diferente (exemplo: família de rãs e um papagaio). Cada grupo combina o que vai fazer mostrando em seguida aos outros grupos. Estes tentam perceber qual é o elemento estranho.

4 - Tartarugas e outros animais

As crianças, deitadas no chão, em roda e de mãos dadas, vão dizendo uma de cada vez o nome de um animal de que se lembram, pressionando a mão da criança a seguir, para que ela saiba que é a próxima a dizer o nome do animal. Podem dar-se duas ou três voltas para que cada criança diga três ou quatro nomes de animais. Podem repetir-se os animais.

Sessão 2

Objectivos:

Explorar diferentes níveis e direcções no espaço

Realizar uma pequena improvisação interligando diferentes expressões

Improvisar uma dança a partir de danças que conheçam

Cooperar com os outros em actividades interpessoais

Desenvolver a oralidade

1 - O que fazem as mulheres e os homens do meu país

Sentadas em roda, as crianças falam de actividades com que se ocupam as pessoas de S. Tomé e Príncipe, desde as mais simples e familiares, a outras mais complexas. Lembram quem as realiza habitualmente, reflectindo sobre as tarefas tradicionalmente atribuídas às mulheres e aos homens, e sobre as razões possíveis de tal distribuição.

2 - Mimar acções

Escrevem-se no quadro algumas das acções, incluídas nos textos trabalhados em Língua Portuguesa: *A viagem do cacau* e *Lá no Água Grande*. As crianças, espalhadas pela sala, vão mimando livremente as acções à medida que forem ditas: crescer, abrir, colher, cortar, retirar, transportar, triturar, bater, cantar, rir, brincar.

Depois ao ritmo de uma música vão mimando da maneira como for dito:

Crescer para cima/crescer para os lados

Abrir devagar/abrir com força.

Colher em baixo/colher em cima.

Transportar com alegria/transportar com aborrecimento

Triturar devagar/triturar depressa.

Cantar baixinho/cantar alto.

3 - Actividades específicas

Divide-se a turma em dois grupos. A cada grupo é atribuída uma actividade: um grupo fica com a colheita e preparação do cacau até ir para as fábricas de chocolates, o outro grupo fica com a lavagem da roupa no rio.

As crianças de cada grupo organizam-se para realizar as suas tarefas e um grupo de cada vez faz a sua improvisação. Em seguida os dois grupos trocam as tarefas, voltam a organizar-se e a mostrar a sua improvisação, cada um na sua vez. Sentam-se depois em roda e falam da sua experiência, das tarefas que realizaram no jogo, se gostaram ou não, e se gostariam de as realizar em adultos.

4 - Na fábrica de chocolates

Dividem-se as crianças em pequenos grupos. Em cada grupo uma criança faz de fabricante de chocolates as outras são a matéria-prima para um chocolate gigante. Combinam o que o fabricante vai fazer, que forma vai dar ao seu chocolate. Cada *fabricante* faz o seu chocolate, moldando os corpos das crianças do seu grupo. Depois cada um apresenta o seu chocolate gigante.

5 - Roupa lavada para ir à festa

Divide-se a classe em três grupos. Cada grupo decide que roupa vai vestir para ir a uma festa onde vai cantar e dançar. Decide que cantiga vai cantar das que aprendeu em Educação

Musical, e como vai dançar. Um grupo de cada vez faz a sua improvisação: cada criança simula vestir cada uma das peças de roupa para ir à festa, dirigem-se para a festa, organizam o espaço da festa e executam as suas tarefas de cantar e dançar.

6 - Questões de género e outras

Sentadas em roda as crianças falam livremente das actividades que gostariam de realizar ao longo da sua vida, de actividades atribuídas tradicionalmente às mulheres ou aos homens, sendo ajudadas a reflectir sobre a necessidade de contribuir para a não discriminação entre homens e mulheres e entre todas as pessoas em geral.

Sessão 3

Objectivos:

Desenvolver o domínio respiratório e vocal

Explorar capacidades de improvisação

Utilizar objectos em contexto artístico/dramático

Criar coreografias simples

Integrar diferentes áreas de expressão e comunicação

Cooperar com os outros em actividades interpessoais e de grupo

Desenvolver a oralidade

1 - Descontracção

De pé, espalhadas pela sala, as crianças de olhos fechados pensam durante alguns segundos nas suas mãos e no peso que elas têm.

2 - Respiração

De pé, inspiram pelo nariz como se fossem um balão a encher, depois expiram pela boca como se fossem o balão a despejar com som.

3 - Aquecimento vocal

De pé, em roda, as crianças de lábios fechados murmuram uma estrofe de uma música conhecida. Repetem várias vezes

4 - Dicção e prosódia

Todas as crianças, ao mesmo tempo, lêem um pequeno texto de várias maneiras: Silabando, prolongando as vogais, *mastigando* cada uma das palavras, muito depressa, muito devagar, com sono, a rir, a chorar, a discursar, a ralhar, em segredo.

5 - Leitura expressiva

De pé, em roda, cada criança lê um verso do poema *Pué-rupé* trabalhado na Língua Portuguesa, repetindo até todas terem lido.

Voltam a ler mas de forma que cada uma leia um verso diferente.

Wé!... é lido por todas as crianças ao mesmo tempo. Na sua leitura cada criança deve dar expressão com a voz e com o corpo.

6 - A dança do macaco

Cada criança faz uma máscara que represente a cara de um macaco utilizando papel e cola, materiais de desperdício, folhas secas, etc., para fazer a cara, que cola ou prende a um pauzinho que segura na mão.

Dividem-se em pequenos grupos e cada grupo ao som de uma música cria cinco movimentos diferentes para a *dança do macaco*. Escolhem uma sequência para os cinco movimentos e com as máscaras na mão cobrindo o rosto, mostram a sua dança aos outros grupos. Podem repetir escolhendo outro animal.

3 - Final feliz

As crianças, sentadas em roda, reflectem sobre o final da história *Quando os macacos e os meninos eram amigos*, e inventam outro final para a história. Depois dividem-se em grupos de acordo com o número de personagens da sua história, e cada grupo faz uma dramatização da nova versão da história, usando alguns adereços.

4 - Vamos falar do que fizemos

Tema II: POR OUTRAS TERRAS DE ÁFRICA**Sessão 4**

Objectivos:

Descontrair-se

Desenvolver o domínio respiratório e vocal

Produzir texto escrito

Desenvolver a imaginação

Desenvolver a oralidade

Desenvolver o imaginário

Criar caracterização e adereços

Realizar uma dramatização a partir de um guião

1 - Descontrair debaixo do chuveiro

Dividem-se em pequenos grupos e cada grupo forma uma roda de pé. Uma criança de cada vez coloca-se no centro da roda, de olhos fechados, enquanto as outras simulam ser um chuveiro com as pontas dos dedos percorrendo-lhe o corpo da cabeça aos pés.

2 - Soprar a vela

De pé, inspiram pelo nariz, e depois expiram pela boca com som, como se estivessem a apagar uma vela. Repetem 3 vezes.

Repetem o exercício mas agora expiram muito devagarinho como se brincassem com a chama da vela sem a apagar. Repetem três vezes.

3 - Murmurar a canção

De pé, em roda, lembram a canção *Dois ratitos* que aprenderam na 2ª classe e de lábios fechados murmuram a cantiga. Repetem três vezes. Em seguida cantam a cantiga normalmente.

4 - Dramatização

Dividem-se em grupos e cada grupo vai preparar a realização de uma dramatização O guião escolhido deverá ser escrito no quadro para que os grupos se possam orientar.

Guião 1 - *Dois ratitos viajantes*:

Dois ratitos, um de S. Tomé e outro do Príncipe, resolveram ir viajar e conhecer outros países africanos:

1 – Dirigem-se a uma agência de viagens para escolher os países que querem visitar.

2 - Observam o mapa e escolhem.

3 – Escolhem os meios de transporte que vão utilizar.

4 – Visitam lugares nos países que escolheram.

- 5 – Relacionam-se com outros animais ou com pessoas desses países e falam as suas línguas
- 6 – Levam consigo um passageiro clandestino que deixam num desses países.
- 7 – Regressam a S. Tomé e Príncipe.

Cada grupo decide o que vai fazer e distribui as personagens. Em seguida prepara os adereços de que necessita (a caracterização dos ratitos e das outras personagens, a mala de viagem, o postal e a caneta, etc.), organiza o espaço (onde apanham o meio de transporte, onde desembarcam, onde ficam os locais que visitam, as casas dos novos amigos, etc.).

Ensaiam uma vez, e depois cada grupo mostra aos outros a sua dramatização terminando sempre com todos a cantar a canção *Dois ratitos*.

Numa folha de papel todas as personagens ilustram e escrevem um postal a alguém: os ratitos aos amigos ou ao passageiro clandestino, o passageiro clandestino aos ratitos e pessoas dos outros países aos ratitos.

Sentadas em roda cada criança lê o postal que escreveu.

Em seguida expõem os postais para que todos os possam ver e ler.

Guião 2 - *O meu sonho numa garrafa*

Cada criança escreve num pequeno papel um sonho que gostaria de realizar. Colocam todos os papelinhos dentro de um saco. Dividem-se as crianças em grupos, divide-se o número de papelinhos pelo número de grupos, e cada grupo tira a quantidade de papelinhos correspondente. Cada grupo vai então improvisar a partir dos sonhos descritos nos seus papelinhos. Ao longo das improvisações cada criança vai tentando descobrir qual o grupo que improvisou a partir do seu sonho.

Sessão 5

Objectivos:

Aperfeiçoar o domínio corporal

Explorar capacidades de improvisação

Desenvolver o imaginário

Produzir texto escrito

Desenvolver a imaginação

Desenvolver a oralidade

Explorar capacidades de improvisação

Resolver criativamente situações propostas

1 - As sílabas do meu nome

Em roda, de pé, uma criança de cada vez diz o seu nome dividido em sílabas (ex: Gustavo), e acrescenta a cada sílaba um movimento.

Em seguida cada criança repete o nome de outra criança, tal como ela o disse, e com os mesmos movimentos ou com outros que criar.

2 - Os meus pés têm ritmo

As crianças sentam-se todas em roda e movimentam os pés e os dedos dos pés ao ritmo de uma música (ex: dedos para baixo, dedos para cima, rodar os pés, etc.).

3 - O meu corpo tem ritmo

Espalhadas pelo espaço as crianças seguem o ritmo da música movimentando todo o corpo.

4 - A festa do leopardo

Dividem-se as crianças em dois grupos. Um grupo observa, e o outro grupo senta-se no chão, em filas umas atrás das outras. Distribuem-se as personagens do texto que será lido em seguida pelas crianças deste segundo grupo.

À medida que o texto é lido, as personagens que vão sendo referidas levantam-se, e a correr dão a volta ao grupo voltando a sentar-se no seu lugar. Podem retirar-se ou acrescentar-se personagens ao texto para que todas as crianças possam jogar. Depois de realizado o jogo uma primeira vez, pede-se às crianças que escrevam novos textos para jogar, criando outras personagens e situações que poderão ser jogados nesse dia, ou guardados para jogar noutros dias.

Texto:

Era uma vez um leopardo, que vivia muito sozinho, no meio de uma floresta africana. Até que um dia resolveu convidar os seus amigos para uma grande festa. A família leão foi a primeira a chegar vinda de Moçambique. De Angola veio a sua comadre girafa. Do Egipto os dois irmãos crocodilos. As zebras também não faltaram. O hipopótamo Ambrósio foi o mais atrasado. O leopardo estava radiante. A família leão trouxe um presente e os flamingos também. Para animar a festa, vieram de Cabo Verde dois gatos tocadores e de Marrocos um lagarto cantor. Os macacos Giroflé trouxeram bananas, o hipopótamo Ambrósio trouxe um cesto de abacate, o gorila Anastácio não se esqueceu do ananás. A girafa e os flamingos dançaram e os macacos Giroflé e as zebras também. O leopardo bateu palmas de contente. Os dois irmãos crocodilos fizeram acrobacias, e os macacos Giroflé riram à gargalhada com a dança dos flamingos. O lagarto cantou tão bem que a girafa chorou de emoção. Todos os amigos do leopardo à excepção do hipopótamo Ambrósio, que já estava muito ensonado, regressaram nessa noite para as suas terras, deixando o seu amigo leopardo muito satisfeito.

Personagens:

Leopardo

Família leão
Girafa
Crocodilos
Zebras
Hipopótamo
Gatos
Lagarto
Macacos
Flamingos

5 - Improvisar a representação de histórias

As crianças lembram as histórias *O leopardo Nebr* e *O menino e o crocodilo* trabalhadas em língua Portuguesa. Depois dividem-se em grupos e cada grupo prepara livremente a representação de uma das duas histórias, criando um final diferente para a história que escolheu.

6 - Um animal selvagem

As crianças fazem um desenho com animais da selva.
Sentadas em roda mostram o seu desenho e falam dele.

Sessão 6

Objectivos:

- Aperfeiçoar o domínio corporal
- Explorar potencialidades expressivas do corpo
- Explorar maneiras pessoais de desenvolver o movimento
- Aliar movimentos ao som
- Explorar individual e colectivamente diferentes níveis e direcções no espaço
- Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço
- Gerir espaços interpessoais
- Interagir em movimento

1 - O caçador de borboletas

Três crianças fazem de caçadores; as outras crianças são as borboletas. Os caçadores estão imóveis e as borboletas vão voando à sua volta. A um sinal (palmas), os caçadores correm atrás das borboletas até apanharem alguma. As que são apanhadas passam a ser caçadores juntando-se aos outros caçadores. Voltam a ficar imóveis, até novo sinal, e o jogo continua até serem apanhadas todas as borboletas.

2 - A dança das Borboletas

As crianças, ao som de música, experimentam movimentos leves como se fossem borboletas. Em seguida experimentam movimentos pesados como se fossem um animal completamente diferente da borboleta, como um sapo, um hipopótamo, um canguru, uma baleia, etc. Dividem-se em grupos e seleccionam alguns dos movimentos que realizaram, criando uma pequena dança onde se relacionam *borboletas* e *hipopótamos*, por exemplo, inclinando-se, afastando-se, avançando, recuando, parando, rodopiando, elevando-se, baixando-se. Cada grupo mostra a sua dança aos outros grupos.

3 - O caçador de borboletas em teatro de sombras

- 1- As crianças lembram o texto *O caçador de borboletas* trabalhado em Língua Portuguesa.
- 2- Desenham e recortam as personagens que aparecem no texto: o Vladimir, a borboleta, o pai do Vladimir, que prendem depois num pauzinho para poderem manipular, dando-lhes movimento.
- 3- Preparam o ecrã para as sombras: um pano branco suspenso ou uma caixa com um quadrado recortado onde se cola um papel branco.
- 4- Preparam uma fonte de luz.
- 5- Um grupo de cada vez representa o texto em sombras – Exemplos: 1- três crianças manipulam as figuras recortadas dando-lhes movimento expressivo, enquanto outras crianças vão lendo as falas das personagens. 2 – Três crianças manipulam as figuras e improvisam os diálogos. 3 – Três crianças manipulam as figuras e outras crianças improvisam os diálogos. 4 – Cada grupo de crianças cria novas personagens e situações realizando as figuras e improvisando os diálogos.

4 - Vamos falar do que fizemos.



Tema III: PELO RESTO DO MUNDO...

Sessão 7

Objectivos:

- Explorar potencialidades expressivas do corpo
- Coordenar os movimentos com a música
- Explorar diferentes níveis e direcções no espaço
- Recriar o espaço circundante
- Explorar capacidades de improvisação
- Memorizar sequências de movimentos
- Criar coreografias simples
- Desenvolver o imaginário

1 - Os peixes e as aves

As crianças deslocam-se pelo espaço como se fossem peixes no mar, em movimentos sinuosos, com os braços à frente e unindo as mãos. Depois deslocam-se como se fossem aves no céu, abrindo os braços.

2 - A estrela do mar

As crianças em grupos fazem com os corpos em conjunto a forma de uma estrela do mar. Depois movimentam-se como se fossem uma estrela do mar dando movimento à sua estrela.

3 - O mar, o vento e o sol

As crianças, em pequenos grupos, representam com os corpos em conjunto e em movimento, primeiro o mar, depois o vento, e finalmente o sol. Um grupo de cada vez mostra aos outros grupos o que fez.

4 - A dança das algas

Sentadas no chão, todas crianças, ao ritmo de uma música suave, movimentam os braços e o tronco imitando o movimento das algas dentro de água. Depois, em grupos, combinam uma sequência de movimentos criando uma *dança das algas*. Cada grupo mostra a sua dança.

5 - A dança do vento

Deslocando-se por todo o espaço, as crianças, ao som de música, tentam representar diferentes ventos: (ventos suaves, ventos fortes, remoinhos, furacões) que se relacionam entre si: se aproximam, se afastam, correm, rodopiam, baixam-se, elevam-se, recuam, em trajectos serpenteados, com diferentes velocidades e ritmos.

6 - Debaixo do Sol

As crianças imaginam que se encontram num espaço determinado num outro país do mundo, numa hora de sol intenso, e cada uma procura uma forma de se proteger do sol. Depois as crianças que se encontram mais próximas contam umas às outras em que espaço é que se encontram e qual foi a forma que escolheram para se protegerem do sol

7 - Um final divertido

Formam grupos e cada grupo prepara a dramatização do texto *Polegarzito e o ninho*, criando um final com aquilo com que se vão divertir: pesquisar na Internet, brincar, jogar, ajudar os pais em alguma tarefa, fazer uma visita a alguém, etc.

Distribuem as personagens e decidem o que vão fazer. Cada grupo mostra aos outros a sua dramatização.

Sessão 8

Objectivos:

Desenvolver o domínio respiratório e vocal

Desenvolver as capacidades de leitura expressiva

Desenvolver o imaginário

Explorar capacidades de improvisação

Cooperar com os outros em actividades interpessoais e de grupo

1 - O perfume do jardim

De pé, em roda, imaginam que se encontram num jardim com muitas flores, inspirando pelo nariz como se cheirassem as flores e expirando pela boca.

2 - Bá bé bi bó bu

De pé, as crianças tomam consciência do seu diafragma, o músculo que acima da cintura empurra o ar no movimento de expiração, e que na sua saída faz vibrar a laringe e as cordas vocais, permitindo-nos emitir sons vocais, falar, cantar.

Colocando uma das mãos acima da cintura fazem os sons *bá bé bi bó bu*. Repetem várias vezes.

Podem fazer o mesmo com o som das vogais com *má mé mi mó mu*, ou com *cht*.

3 - Ler em conjunto

Lêem o texto *Dois Irmãos*, trabalhado em Língua Portuguesa, da seguinte forma: o professor ou a professora lê o primeiro verso, as crianças repetem em coro, depois a professora lê o segundo verso e as crianças repetem em coro, e sempre assim até ao fim do texto.

4 - Ler a pares

Formam pares, e cada par fica com dois versos do texto, repetindo o texto até todas as crianças ficarem com dois versos. Em seguida um par lê muito baixinho e o par a seguir lê muito alto, alternando sempre até ao final do texto.

5 - Ler com expressão

Cada par tenta decorar os seus dois versos e combina a forma de os dizer com expressão. Depois todos os pares, uns a seguir aos outros, dizem os seus versos, repetindo-se o texto as vezes necessárias para que todos os pares digam os dois versos que trabalharam.

6 - Os contrastes

As crianças, em grupos, improvisam situações a partir de contrastes que existem no mundo: noite/dia, calor/frio, mar/terra, montanha/planície. Cada grupo improvisa por exemplo a partir de actividades que se fazem na montanha e outras que se realizam na planície, actividades que se realizam num país frio e outras que se realizam num país quente, etc.

7 - A união faz a força

Cada grupo inspirando-se no texto *Um bom conselho*, trabalhado em Língua Portuguesa, faz uma improvisação a partir do lema *a união faz a força*.

8 - Desenho a partir das improvisações

Cada criança faz um desenho a partir das improvisações que foram realizadas. Sentadas em roda as crianças falam dos seus desenhos.

Sessão 9

Objectivos:

Desenvolver a postura, flexibilidade e mobilidade

Utilizar e transformar objectos através da imaginação

Mimar atitudes, gestos e acções

Explorar criativamente diferentes formas de dizer textos

Pesquisar danças populares

Organizar de forma criativa elementos das suas vivências pessoais

Explorar maneiras pessoais de desenvolver o movimento

1 - Soldadinhos ingleses

Uma criança faz de capitão e as outras são os soldadinhos. O capitão corre atrás dos soldadinhos, que para não serem transformados em capitão, param e fazem continência para depois fugirem logo a seguir, não podendo ficar parados. Quando o capitão apanha um soldadinho na fuga, este fica no lugar de capitão correndo atrás dos outros soldadinhos.

2 - Nova função para um objecto

As crianças sentam-se em roda e vão passando um objecto ligado à culinária. Cada criança antes de passar o objecto serve-se dele dando-lhe uma outra função, como por exemplo: uma tampa de panela pode ser um volante de automóvel, um leque, um chapéu, etc.

3 - Manjares do mundo

As crianças investigam sobre diferentes comidas e modos de comer que existem no mundo: com pauzinhos, com faca e garfo, com as mãos, com colher. Em grupos, cada grupo combina uma comida e uma forma de a comer. Depois cada grupo mostra em mímica e os outros grupos tentam descobrir de que se trata.

4 - Ler a pares

Formam pares. As crianças de cada par colocam-se frente a frente e lêem o poema *A bailarina*, trabalhado em Língua Portuguesa, afastando-se, e sussurrando e articulando muito bem cada uma das palavras, olhando-se de vez em quando para seguirem a leitura em conjunto. Afastam-se e depois aproximam-se, continuando a leitura, e adaptando a altura da voz à distância do par.

5 - Leitura com movimento

Formam pares, e cada par escreve numa folha, e tenta decorar a estrofe ou dois versos com que fica do poema *A bailarina*. Cada par combina a movimentação que vai acrescentar aos seus versos, que em seguida diz na sua vez, mimando ao mesmo tempo. O poema é repetido até todas os pares terem dito os seus versos. Uma outra criança segue a leitura, para ajudar outras que na sua vez não se lembrem bem dos seus versos.

Ex: *Esta menina* - apontam para si próprias dando expressão ao seu movimento.

Tão pequenina - fazem gesto a indicar pequenez.

Quer ser bailarina - fazem movimento de dança, etc.

6 - Danças que eu sei

1 - As crianças lembram danças que conhecem: danças tradicionais de S. Tomé e Príncipe ou outras, e dançam, ensinando os que não sabem.

2 - Registam no quadro e depois passam para o caderno os nomes das danças de que se lembram. O professor ou professora dá uma ajuda caso as crianças tenham dificuldade em se lembrar de danças.

7 - Danças inventadas

Ao som de músicas variadas as crianças inventam movimentos de dança para cada uma das músicas.

8 - Desenho de alguém que dança

As crianças desenham uma pessoa ou pessoas a dançar escrevendo no seu desenho o nome da dança conhecida ou inventada. Depois mostram os seus desenhos e falam deles.

Sessão10

Objectivos:

Aperfeiçoar o domínio corporal

Explorar maneiras pessoais de desenvolver o movimento

Recriar o espaço circundante

Gerir espaços interpessoais

Improvisar a partir de objectos

Desenvolver a oralidade

Utilizar objectos em contexto artístico/dramático

1 - Os comerciantes e os piratas

Dividem o espaço em continentes, oceanos, e um pequeno espaço que é o navio dos piratas. Os continentes são representados por espaços delimitados por uma linha formando um círculo, o espaço entre os círculos corresponde aos oceanos, o navio é também delimitado por uma linha formando um círculo mais pequeno. Um grupo de crianças distribuem-se pelos continentes ficando dentro dos círculos, e são mercadores que transportam mercadorias de uns continentes para outros. Outras crianças ficam no espaço dos oceanos, e são os piratas que assaltam os comerciantes. A um sinal começa o jogo: os mercadores tentam atravessar os oceanos, e os piratas tentam assaltá-los, prendê-los, e levá-los para o seu navio. O jogo acaba quando todos tiverem sido presos. Em seguida, sentam-se no chão em roda, e os comerciantes relatam de onde partiram, e o que transportavam, até serem presos. Os piratas contam das dificuldades que tiveram em prendê-los.

2 - Uma história para um objecto

Solicita-se que cada criança traga para a escola um pequeno objecto (pedra, pauzinho, boneco, pedaço de cordel, livro, etc.).

Sentam-se em roda, e cada criança mostra o seu objecto contando uma pequena história inventada sobre o seu objecto (ex: o pauzinho é uma varinha mágica que lhe foi oferecida, etc.; o boneco caiu do céu num dia de chuva, etc., etc.).

3 - Improvisação a partir de um objecto

Em grupos, cada grupo vai escolher uma das histórias que foram contadas sobre os objectos, e vai fazer uma improvisação a partir dela, utilizando o objecto correspondente. Cria as acções, distribui as personagens, e realiza a sua improvisação para os outros grupos.

4 - Vamos falar do que fizemos

Sessão 11

Objectivos:

Aperfeiçoar o domínio corporal

Desenvolver a expressão escrita

Desenvolver a oralidade

Desenvolver a imaginação

Explorar capacidades de improvisação

Cooperar com os outros em actividades interpessoais e de grupo

1 - Marchar

As crianças colocam-se em filas prontas para marchar. Uma das crianças fica de fora e marca o ritmo com que as outras vão marchar, batendo as palmas: *devagar, depressa, a correr, etc.*, trocando depois com outra criança.

2 - Conhecer uma festa do mundo

As crianças investigam no seio da sua família, na comunidade, entre os vizinhos, os amigos, etc., sobre outras festividades para além do Natal, que existem no seu país e no mundo.

Cada criança pensa onde gostaria de ir viajar para conhecer uma festividade, e depois escolhe um par a quem vai contar a *viagem que fez* e a festividade que *conheceu*, dizendo onde foi, e o que viu e viveu. Para isso os pares sentam-se frente a frente e simulam comunicar por telefone.

2 - Um cartão ilustrado

Cada criança escreve um cartão a uma criança de outro país, e ilustra o seu cartão. Depois colocam-se todos os cartões numa caixa e as crianças tiram um cartão à sorte. Cada criança lê o cartão que tirou e tenta adivinhar quem o escreveu. Quem o escreveu identifica-se e recebe o seu cartão de volta. Os cartões podem pôr-se em exposição na sala de aula para que todos os possam ler.

3 - A nossa festa inventada

Cada grupo inventa uma festa determinando o que celebram, que rituais fazem, como se vestem, etc., e em que região do mundo realizam a sua festa: numa região muito fria, onde cai neve, numa região muito quente, numa região de montanha, à beira mar, etc.

Cada grupo prepara a sua festividade, procurando usar guarda-roupa adequado que pode fazer com roupas velhas, jornais velhos pintados, folhas de árvores, etc.

4 - Vamos falar do que fizemos**Sessão 12**

Objectivos:

Desenvolver potencialidades expressivas do corpo

Tomar consciência de si próprio na relação com os objectos

Desenvolver a confiança

Desenvolver a oralidade

Desenvolver o domínio da leitura e da escrita

Desenvolver o imaginário

Explorar capacidades de improvisação

Participar em actividades interpessoais e de grupo

1 - O peso dos livros

As crianças movimentam-se pelo espaço como se carregassem livros, ora muito pesados ora muito leves.

2 - Cumprimento de olhos fechados

As crianças movimentam-se pelo espaço de olhos fechados como se empurrassem um grande carro cheio de livros, empurrando-o com os braços esticados e as palmas das mãos viradas para a frente. Sempre que tocarem noutra criança dizem o seu próprio nome (Olá! Eu sou...) e seguem.

No final abrem os olhos e cada criança lembra os nomes das outras crianças que cumprimentou.

3 - O meu nome rima com...

Sentadas no chão as crianças criam frases em que o seu nome rime com uma outra palavra. Exemplo: *O meu nome é Teresa e tenho muita esperteza.* Quando a rima for difícil acrescentam uma palavra ao nome. Exemplo: *Eu chamo-me Deolinda Amarelinha tenho nome de rainha.*

4 - O que eu adoro e o que eu detesto no mundo

Cada criança escreve num papelinho uma coisa que adora e uma coisa que detesta, das coisas que há no mundo. Colocam-se todos os papelinhos numa caixa.

Formam grupos e cada elemento de cada grupo tira um papelinho à sorte de dentro da caixa, ficando cada grupo com vários papelinhos. Cada grupo vai agora representar por gestos e por palavras o que está contido em cada um dos papelinhos que tem. As outras crianças tentam descobrir o que estava escrito nos diferentes papelinhos. No final cada criança do grupo lê um dos papelinhos.

5 - Leitura criativa em grupo

Cada grupo escolhe um poema do Manual. Em seguida cada grupo prepara a sua leitura em coro, determinando quais as partes que vai ler devagar, as que vai ler depressa, alto, sussurrando, com determinada entoação, etc. Cada grupo ensaia primeiro e depois lê para os outros grupos.

6 - Título para um livro

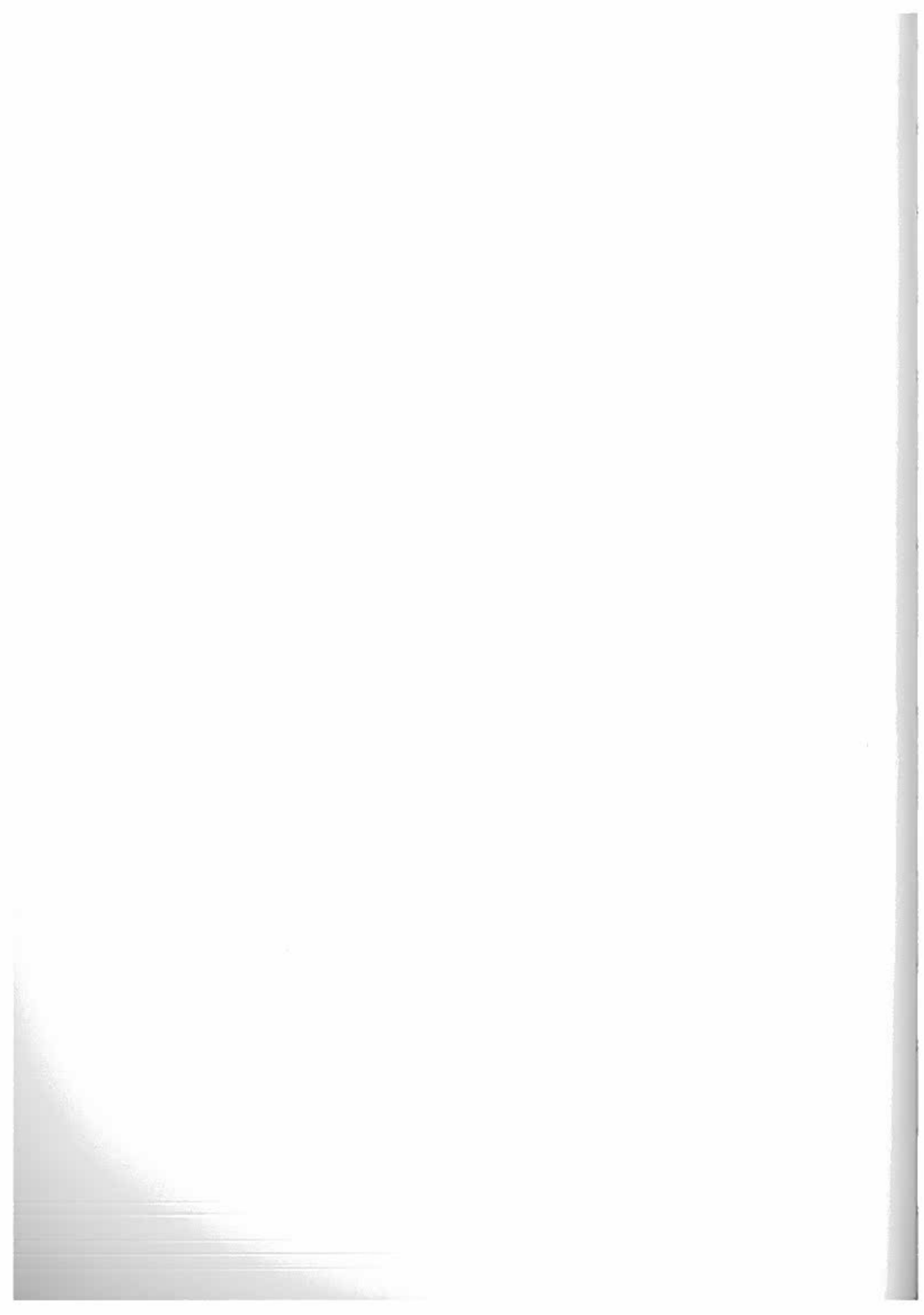
Cada grupo cria um título para um livro. Depois sorteiam-se os títulos ficando cada grupo com o seu. Um grupo de cada vez vai depois inventar o conteúdo do livro a partir do título que lhe calhou. Combinam o que cada um vai dizer e depois contam, improvisando, enquanto os outros escutam.

7 - O livro que eu gostava de ler

As crianças sentam-se no chão em roda e cada uma fala sobre um livro imaginário que gostaria de ler.



**EXPRESSION
MUSICAL**



ORIENTAÇÕES GERAIS PARA O TRABALHO A DESENVOLVER NO ÂMBITO DA EXPRESSÃO MUSICAL

Para o trabalho a desenvolver no âmbito da Expressão Musical, o Livro de Sugestões Pedagógicas do 3º Ano segue a mesma lógica do 2º Ano. Sugere-se, assim, que continue a ser utilizada a mesma estrutura para a dinamização das sessões de Expressão Musical, ou seja, que estas se continuem a organizar em torno dos sete momentos referidos no Livro do 1º Ano, de forma a facilitar a abordagem dos diferentes domínios do programa e respectivos conteúdos.

À semelhança do Livro do 2º Ano, para cada uma das unidades temáticas (Organização social, Povoamento, etc) são sugeridas algumas actividades - distribuídas pelos sete momentos em que se estruturam as sessões de Expressão Musical – cabendo ao/a professor/a seleccionar aquelas que vai utilizar em cada sessão a desenvolver com as crianças, respeitando, obviamente, a lógica subjacente à estrutura adoptada. Partindo do pressuposto que no 3º Ano o/a Professor/a já se sente mais seguro/a relativamente à área da Expressão Musical, apela-se à sua iniciativa, no sentido de criar e propor actividades diferentes das sugeridas aqui.

Insistimos, mais uma vez, na necessidade de conservar os instrumentos musicais existentes na sala de aula. No 3º ano, parte-se do princípio que estão disponíveis e operacionais muitos dos instrumentos construídos nos 1º e 2º anos.

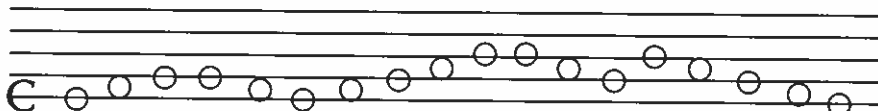
Finalmente, importa referir que, sendo fundamental assegurar a leccionação de uma aula de Expressão Musical por semana, cabe ao professor, de acordo com o seu plano de trabalho, fazer a gestão das várias actividades e conteúdos a trabalhar, nada impedindo que actividades sugeridas no âmbito de uma unidade temática sejam desenvolvidas no âmbito de outra, embora se tenha tido como referência que, em média, cada uma dessas unidades seria trabalhada durante, aproximadamente, 2 semanas.

1. ORGANIZAÇÃO SOCIAL – AS INSTITUIÇÕES**TRABALHO VOCAL**

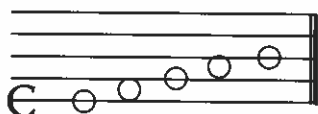
1. **Exercícios de respiração.** Vamos encher os nossos pulmões de ar e depois vamos deitá-lo fora, de uma só vez, utilizando o som "ssss". Repetir o exercício, mas deitar o ar fora de forma fraccionada, utilizando o mesmo som. (Ex.: em 3 vezes, em 5, etc.)
2. **Vocalizo 5** (vd. sessões 11 e 12 do Livro da 2ª Classe)
3. **Vocalizo 6** (vd. sessões 15 e 16 do Livro da 2ª Classe)

TRABALHO MELÓDICO

1. Reprodução de pequenas frases melódicas utilizando a sílaba "NU".
2. Reprodução de pequenas frases melódicas, mas com os nomes das notas. O/A professor/a entoar uma sequência de 6 notas acompanhada do gesto melódico. Depois de a terem ouvido em silêncio (1 ou 2 vezes), as crianças repetem-na, fazendo igualmente o gesto melódico.
NB. Embora na 2ª classe já tenham sido apresentadas e entoadas todas as notas musicais, sugerimos que, durante as 3 primeiras unidades da 3ª classe, se trabalhem apenas as primeiras 5 notas (pentacórdio).
3. Leituras no pentacórdio (Dó, Ré, Mi, Fá, Sol), utilizando o gesto melódico e a pauta. No caso do gesto melódico, as crianças deverão cantar as notas correspondentes aos movimentos que vão sendo efectuados pelo/a professor/a. No caso da leitura na pauta, esta pode ser feita de duas formas:
 - a) Leitura corrida, tendo as crianças que dizer e entoar a sequência de notas, pela ordem que estas aparecem. Ex.:



- b) Leitura no diagrama, cabendo às crianças dizer e entoar as notas que vão sendo apontadas pelo/a professor/a

**JOGOS CORPORAIS**

1. Recorrendo a instrumentos ou com os batimentos corporais, O/A professor/a vai improvisar, pedindo aos alunos que se movimentem livremente, ao som desse estímulo.
2. As crianças vão efectuar o movimento de marchar – começando todas com o pé esquerdo – mas sem sair do mesmo sitio. O/A professor/a vai dando indicações sobre os movimentos que as crianças terão de fazer ao mesmo tempo que marcham.
Ex.: Quando o pé esquerdo bate no chão põem as mãos na cabeça; quando bate o direito, esticam os braços para cima.
Ou, com o batimento do pé esquerdo batem duas palmas; com o batimento do pé direito colocam as mãos sobre os ombros respectivos.

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas, utilizando batimentos corporais.
2. Improvisação rítmica. Utilizando batimentos corporais, o (a) professor faz uma “pergunta” a que os alunos responderão. Esta conversação deverá ser acompanhada da marcação da pulsação por parte de todos (por exemplo, batendo com os pés no chão).
3. Reprodução de pequenas frases rítmicas (de 4 tempos cada) acompanhadas da respectiva representação “no ar” (vd. sessões 15 e 16 do Livro da 2ª Classe)
Ex.: → ↓ → ↓ = lira lá lira lá
4. Exercícios de notação. Relembrar a notação de aproximação utilizada para representar os motivos rítmicos trabalhados na 2ª classe (vd. sessões 11, 12, 13 e 14)

NOTAÇÃO

Apareceu no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico

CRIATIVIDADE

Foi abordada nos Jogos corporais, no Trabalho rítmico e na Prática musical de conjunto.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

KOLOWÉ

Ko-lo-wé oh! Ko-lo-wé Kolo-wé oh! Ko-lo-wé

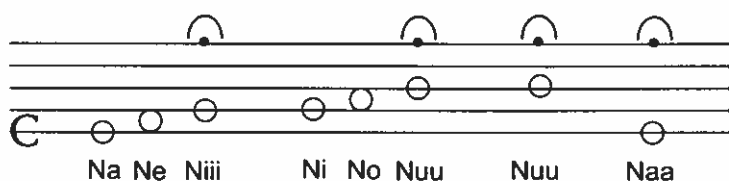
Ko-lo-wé ko-lo-wé oh! ko-lo-wé ko-lo-wé oh! ko-lo-wé

- Trabalhar a canção da forma já indicada (vd. sessão 1 do Livro da 1ª Classe)
- Inventar um acompanhamento rítmico para a canção, recorrendo a batimentos corporais e/ou a instrumentos
- Criar uma coreografia que possa ser executada ao mesmo tempo que cantam a canção

2. POVOAMENTO – A LOCALIDADE

TRABALHO VOCAL

1. **Exercícios de respiração**, com o objectivo de encher o “balão que está na barriga”. Uma vez cheio, deitar o ar fora em várias vezes, utilizando os sons “p” e “b” de forma enérgica.
2. **Exercícios de articulação e de expressão**. Professor e alunos fazem o levantamento de alguns pontos de referência da localidade onde estão inseridos (Ex.: escola, roça, rio, parque, mercado, etc), que vão sendo escritos no quadro pelo/a professor/a. Feito este trabalho, as crianças terão de dizer muito bem cada uma dessas palavras, ou seja, O/A professor/a pedelhes que articulem de forma muito clara as palavras que vão sendo apontadas por si. Seguidamente vamos dizê-las com diferentes entoações (de forma exclamativa, interrogativa, etc).
3. **Vocalizo 6** (vd. sessões 15 e 16 do Livro da 2ª Classe)
4. **Vocalizo 7**



TRABALHO MELÓDICO

1. Reprodução de pequenas frases melódicas, utilizando a sílaba “NU”. Algumas dessas frases deverão ser excertos da canção a trabalhar no final da aula.
2. Reprodução de pequenas frases melódicas com os nomes das notas e acompanhadas sempre do gesto melódico. O/A professor/a faz e as crianças repetem.
3. Leituras no pentacórdio (Dó, Ré, Mi, Fá, Sol), nos moldes referidos na unidade anterior (vd. ponto 3 do Trabalho melódico)

JOGOS CORPORAIS

1. O/A professor/a vai marcar a pulsação de forma bem audível, pedindo às crianças que andem pela sala seguindo essa pulsação, fazendo corresponder um passo a cada batimento. O/A professor/a vai variando a velocidade da pulsação (andamento mais rápido ou mais lento), devendo as crianças adequar a sua marcha a essa velocidade.
2. Organizados em pares, e frente a frente, as crianças vão realizar 8 batimentos com as mãos, sendo que a cada batimento corresponde 1 tempo (1 pulsação). A sequência a realizar é a seguinte:
 - 1º tempo: cada criança faz 1 batimento com palmas
 - 2º tempo: as duas crianças fazem 1 batimento com as respectivas mãos direitas
 - 3º tempo: igual ao 1º tempo
 - 4º tempo: igual ao 2º tempo, mas com as mãos esquerdas
 - 5º tempo: igual ao 1º e ao 3º tempos
 - 6º tempo: as duas crianças fazem 1 batimento com as 2 mãos, sendo que a mão esquerda de uma bate na mão direita da outra e vice-versa
 - 7º tempo: igual ao 1º, 3º e 5º tempos
 - 8º tempo: igual ao 6º tempo, mas com as costas das mãos

De forma a que todos os pares executem o movimento em simultâneo, o/a professor/a vai marcando sempre a pulsação e pede às crianças que contem os tempos enquanto fazem os batimentos, não esquecendo que o 1, o 2, o 3,.....e o 8 têm que coincidir com o batimento do/a professor/a. Se todas as crianças fizerem o exercício sem problemas, pode-se ir acelerando o andamento (a velocidade da pulsação)

TRABALHO RÍTMICO

- O/A professor/a executa uma sequência rítmica utilizando a voz. Seguidamente essa sequência é repetida pelos alunos a) com a voz
b) com palmas
c) batendo com as mãos nas mesas, etc

Feito o exercício (que pode ser repetido com frases diferentes) chama-se a atenção das crianças para as diferentes sonoridades obtidas, apesar da frase rítmica ser a mesma. Aproveita-se, assim, para relembrar o conceito de timbre.

- Reprodução de sequências rítmicas, utilizando os diferentes instrumentos disponíveis na sala de aula. Este exercício, que deverá ser feito em dia diferente do exercício mencionado no número anterior, permite, mais uma vez, trabalhar o timbre, chamando a atenção para o contraste e/ou a semelhança tímbrica existente entre os vários instrumentos.
- Leituras rítmicas. No quadro, estão escritas 3 ou 4 frases rítmicas de 4 tempos cada. Pede-se às crianças que procedam à sua leitura, acompanhando a articulação dos vocábulos com a "escrita no ar" dessas mesmas frases.

4.

Ex.: a) $\square \square \square$ $\rightarrow \rightarrow \downarrow$ (lira, lira, loomm)

b) $\lrcorner \square \lrcorner$ $\downarrow \downarrow \rightarrow \downarrow$ (Lá, loomm, lá)

c) $\square \square$ $\downarrow \rightarrow \downarrow \rightarrow$ (loom, loom)

NB₁ O/A professor/a, antes de as crianças iniciarem a leitura das frases, deve contar 1, 2, 3, 4, para que o tempo seja igual para todas.

NB₂ Nesta "escrita no ar", para que as crianças a façam sempre da esquerda para a direita, o (a) professor deve ter o cuidado de a fazer da direita para a esquerda, para estar em espelho com elas.

- Exercícios de transcrição. Transcrever para notação musical convencional as frases rítmicas trabalhadas no ponto 3. Essa transcrição é feita no quadro pelo/a professor/a para relembrar o que aprenderam no final da 2ª classe, nomeadamente, o nome das figuras musicais (vd. sessões 23 e 24 do Livro da 2ª Classe)

NOTAÇÃO

Foi abordada no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico.

CRIATIVIDADE

Será abordada na Prática musical de conjunto.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO**ORA BATE PADEIRINHA**

O - ra ba - te, pa - dei - ri - nha, O - ra ba - te o pé no chão. O - ra

ba - te, pa - dei - ri - nha, A - mor do meu co - ra - ção! ção! Fui à
Nem na

fon - te p'ra te ver, Fui ao rio p'ra te fa - lar.
fon - te, nem no ri - o Nun - ca te pu - de en - con - trar!

- Trabalhar a canção da forma já conhecida
- Substituir as palavras “fonte” e “rio” por outras relacionadas com a localidade onde está inserida a escola
- Fazer um acompanhamento rítmico para a canção com instrumentos (deve ser feito no dia em que se trabalha o ponto 2 do **Trabalho rítmico**)

3. HABITAÇÃO

TRABALHO VOCAL

1. **Vocalizo 6**
2. **Vocalizo 7**
3. **Exercício a 2 vozes.** O/A professor/a divide a turma em 2 grupos para trabalhar o **vocalizo 6** de uma forma diferente, depois de todos o terem feito em conjunto, como referido no ponto 1. Assim, um dos grupos começa a fazer o vocalizo, efectuando sozinho toda a 1ª parte (correspondente à sequência A, E, I, O, U). Quando inicia a 2ª parte do vocalizo, o outro grupo começa a fazê-lo do início, estando, dessa forma, os 2 grupos a fazer coisas diferentes ao mesmo tempo. Para obter o efeito pretendido, o vocalizo deve ser feito 3 vezes, de forma ininterrupta. Este exercício deverá ser feito nas 2 aulas de expressão musical correspondentes a esta unidade.

TRABALHO MELÓDICO

1. **Reprodução de frases melódicas.** Mantendo a divisão da turma em 2 grupos, a repetição das pequenas frases melódicas entoadas pelo/a professor/a (quer em “NU”, quer com o nome das notas), é feita separadamente pelos 2 grupos. O 1º grupo a reproduzir a 1ª frase deverá ser o 2º a reproduzir a 2ª, e assim sucessivamente.
2. **Leituras melódicas** no pentacórdio, à semelhança das unidades anteriores.
3. **Exercícios de transcrição:** O/A professor/a, com o gesto melódico, faz uma sequência de 4 ou 5 notas. Uma criança irá ao quadro escrevê-la na pauta e seguidamente todos a cantarão.
NB. Podem ser feitas 2 ou 3 frases numa mesma aula.

JOGOS CORPORAIS

1. **Jogos de espelho.** Ao som de uma música (gravada ou cantada), o/a professor/a vai fazendo movimentos que as crianças imitarão (em simultâneo), como se fossem o seu espelho.
2. Vamos voltar a a fazer jogos de espelho, mas com uma variante: com a turma dividida em 2 grupos, são 2 crianças que, cada uma em frente de um grupo, vão fazer os movimentos que os “espelhos” terão que imitar. Esses movimentos serão feitos com música de fundo (cantada pelo/a professor/a ou música gravada). O desafio está justamente no facto de existirem simultaneamente 2 “modelos”, cabendo a cada grupo seguir exclusivamente o seu, não se deixando perturbar com o que está a acontecer “ali ao lado”.

TRABALHO RÍTMICO

1. **Reprodução de fragmentos rítmicos,** utilizando batimentos corporais, mas voltando à divisão da turma em 2 grupos. O/A professor/a faz uma frase rítmica de 4 tempos que um dos grupos repete. Depois, faz uma outra – também de 4 tempos – para o outro grupo repetir. Quando os 2 grupos estiverem seguros das suas frases, pede-se que as executem ao mesmo tempo. Para dar a partida, o/a professor/a conta 1, 2, 3, 4 para dar a pulsação e se assegurar de que todos comecem ao mesmo tempo. Consoante o resultado e a adesão das crianças, O/A professor/a poderá fazer várias frases.

2. **Improvisação rítmica.** Organizado a turma em pares, um dos elementos faz uma pequena improvisação rítmica (pergunta), à qual se sucederá a improvisação rítmica do seu par (resposta). Este exercício poderá ser feito com batimentos corporais, com a voz ou com instrumentos, mas de forma individual. Quer isto dizer que quando um par está a fazer todos os outros estão a ouvir.
3. **Leituras.** Vamos ler as frases rítmicas que estão escritas no quadro (utilizando a já conhecida notação de aproximação), fazendo acompanhar a articulação dos sons da respectiva escrita "no ar".

Ex.: a) L J Π J J
 b) Π J L Π J
 c) Π Π L L

4. **Exercícios de transcrição.** O/A professor/a pede a 3 crianças que, cada uma de sua vez, procedam à transcrição para notação musical convencional das frases rítmicas trabalhadas no ponto 3. Toda a turma deverá ajudar se o(a) colega que está no quadro tiver alguma dificuldade.

NOTAÇÃO

Apareceu no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico.

CRIATIVIDADE

Foi abordada nos Jogos corporais e no Trabalho rítmico.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

MORO À BEIRA DO MAR

Moro à beira do mar — Moro mesmo à bei — ri — nha

Moro à beira do mar — Moro mesmo à bei —

Da ja-ne-la do meu qua-to ve-jo sal-tar a sor-di - nha

— ri — nha Da ja-ne-la do meu qua - to ve-jo sal-tar a sor-di - nha

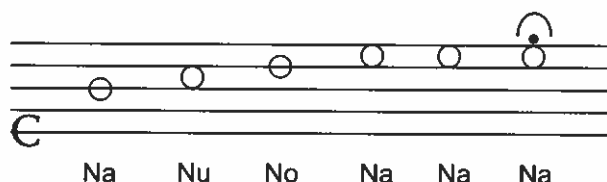
■ A canção deverá ser trabalhada nos moldes já conhecidos, de forma a ficar muito bem sabida por todas as crianças.

■ Na segunda aula de expressão musical desta unidade, e depois de relembrar a canção para que todos fiquem seguros, o/a professor/a divide novamente a turma em 2 grupos para que a cantem de forma desencontrada – ou seja, cantam todos a mesma melodia mas começam em momentos diferentes – conforme resulta da observação da respectiva partitura. Estamos perante um cânone. Não é uma tarefa fácil, pelo que não é de estranhar se o resultado não for “brilhante”, pois só a continuação deste tipo de trabalho é que permitirá melhores resultados. No entanto, aqui fica uma primeira experiência que, por certo, será motivadora e estimulante para as crianças, pelo desafio que representa.

4. ACTIVIDADES ECONÓMICAS

TRABALHO VOCAL

1. Vocalizo 8



2. Depois de relembrar os sons associados às diferentes profissões, vamos fazer um “concerto”, brincando com a voz, imitando livremente alguns desses sons. A actividade é realizada por todos em simultâneo.

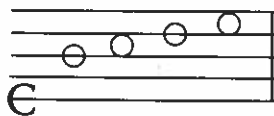
3. No quadro está escrita a seguinte quadra:

**Pastor, pastorinho,
Onde vais sozinho?
Não tens um amigo?
Deixa-me ir contigo.**

- dizer cada verso lentamente, articulando muito bem cada palavra;
- dizer cada verso com diferentes expressões (alegria, tristeza, espanto, etc), devendo cada verso ser dito de 2 formas diferentes;
- entoar os 4 versos sobre um mesmo som, e depois voltar a entoá-los, mas desta vez atribuindo sons de alturas diferentes a cada um dos versos.

TRABALHO MELÓDICO

- Reprodução de pequenas frases melódicas, utilizando a sílaba “NU”. Conforme já foi referido anteriormente, algumas dessas frases deverão ser fragmentos da canção a trabalhar no final da aula.
- Reprodução de pequenas frases melódicas com os nomes das notas e acompanhadas sempre do gesto melódico (quer quando é o/a professor/a a cantar, quer quando são os alunos a repetir). O/A professor/a entoia 2 vezes cada frase antes de pedir às crianças que a repitam.
- Leituras no diagrama pauta. As crianças dizem/entoam as notas que vão sendo apontadas pelo/a professor/a.



4. Exercícios de transcrição. Por baixo da pauta, e na direcção de cada uma das “bolinhas”, as crianças vão escrever o nome da nota correspondente a cada uma delas (sugere-se que cada uma das crianças que vai ao quadro fazer o exercício escreva o nome de 3 ou 4 notas). Terminado este trabalho de transcrição, professor e alunos entoam toda a sequência, acompanhando com o gesto melódico.

JOGOS CORPORAIS

1. Jogos para o desenvolvimento da coordenação e independência motoras – indispensáveis à exploração e manuseamento de instrumentos musicais mais complexos. Depois de identificar os gestos associados a algumas profissões, vamos tentar que, em simultâneo, as crianças executem os gestos associados a 2 profissões diferentes.
Ex.: Remar com as duas mãos (pescador) ao mesmo tempo que marcham (militar)
 Mexer o tacho com a mão direita (cozinheiro) enquanto a mão esquerda pinta 1 parede (pintor)
 A mão direita cose com 1 agulha (costureira) ao mesmo tempo que a esquerda serra 1 madeira (carpinteiro)
2. Balançando entre os 2 pés (que deverão bater no chão de forma audível) vamos marcar a pulsação. O/A professor/a deve-se assegurar de que todas as crianças começam com o mesmo pé (sugere-se que comecem com o esquerdo). Seguidamente, pede-se que façam 1 batimento com palmas quando o pé esquerdo bate no chão e que coloquem o dedo indicador esticado à frente da boca (em sinal de mandar fazer silêncio) quando bate o pé direito. Depois devem-se fazer outras combinações. **Ex.:** Duas palmas de um lado e o silêncio do outro, depois substituir o silêncio por 1 batimento nas coxas, etc.
NB. Nas 2 aulas de expressão musical - no quadro desta unidade – deverão ser feitos exercícios do género dos mencionados nos pontos 1 e 2.

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de pequenas frases rítmicas.
2. Apresentação do silêncio com a duração de 1 tempo. O ritmo não vive apenas da existência de sons de diferentes durações. A ausência de som intercalada com o som também é geradora de diferentes ritmos (movimentos). Assim, é importante introduzir o silêncio nas frases rítmicas a trabalhar daqui para a frente. Na música, aos silêncios chamamos pausas, e, tal como os sons, também as pausas (silêncios) podem ter durações diferentes. Nesta unidade vamos conhecer e trabalhar a pausa de 1 tempo, que vale tanto quanto o som a que chamamos “lá” (\square =) e que, quando escrito “no ar” corresponde ao movimento \downarrow . A pausa com 1 tempo vai ser representada com um zero (0), e quando ela aparece devemos colocar o dedo indicador esticado à frente da boca, em sinal de mandar fazer silêncio. Feita a apresentação da pausa, vamos agora introduzi-la nas leituras rítmicas. É importante que a leitura das frases seja acompanhada da escrita “no ar” das mesmas. Havendo um novo elemento, parece pertinente que o/a professor/a faça primeiro, sozinho/a, uma leitura de todas as frases, à qual se seguirá a leitura feita pelas crianças.

Ex.: a) \square \square \square 0 \square
 b) \square 0 \square 0 \square \square
 c) \square 0 \square 0 \square

Feita a leitura das frases pelas crianças (com a ajuda do/a professor/a, se necessário) poderão ser feitas adivinhas: o/a professor/a faz uma das frases e os alunos deverão identificar qual delas foi.

3. Leituras. Para a segunda aula de música no âmbito desta unidade, o/a professor/a deverá inventar um novo conjunto de 3 frases rítmicas (de 6 tempos cada) que incluam a pausa de 1

tempo (pausa de semínima). Tal conjunto constituirá um novo bloco de leituras e que deverá ser trabalhado nos moldes já indicados. Feito este trabalho, O/A professor/a vai apresentar a forma de representar esta pausa através da notação musical convencional.

0 = = pausa de semínima

4. Transcrição para notação musical convencional das frases rítmicas trabalhadas na 2ª aula desta unidade, já incluindo a pausa de semínima.

NOTAÇÃO

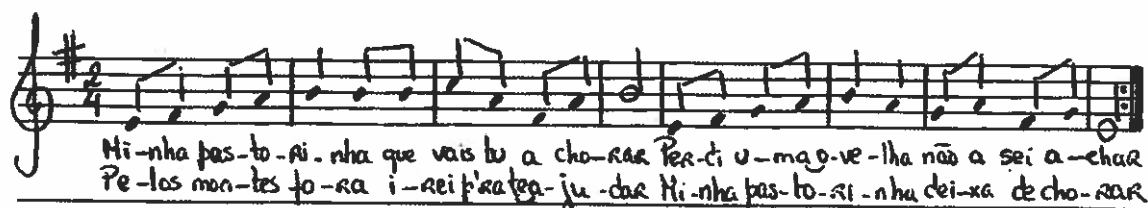
Está presente no **Trabalho melódico** e no **Trabalho rítmico**.

CRIATIVIDADE

Aparece na **Prática musical de conjunto**.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

A PASTORINHA



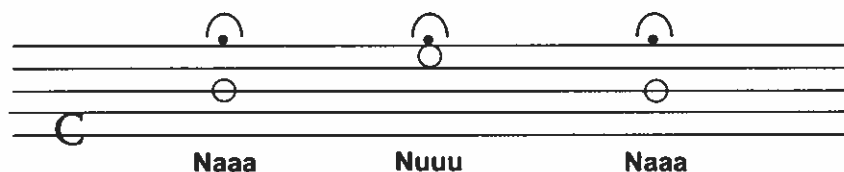
Mi-nha pas-to-ri-nha que vais tu a cho-rar Per-ti u-ma o-ve-lha não a sei a-cha
 Pe-los mon-tes fo-ra i-rei p'ra te-ju-car Mi-nha pas-to-ri-nha dei-xa de cho-rar

- Trabalhar a canção da forma conhecida.
- Mimar a canção com gestos sugeridos pela letra.
- Brincar com o texto: com a canção escrita no quadro, o/a professor/a sublinha algumas das palavras. No sítio da palavra sublinhada não haverá som mas silêncio, ou seja, as crianças "cantarão mentalmente" essas palavras, retomando o canto em voz alta sempre que as palavras não estejam sublinhadas. Mas atenção!!!... Não se pode perder o ritmo da canção. O tempo de silêncio tem que corresponder exactamente ao tempo que aquelas palavras duram na canção.

5. TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

TRABALHO VOCAL

1. Vocalizo 8
2. Vocalizo 9



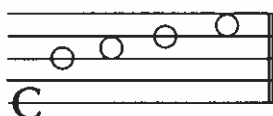
3. Vamos flectir as pernas e apoiar as mãos nos joelhos. Seguidamente, com o som "vvv", vamos simular um carro de Fórmula 1 (um carro de corrida de alta velocidade) em plena competição. O objectivo é sentir e estimular a actividade do diafragma, mas, para tal, temos que fazer sons bem enérgicos.
4. Para trabalhar a dicção e a improvisação musical (neste caso, improvisação melódica sobre texto) vamos partir do seguinte destrava línguas:

**Esta burra torta trota,
Trota, trota a burra torta,
Trinca a murta, a murta brota
Brota a murta ao pé da porta.**

- a) dizer cada uma das frases articulando muito bem as palavras que a compõem;
- b) dizer cada frase com diferentes expressões (em segredo, manifestando indignação, a sorrir, etc);
- c) pedir a uma criança que, de forma espontânea, invente uma melodia para o 1º verso, seguindo-se a repetição por toda a turma. Uma outra criança faz o mesmo para o 2º verso e todos repetem a seguir, e assim sucessivamente.

TRABALHO MELÓDICO

1. Reprodução de pequenas frases melódicas, com a sílaba "NU".
2. Reprodução de frases melódicas com os nomes das notas e acompanhadas sempre do gesto melódico. Sugere-se que, à semelhança da unidade anterior, se trabalhem aqui apenas as notas do tetracórdio superior (Sol, Lá, Si, Dó)
3. Leituras no diagrama pauta. As crianças dizem/entoam as notas que vão sendo apontadas pelo/a professor/a



4. Adivinhas. O/A professor/a entoia uma sequência de 4 ou 5 notas utilizando a sílaba "NU", para que as crianças "adivinhem" (identifiquem) as notas que foram entoadas. (Daí o/a professor/a não poder entoar as sequências sonoras dizendo os nomes das notas)
Uma vez identificadas as notas dessa sequência, pede-se a uma criança que a vá ao quadro escreve-las, na pauta que o/a professor/a desenhou previamente. Escrita a sequência na pauta, professor e alunos vão entoá-la, acompanhando com o gesto melódico respectivo.

JOGOS CORPORAIS

1. No quadro está escrita 1 sequência de 6 palavras de 2 sílabas (Ex.: carro, ponte, mota, terra, barco, onda). As crianças, efectuando o movimento de oscilação entre os 2 pés (começando todas com o pé esquerdo), vão, do lado esquerdo, dizer uma palavra, e do lado direito, fazer um batimento (com palmas ou batendo com as mãos nas coxas, etc) ou um movimento (colocar as mãos sobre a cabeça ou sobre os ombros, etc). No final pode-se sugerir uma sequência de batimentos e/ou movimentos diferentes que, se necessário, poderão ser escritos no quadro ao lado da respectiva palavra. O desafio está em fazer, de forma ininterrupta, as 2 sequências alternando as palavras com os batimentos e/ou movimentos.
2. As crianças movimentam-se pela sala de forma livre, mas respeitando a pulsação que está a ser marcada pelo/a professor/a. Subitamente, o/a professor/a diz o nome de um meio de transporte e as crianças, sem sair do sítio onde estavam nesse momento (como se os pés ficassem colados ao chão), vão fazer movimentos que ilustrem esse referido meio de transporte, mas de forma a que os movimentos continuem a respeitar a pulsação que estava a ser marcada pelo/a professor/a. O grande desafio está no facto de, durante essa simulação, o/a professor/a não estar a marcar a pulsação, o que implica que as crianças sejam capazes de a "guardar", ou seja, de a ouvir e sentir mentalmente. O/A professor/a retoma a marcação da pulsação e as crianças o movimento pela sala até surgir uma nova palavra, e assim sucessivamente.

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de pequenas frases rítmicas. Estes exercícios, conforme já foi referido, poderão ser feitos com a voz, com batimentos corporais e com instrumentos. Caberá ao/a professor/a fazer essa escolha. Importa ainda referir que a extensão das frases e o seu grau de dificuldade (complexidade rítmica) deverão ir crescendo gradualmente, mas sempre sem perder de vista a capacidade de resposta das crianças, isto é, não se devem propor frases que as crianças não sejam capazes de reproduzir com alguma precisão.
2. Leituras. O trabalho de leitura de frases rítmicas deverá ter lugar em todas as aulas. Assim, e embora seja quase sempre apresentada uma sugestão, o/a professor/a não se deverá abster de trabalhar com as crianças outras frases rítmicas por si inventadas. Aliás, é cada vez mais necessária a sua iniciativa na sugestão e criação dos exercícios a realizar.

Ex.: a) $\Pi \Pi \text{ J } 0 \text{ L}$

b) $\text{J } 0 0 \Pi \text{ J } \text{ J}$

c) $\Pi 0 \Pi 0 0 \text{ J}$

3. Exercícios de transcrição. Transcrever as frases rítmicas trabalhadas (as aqui sugeridas ou as inventadas pelo/a professor/a para notação musical convencional).
4. Adivinhas. O/A professor/a, utilizando a linguagem métrica ("lá"; "lira"; "lom") e a respectiva géstica (\downarrow ; \rightarrow ; $\underline{\quad}$; e o indicador à frente da boca para a pausa) faz uma frase rítmica de 4 tempos e repete-a. Depois disso, pede a uma criança que vá ao quadro escrevê-la em notação de aproximação (J ; Π ; 0). Seguidamente, pede a outra que a vá transcrever para notação musical convencional. Finalmente, todos vão ler a frase escrita pelos/as colegas.
NB: Podem-se fazer 2 ou 3 adivinhas por aula, se for boa a adesão das crianças.

NOTAÇÃO

Foi abordada no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico.

CRIATIVIDADE

Foi abordada no **Trabalho vocal** (de forma individual), nos **Jogos corporais** e será também trabalhada na **Prática musical de conjunto**.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO**O AVIÃO**

(texto adaptado)

lá bem al-to jun-to ao Céu Vai vo-an-do a-vi-ão Tão pe-que-no me pa-
re-ce quan-to o-lho cá do chão Diz que vo-a bem de-pres-sa O e-nor-me passa-
rão Nos se-ha-ver-u-ma cor-ri-da Sei que ga-nha-o jo-gue-tão - tão

- Trabalhar a canção da forma habitual
- Mimar a canção com gestos sugeridos pela letra
- Improvisar um acompanhamento rítmico para a canção, utilizando os batimentos corporais
- Brincar com o texto: com a canção escrita no quadro, o/a professor/a sublinha algumas das palavras. No sítio da palavra sublinhada não haverá som mas silêncio, ou seja, as crianças “cantarão mentalmente” essas palavras, retomando o canto em voz alta sempre que as palavras não estejam sublinhadas. Mas atenção!!!... Não se pode perder o ritmo da canção. O tempo de silêncio tem que corresponder exactamente ao tempo que aquelas palavras duram na canção.

6. EXPERIÊNCIAS COM MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE

TRABALHO VOCAL

1. **Vocalizo 8**
2. **Vocalizo 9**
3. **Exercícios de respiração.** Vamos encher de ar o “balão que está na nossa barriga” e depois vamos deitá-lo fora de forma enérgica e continua utilizando sons como o “vvv” do carro de corrida ou o “fsss” do pneu a esvaziar.
4. Todos ao mesmo tempo, vamos imitar os sons das sirenes (dos carros da polícia, dos bombeiros, das ambulâncias) fazendo variar a intensidade do som, conforme o gesto feito pelo/a professor/a. Se as suas mãos estão pertinho uma da outra, o som é fraco, mas à medida que elas se afastam o som vai-se tornando mais forte. O/A professor/a deve fazer variações de intensidade do fraco para o forte e do forte para o fraco.

TRABALHO MELÓDICO

1. Reprodução de frases melódicas.
2. Exploração dos sons produzidos por diferentes objectos (instrumentos ou não). Existem objectos que produzem sons agudos, outros que produzem sons médios e outros ainda que produzem sons graves (estamos a falar da propriedade do som a que chamamos altura). Por outro lado, há os que produzem sons agradáveis enquanto alguns produzem sons menos agradáveis ou mesmo desagradáveis. Também verificamos que existem objectos cujos sons são parecidos ou, pelo contrário, muito diferentes, sendo possível organizá-los em função da sua semelhança ou contraste tímbrico (o timbre é outra das propriedades do som)
3. Jogo das famílias tímbricas. Agrupados os instrumentos (ou objectos) em famílias - em função da semelhança tímbrica do som que produzem - vamos, dentro de cada uma dessas famílias, ordenar os instrumentos pela altura dos respectivos sons, indo do mais grave para o mais agudo ou vice-versa.

JOGOS CORPORAIS

1. Dividida a turma em 2 grupos, fazem-se 2 rodas concêntricas (em comboio) que vão andar em sentidos opostos, respeitando a pulsação que está a ser marcada pelo/a professor/a. No decorrer da actividade serão feitas variações de andamento, às quais as crianças deverão estar atentas, de forma a adequar sempre a sua marcha ao andamento. Esta actividade também pode ser realizada tendo como fundo sonoro música gravada ou uma canção já conhecida de todos, mas nesse caso, não serão feitas variações de andamento.
NB. Não esquecer que, de vez em quando, se deve inverter o sentido da marcha dos 2 grupos!
2. Sem sair do mesmo sítio, as crianças vão efectuar o movimento de marchar.
Em cima da mesa, à vista da classe, o/a professor/a tem 4 objectos diferentes, cujos sons são bem distintos, e para cada um dos quais vai ser convencionado 1 movimento.
Ex.: Objecto **A** = movimentar os braços, como se estivessem a pedalar
Objecto **B** = movimentar os braços, como se estivessem a trepar
Objecto **C** = movimentar os braços, como se estivessem a voar
Objecto **D** = movimentar os braços, como se estivessem a puxar uma corda
Com esses objectos (um de cada vez, obviamente), o/a professor/a vai marcar a pulsação e as crianças vão realizar os movimentos que lhes correspondem, respeitando a pulsação. Durante toda a actividade, as crianças nunca deixam de marcar a pulsação com o movimento de marchar, tendo, assim, que o fazer em simultâneo com os diferentes movimentos dos braços.

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas com a turma dividida em 2 grupos, conforme descrito no ponto 1 do Trabalho rítmico da Unidade 3.
2. Exploração dos sons produzidos por diferentes objectos. Existem objectos que não conseguem produzir sons longos (estamos a falar da propriedade do som a que chamamos duração), e outros que não conseguem produzir sons fortes (a propriedade do som aqui em causa é a intensidade). Vamos identificá-los.
3. Jogo dos timbres. De forma a que as crianças não vejam qual o instrumento que o/a professor/a está a utilizar, este/a vai executar uma pequena frase rítmica, pedindo seguidamente às crianças que têm objectos que produzem sons com um timbre contrastante que a repitam. Volta a fazer outra frase com outro instrumento e, desta vez, pede que seja repetida por objectos cujo som tem um timbre semelhante.

4. Leituras rítmicas. Ex.: a) $\square \quad] \quad 0 \quad]$

b) $] \quad] \quad \square \quad 0$

c) $\square \quad 0 \quad 0 \quad]$

- Fazer as leituras da forma habitual (linguagem métrica + “escrita no ar”.
- Fazer as leituras com os diferentes objectos. Mas atenção! Não são todos os objectos que conseguem produzir sons longos. É por isso mesmo que nas 3 leituras acima sugeridas não existem sons de 2 tempos ($\underline{\quad} = \quad$)
- Fazer a transcrição para notação musical convencional

5. A orquestra. Trata-se de uma leitura rítmica para explorar o timbre e a duração do som produzido pelos objectos.

Ex.: $\square \quad] \quad \underline{\quad} \quad 0 \quad] \quad] \quad 0 \quad \square \quad \square \quad \underline{\quad} \quad \square \quad] \quad 0 \quad \square \quad \underline{\quad}$

A turma será dividida em 3 grupos, sendo acordado entre professor e alunos qual a célula rítmica que corresponde a cada grupo (Ex.: Grupo A = \square ; Grupo B = $]$; Grupo C = $\underline{\quad}$; Todos = 0). Dentro de cada grupo encontramos objectos que produzem sons cujos timbres são semelhantes. Recomendam-se os objectos de metal para o Grupo C, uma vez que têm que produzir sons longos ($\underline{\quad} = 2$ tempos). Feito este trabalho de “orquestra” o/a professor/a, com a ajuda das crianças, procede à transcrição da frase para notação musical convencional.

NOTAÇÃO

Apareceu nos **Jogos corporais** e no **Trabalho rítmico**.

CRIATIVIDADE

Será abordada na **Prática musical de conjunto**.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

BRINCANDO COM OS SONS

1. Num, num, num, faz o car-ro E'o si-ni-nho dlim, dlim, dlão Tic, tic,
 1ª vez 2ª vez
 tac o meu re-ló-gio Pum, pum, pum, meu co-ra-ção. Pum, pum, pum, meu co-ra-ção Os
 sons à minha vol-ta Jun-ti-nhos nes-ta can-ção. Mu-i-to mais vou des-co-brir S'es-cu-
 tur com a-ten-ção. Mu-i-to mais vou des-co-brir Se'es-cu-tar com a-ten-ção.

Refrão:

pianinho

Os sons à minha volta**Juntinhos nesta canção**

são os sons

Muito mais vou descobrir

cantar

Se escutar com atenção

2. Zum, zum, zum faz a abelha

A beijar a linda flor

Piu, piu, piu o passarinho

Faz o ninho com amor

3. Plim, plim, plim o

Que eu gosto de tocar

Ré, Ré, Si, Ré

Que eu gosto de

- Trabalhar a canção da forma habitual
- Mimar a canção com gestos sugeridos pela letra
- Com os vários objectos disponíveis – e que foram explorados enquanto produtores de som – vamos improvisar um acompanhamento rítmico para a canção

7. CORPO HUMANO**TRABALHO VOCAL**

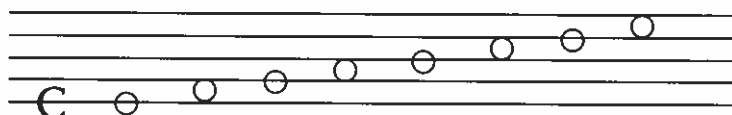
1. Vocalizo 8
2. Vocalizo 10



3. **Exercícios de respiração.** Vamos encher de ar o “balão que temos na barriga” e depois vamos deitar o ar fora em várias vezes, utilizando o som “pss”. O exercício deve ser feito 3 vezes. Para cada uma delas, o/a professor/a diz previamente às crianças o número de expirações (3, 5, 8, etc.) a realizar para deitar todo o ar fora. E para que todas façam o exercício em simultâneo, o/a professor/a vai fazendo a contagem das expirações com os dedos para que todos vejam.
4. **Exercícios de dinâmica.** Utilizando o som “pss” do exercício anterior, vamos brincar com a sua intensidade. Depois de inspirarem muito bem, os alunos vão produzir um som longo “pssssss” que vai sofrendo variações de intensidade, consoante o movimento das mãos do/a professor/a. Se as mãos estão quase juntinhas, o som é muito fraco, mas à medida que se vão afastando o som vai sendo cada vez mais forte e vice-versa.

TRABALHO MELÓDICO

1. Reprodução de pequenas frases melódicas, com a sílaba “NU”.
2. Reprodução de pequenas frases melódicas, com os nomes das notas, utilizando todo o modo de Dó (Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si, Dó). Não esquecer que este exercício deve ser sempre feito acompanhado do gesto melódico. Devemos ainda ter em atenção o seguinte: se as crianças devem estar em silêncio para ouvir a frase cantada pelo/a professor/a, também ele/a deve evitar cantar quando as crianças a estão a repetir. Se essa repetição for feita de forma muito insatisfatória, então o/a professor/a pede que, mais uma vez, façam silêncio para a voltarem a ouvir e assim a repetirem melhor. Porém, se ainda assim resultar de forma insatisfatória, não devemos insistir nessa frase, aconselhando-se que se passe a uma outra.
3. Leituras no diagrama pauta



4. Exercícios de transcrição. O/A professor/a desenha uma pauta no quadro, colocando a clave de Dó () na 1ª linha. Por baixo da pauta escreve uma sequência de notas que deverá ser escrita na pauta pelas crianças. Completada a transcrição, o/a professor/a apaga os nomes das notas e todos procedem à leitura da frase na pauta.

Ex.:



Sol Lá Sol Fá Mi Mi Fá Mi Ré Dó Sol Dó

NB₁ O Dó representa o Dó superior.

NB₂ Cada criança a ir ao quadro deverá escrever na pauta 3 notas.

JOGOS CORPORAIS


1. Jogos de espelho, nos moldes já indicados em várias sessões anteriores.
2. Como forma de trabalhar a marcação da pulsação, vamos fazer 2 seqüências de 4 tempos. A 1ª é uma seqüência de movimentos em que, tocando com as mãos em diferentes partes do corpo, dizemos simultaneamente os respectivos nomes (Ex.: pés, joelhos, anca, ombros). A 2ª é uma seqüência de 4 tempos marcados com palmas.


Feita estas 2 seqüências, e sem dizer previamente quais são as partes do corpo que compõem a nova, o/a professor/a executa-a, devendo as crianças fazê-la em simultâneo com ele(a), ao mesmo tempo que dizem os nomes respectivos (Ex.: testa, orelhas, nariz, queixo). Depois desta seqüência de 4 tempos segue-se uma outra de batimentos, desta vez realizada com o batimento dos pés no chão.


Deverão ser feitas 2 ou 3 seqüências diferentes e pode-se pedir a 1 criança que venha à frente do grupo inventar uma delas.

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas, explorando diferentes sons corporais.
2. Leituras rítmicas. No quadro, as frases rítmicas a trabalhar estão escritas em notação de aproximação e em notação musical convencional

Ex.: a) $\square \quad | \quad \square \quad | \quad \square \quad | \quad \square \quad | \quad \square \quad |$ = 

b) $| \quad \square \quad | \quad \square \quad | \quad \square \quad | \quad \square \quad |$ = 

c) $\square \quad | \quad \square \quad | \quad \square \quad | \quad \square \quad | \quad \square \quad |$ = 

Procedimento:

1º as leituras são feitas utilizando a linguagem métrica e a "escrita no ar";

2º a cada célula rítmica faz-se corresponder um som corporal

Ex.: \square / \square = bater duas palmas

\square / \square = dizer "lom"

$| / \square$ = bater com os pés no chão

$\square / \}$ = fazer o gesto habitual

3. Adivinhas. As adivinhas poderão ser feitas de duas maneiras:
 - a) No quadro estão escritas 2 ou 3 frases utilizando apenas a notação musical convencional. O/A professor/a faz uma delas e as crianças têm de a identificar.
 - b) O/A professor/a executa uma frase rítmica de 4 tempos. Repete-a uma ou duas vezes. Seguidamente, todas as crianças repetem essa frase. Finalmente, pede-se a uma delas que a vá escrever ao quadro, utilizando a notação musical convencional.

NOTAÇÃO

Está presente no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico.

CRIATIVIDADE

Foi abordada, a título individual, nos **Jogos corporais** e será também trabalhada na **Prática musical de conjunto**, de forma colectiva.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

BONECO DE LATA

Heu bo-ne-co de la-ta ca-íu cõa ca-be-ça no chãõ le-vou mais d'u-ma
ho-ra p'ra fa-zer a o-pe-ra-ção se-gu-ra a-qui p'ra fi-car bom

Sugestões para explorar a canção:

■ Trabalhar a canção da forma habitual, explorando o texto, depois juntando o elemento rítmico, acompanhado da marcação da pulsação e, finalmente, juntando o elemento melódico.

Uma vez sabida a canção, tal como ela aparece na respectiva partitura, vamos cantá-la várias vezes seguidas, substituindo sempre a palavra "cabeça" por outras partes do corpo. De cada vez que se canta referindo uma nova parte do corpo, também aumenta o número de horas que "dura a operação", ou seja, com a palavra cabeça dura uma hora, da 2ª vez que se canta, substituindo por "as costas", por exemplo, já dura duas horas, e assim sucessivamente.

A parte final da canção "Segura aqui p'ra ficar bom" também vai sendo alterada, à medida que vão aparecendo outras partes. Na versão original, que é só a cabeça, enquanto cantam "segura aqui", põem as mãos na cabeça. Da segunda vez, quando introduzem "as costas", a frase final da canção passa a ser: "segura aqui, segura aqui p'ra ficar bom", sendo que no 1º "segura aqui" põem as mãos nas costas e no 2º põem as mãos na cabeça, e assim sucessivamente.

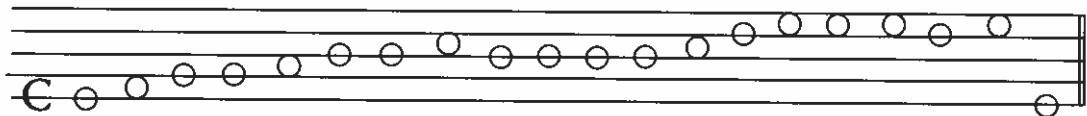
■ Pedir às crianças que, de forma livre, mimem a canção com gestos sugeridos pela letra, sendo que, com a frase final, todos fazem os mesmos gestos, em simultâneo.

8. ALIMENTAÇÃO**TRABALHO VOCAL**

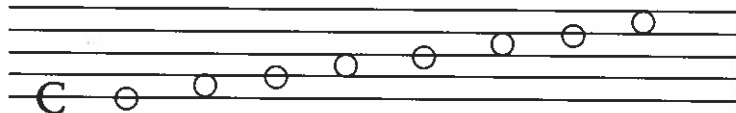
1. **Vocalizo 1.** Vamos voltar ao vocalizo 1, com a preocupação de dar uma grande ressonância à nossa voz. Para tal, relembramos que devemos colocar os dedos indicador e médio de ambas as mãos sobre a cana do nariz, a fim de sentirmos bem a vibração quando entoamos o som "nnnnn". Quando sentimos que o som está bem colocado, abrimos os braços e, sobre o mesmo som que estávamos a utilizar para o "nnnnn", vamos pronunciar a sílaba "NU", com os lábios muito redondinhos (a imitar o bico de um passarinho) e com muito espaço dentro da boca (como se lá estivesse um ovo dentro). Feito desta forma, o som resultará "cheio" e ressonante. Este vocalizo deve ser feito 3 vezes (em cada aula), correspondendo a sons de alturas diferentes.
2. **Vocalizo 10**
3. **Destrava línguas.** Trabalhar o destrava línguas que se segue, da forma indicada no ponto 3 do Trabalho vocal da unidade 4.
Enquanto a pega
Papa a fava
Porque não papa
A fava a pega?
4. **Exercícios de dinâmica.** Vamos trabalhar de novo a variação de intensidade do som, conforme feito no ponto 4 da unidade anterior, mas substituindo o som "psssss" pelo som "NUUUU".

TRABALHO MELÓDICO

1. **Reprodução de pequenas frases melódicas,** com a sílaba "NU".
 Voltamos a lembrar que é importante que, neste momento (Trabalho melódico), se utilizem também pequenos excertos da canção a trabalhar ni final.
2. **Reprodução de frases melódicas,** com os nomes das notas e acompanhadas sempre do gesto melódico.
 Este trabalho incidirá sobre todo o modo de Dó (as 7 notas mais a repetição do Dó na oitava superior).
3. **Leitura:**
 Ex.:



4. **Adivinhas no diagrama pauta**



Em silêncio, o/a professor/a aponta no diagrama pauta uma sequência de 5 ou 6 notas. As crianças, atentas,

Fixam essa sequência. Seguidamente, uma criança entoa a sequência de notas apontada pelo/a professor/a e depois todos a repetem, acompanhando-a com o gesto melódico.




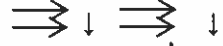
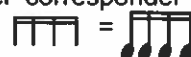
NB₁ O/a professor/a deve apontar 2 vezes a sequência antes de pedir a uma criança que a entoe.

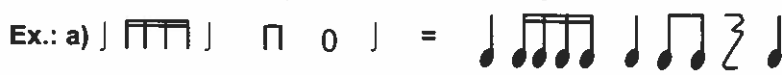
NB₂ Deverão ser feitas 2 ou 3 "adivinhas" por aula.


JOGOS CORPORAIS


1. Jogos para desenvolvimento da coordenação motora (vd., por exemplo, o tipo de actividades realizadas nos pontos 2 dos Jogos corporais das unidades 4 e 6)
2. O/A professor/a vai fazer sequências de 4 tempos, contando 1, 2, 3, 4 e pede aos alunos que, a cada sequência, façam corresponder os movimentos que vão sendo solicitados. Assim, ao mesmo tempo que contam (em simultâneo com O/A professor/a) 1, 2, 3, 4, as crianças deverão, por exemplo,
 - a) com as mãos alternadas, fazer o movimento de dar 1 objecto a alguém;
 - b) com as mãos alternadas, fazer o movimento de colher 1 peça de fruta da árvore;
 - c) com os dedos (a começar no mínimo), acompanhar a contagem (1, 2, 3, 4)
 - d) etc...

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas, voltando a trabalhar com a turma dividida em 2 grupos, conforme feito em unidades anteriores (vd. Unidade 3, ponto 1 do Trabalho rítmico).
2. Apresentação de mais uma célula rítmica com a duração de 1 tempo. Trata-se de efectuar 4 articulações no espaço de 1 tempo. Em notação de aproximação vamos representá-la correspondendo-lhe o vocábulo **tra-la-ri-ca**. Quando representada “no ar”, esta célula rítmica , escreve-se com 2 traços horizontais paralelos, desenhados da esquerda para a direita , articulando-se as sílabas **tra-la** enquanto se desenha o traço superior e as sílabas **ri-ca** ao mesmo tempo que se desenha o traço inferior. Assim, na sequência de 4 tempos , o gesto correspondente é . Feita a apresentação e exploração desta nova célula rítmica, há que fazer corresponder a representação por notação de aproximação à notação musical convencional .
3. Leituras rítmicas com as duas notações à vista das crianças:

Ex.: a) 

b) 

c) 

NB. As leituras devem ser feitas utilizando a linguagem métrica e a “escrita no ar”.

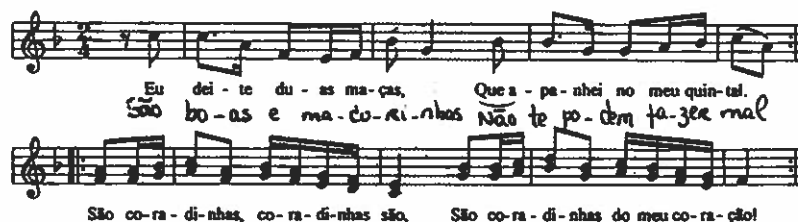
4. Adivinhas. (Nos moldes referidos na unidade anterior)

CRIATIVIDADE

Será trabalhada na **Prática musical de conjunto**.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

SÃO CORADINHAS



Eu dei-te du-as ma-cas, Que a-pe-nhei no meu quin-tal.
São bo-as e ma-co-ri-nhas Não te po-dem fa-zer mal

São co-ra-di-nhas, co-ra-di-nhas são, São co-ra-di-nhas do meu co-ra-çol!

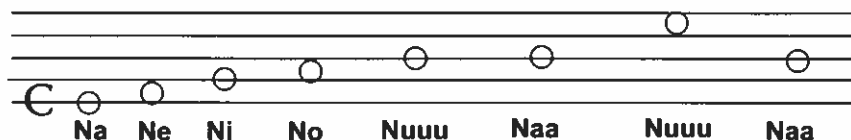
- Trabalhar a canção da forma habitual
- Organizadas em pares, as crianças vão inventar uma coreografia para acompanhar a canção
- Com batimentos corporais, vamos improvisar um acompanhamento rítmico para a canção

9. SAÚDE E SEGURANÇA

TRABALHO VOCAL

1. **Vocalizo 1.** À semelhança do que aconteceu na unidade anterior, vamos voltar a trabalhar o vocalizo 1, com a preocupação de obter uma boa ressonância e afinação. Não esquecer o gesto que deve acompanhar a execução deste vocalizo. Sugerimos que, em cada aula, seja feito sobre 3 sons de alturas diferentes.

2. **Vocalizo 11**



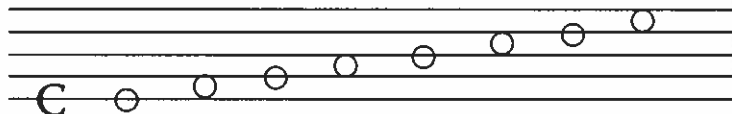
3. **Exercícios de respiração**, da forma sugerida no ponto 3 do **Trabalho vocal** da unidade 7. Substituir o som "pss" pelo som "bzz".

4. **Exercícios de dinâmica**, utilizando a sílaba "NU". (vd. unidades 7 e 8, ponto 4 do **Trabalho vocal**). Sugerimos que o exercício seja feito 2 vezes, com sons de alturas diferentes: um grave e um agudo.

TRABALHO MELÓDICO

1. **Reprodução de pequenas frases melódicas**, com a sílaba "NU" e com os nomes das notas. Vamos voltar a fazer este trabalho com a turma dividida em 2 grupos (vd. unidade 3, ponto 1 do **Trabalho melódico**).

2. **Leituras no diagrama pauta**, dizendo/entoando as crianças as notas que vão sendo apontadas pelo/a professor/a.



3. **Adivinhas**, nos moldes referidos no ponto 4 do **Trabalho melódico** da unidade anterior.

JOGOS CORPORAIS

1. Com um fundo sonoro, que tanto pode ser de música gravada como do/a professor/a a cantar ou a fazer uma improvisação rítmica, os alunos vão-se movimentar livremente pela sala, mas de forma a respeitar a pulsação. De repente, o estímulo sonoro "desaparece" e, ficando "colados ao chão" no sítio onde estavam quando o som de fundo acabou, as crianças – com palmas e todas ao mesmo tempo - vão fazer uma improvisação rítmica. Quando o estímulo sonoro se reinicia, elas retomam o movimento pela sala, e assim sucessivamente. A improvisação também poderá ser feita quer com outros batimentos corporais, quer com instrumentos.

2. Dispostos numa grande roda, e de mãos dadas, vão andar para um dos lados, começando todos com o pé do mesmo lado. Simultaneamente vão contando 1, 2, 3, 4, várias vezes, fazendo coincidir cada passo com cada tempo. Convém, de vez em quando, inverter o sentido da marcha, para que as crianças não fiquem "com a cabeça a andar à roda"! Enquanto a roda vai andando, o/a professor/a vai sugerindo alguns movimentos que, contudo, devem ser realizados sem perturbar o andamento da roda.

- Ex.:
- No 4º tempo da sequência, todos fazem 1 batimento com palmas, voltando, de imediato, a dar as mãos aos vizinhos;
 - No 3º tempo, o pé bate com mais força no chão;
 - No 2º tempo, flectem as pernas;
 - No 1º e 3º tempos, os pés batem com mais força no chão;
 - No 2º e 4º tempos, flectem as pernas.

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas (vd. Unidade 5)
2. Improvisação rítmica. De pé, o/a professor/a balança de um lado para o outro, batendo com o pé respectivo no chão, como forma de marcar a pulsação (tempo). Em espelho, as crianças acompanham o movimento do/a professor/a. Seguidamente este/a faz uma pequena improvisação rítmica (que funcionará como pergunta) utilizando batimentos corporais. Em conjunto, as crianças responderão à "pergunta" do/a professor/a improvisando livremente e também com sons corporais, mas tentando respeitar a pulsação. Para que isto aconteça é importante que desde o início ao fim da conversação rítmica professor e alunos mantenham sempre o movimento de oscilação entre os dois pés.
3. Leituras rítmicas em ambas as notações, as quais devem estar escritas no quadro bem à vista de todos. Não é aqui feita qualquer sugestão para essas mesmas leituras. Caberá ao/a professor/a inventar as frases rítmicas a trabalhar com as crianças.
4. Adivinhas nos moldes mencionados anteriormente. (Ou sobre as frases correspondentes às leituras ou então com frases novas mas utilizando, obviamente, as células rítmicas trabalhadas nas leituras)

NOTAÇÃO

Foi abordada no **Trabalho melódico** e no **Trabalho rítmico**.

CRIATIVIDADE

Teve lugar nas actividades desenvolvidas no quadro dos **Jogos corporais** e do **Trabalho rítmico**.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

HIGIENE É PRECISA

Al - guns con - se - lhos Te - mus p'ra dar Hi - gi - é - ne' é pre - ci - sa

1ª vez 2ª vez Fim

Pa - ra bem estar. Pa - ra bem estar. 1. Mãos la - va - das

13 Den - tes la - va - dos Ca - be - los fres - cos E pen - te - a - dos.

Refrão:

Alguns conselhos	2. E às refeições	3. E logo depois
Temos p'ra dar	Não esquecer	É tão importante
Higiene é precisa	Lavar as mãos	Lavar os dentes
Para bem estar	Antes de comer	É um instante

- Trabalhar a canção da forma habitual
- Mimar a canção com gestos sugeridos pela letra

10. OS SERES VIVOS E O AMBIENTE**TRABALHO VOCAL**

1. **Vocalizo 1.** Este vocalizo vai integrar o Trabalho vocal até ao final do ano. Devemos insistir agora na qualidade do som, que deve ser afinado e “cheio”. O gesto deve acompanhar sempre o vocalizo que deve ser feito, em cada aula, sobre 2 ou 3 sons de alturas diferentes.
2. **Vocalizo 11**
3. Trabalhar o destrava línguas da forma indicada no ponto 4 do **Trabalho vocal** da unidade 5
 - Lá vai o Pato**
 - Pata aqui, pata acolá**
 - Lá vem o Pato**
 - Para ver o que é que há**
4. Vamos brincar com a voz, reproduzindo vários dos sons que nos rodeiam, desde os sons produzidos pelos animais, aos sons do vento, do mar, da chuva, etc. Mas vamos fazê-lo atribuindo intensidades diferentes a cada um deles, ou então, fazendo variar a intensidade a propósito de um mesmo som.

Ex.: vvVVVVvv (do vento a soprar, etc.)

TRABALHO MELÓDICO

1. Reprodução de pequenas frases melódicas, com a sílaba “NU” e com os nomes das notas, com a turma dividida em 2 grupos, tal como foi feito na unidade anterior.
2. Leitura a 2 vozes. No quadro estão escritas 2 frases melódicas:
 - a) **Dó Ré Mi Fá Sol Lá Sol**
 - b) **Dó Ré Dó Ré Mi Fá Sol**

Cada um dos grupos vai cantar uma das frases. O/A professor/a trabalha com o Grupo A a frase a) até ela estar bem sabida. Depois faz o mesmo trabalho com o Grupo B relativamente à frase b). De seguida, dá o som da nota de partida (Dó) para que os 2 grupos entoem em simultâneo as suas frases.
3. Exercícios de transcrição. O/A professor/a escreve sequências de notas para que os alunos as representem na pauta (vd. ponto 4 do Trabalho melódico da unidade 7).

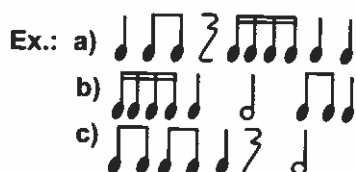
JOGOS CORPORAIS

1. Jogos de espelho. Enquanto cantam uma canção bem conhecida de todos, vão efectuar os movimentos que o/a professor/a vai fazendo, os quais deverão respeitar a pulsação. Seguidamente, pede-se a uma criança que venha ser o “modelo” que os outros imitarão como se do seu espelho se tratasse. Para tal canta-se uma outra canção igualmente conhecida de todos.
2. Existem animais que vivem na terra, na água e no ar. Em função do meio em que vivem, é diferente a forma como se deslocam. Para cada um desses meios vamos convencionar um movimento. Ex.:
 - Terra** = com as pernas ligeiramente afastadas e flectidas vamos andar
 - Água** = sem sair do mesmo sítio, vamos, com os braços, efectuar o movimento de nadar
 - Ar** = sem sair do mesmo sítio, vamos, com os braços, efectuar o movimento de voar

Mas atenção, pois estes movimentos deverão ser efectuados de forma a coincidirem com a pulsação que está a ser marcada pelo/a professor/a que, enquanto vai marcando a pulsação (de forma bem audível), vai dizendo o nome de animais, devendo as crianças efectuar o movimento que se convencionou para o meio que corresponde a cada um deles. (Ex.: borboleta, tubarão, cão, mosquito, porco, cabra, baleia, etc.)

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas, voltando a dividir a turma em 2 grupos. Se a turma tem aderido bem e respondido de forma satisfatória a estes exercícios, em unidades anteriores, podemos agora tentar aumentar a extensão das frases de 4 para 6 tempos.
2. Leituras rítmicas, utilizando apenas a notação musical convencional.



Procedimento: utilizando a linguagem métrica e a “escrita no ar”, todos lêem a frase a). Repetem-na substituindo a linguagem métrica pela sílaba “NU”, mas mantendo a “escrita no ar”. Seguem exactamente o mesmo processo para cada uma das restantes frases

3. Adivinha. Mais uma vez com a sílaba “NU”, o/a professor/a articula uma das frases trabalhadas no ponto 2 a e as crianças terão de a identificar.
4. Improvisação melódica sobre uma frase rítmica. O/A professor/a ou uma criança escreve no quadro uma frase rítmica de 6 tempos, utilizando as diferentes células rítmicas já conhecidas (pode, inclusivamente, ser uma das frases trabalhadas no ponto 2). Articulada e explorada essa frase por todo o grupo (primeiro com a linguagem métrica + “escrita no ar” e depois com a sílaba “NU” + “escrita no ar”) o/a professor/a pede a uma criança que vá quadro fazer uma aplicação melódica a essa frase, ou seja, que faça corresponder uma nota musical a cada uma das articulações rítmicas. O acto de escrever o nome das notas deverá ser acompanhado da respectiva entoação. Terminado o trabalho, toda a turma canta a produção musical (frase melódico-rítmica) do/a colega, tentando fazê-lo de forma afinada e respeitando o ritmo.

NOTAÇÃO

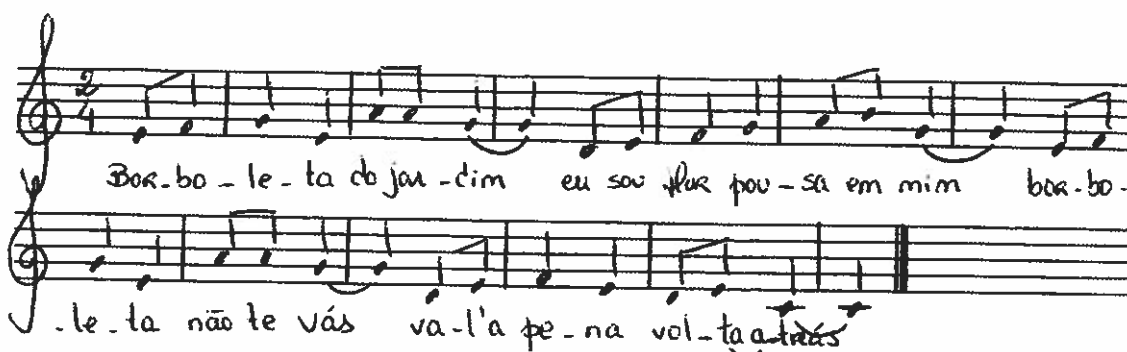
Está presente no **Trabalho melódico** e no **Trabalho rítmico**

CRIATIVIDADE

Apareceu nos **Jogos corporais** (de forma individual) e no **Trabalho rítmico**

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

BORBOLETA DO JARDIM



Bor-bo - le - ta do jar - dim eu sou a tua pov - sa em mim bor-bo -
le - ta não te vás va - l'a pe - na vol - ta atrás

- Mimar a canção com gestos sugeridos pela letra
- Brincar com o texto: com a canção escrita no quadro, o/a professor/a sublinha algumas das palavras. No sítio da palavra sublinhada não haverá som, mas um gesto que ilustre a palavra em questão, ou seja, as crianças “cantarão mentalmente” essas palavras enquanto fazem o gesto que as ilustra, retomando o canto em voz alta sempre que as palavras não estejam sublinhadas. Mas atenção!!!... Não se pode perder o ritmo da canção. O tempo de silêncio acompanhado do gesto tem que corresponder exactamente ao tempo que aquelas palavras duram na canção.

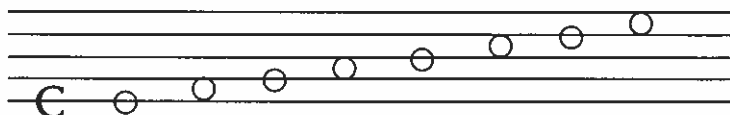
11. O TERRITÓRIO

TRABALHO VOCAL

1. **Vocalizo 1.** Nos moldes referidos nas unidades anteriores.
2. **Vocalizo 11**
3. **Exercícios de respiração.** Vamos encher o "balão" de ar e depois vamos deitar esse ar fora
 - a) de uma só vez, de forma muito enérgica utilizando o som "bzz";
 - b) em várias vezes, conforme indicação prévia do/a professor/a, utilizando o som "tss".
4. **Improvisação.** Com o/a professor/a a marcar a pulsação de forma audível para todos, os alunos vão, de forma livre, fazer uma improvisação, utilizando para o efeito todos os sons vocais que quiserem, mas apenas sons vocais.

TRABALHO MELÓDICO

1. O mesmo exercício do ponto 1 da unidade anterior.
2. Leitura a 2 vozes, tal como foi feito na unidade anterior. Sugerem-se as seguintes frases:
 - a) Sol Lá Si Lá Sol ' Sol Lá Si Si Dó
 - b) Sol Fá Sol Fá Mi ' Mi Fá Sol Sol Sol
 NB O sinal ' entre as notas representa uma respiração.
3. Leituras no diagrama pauta



4. Adivinhas, nos moldes referidos no ponto 4 do Trabalho melódico da unidade 8.

JOGOS CORPORAIS

1. O território de São Tomé e Príncipe é constituído por 4 ilhas: São Tomé, Príncipe, Ilhéu das Rôlas e Ilhéu das Cabras.
Os alunos vão andar pela sala, fazendo coincidir o batimento dos pés no chão com a pulsação que está a ser marcada pelo/a professor/a. Enquanto vai marcando a pulsação, o/a professor/a vai dizendo o nome de várias ilhas, incluindo ilhas que não integram o território de São Tomé e Príncipe. (Ex.: Sal, Madeira, Córsega, São Vicente, Porto Santo, Secília, etc). Se a ilha que o/a professor/a referiu não integra o território santomense, as crianças deverão prosseguir a sua marcha, "imperturbáveis". Contudo, se a ilha mencionada integrar o território, param no sítio onde estavam quando foi pronunciado o nome dessa ilha (ou ilhéu) e enquanto marcam a pulsação com o movimento de marchar vão, com palmas, efectuar uma improvisação rítmica. Ao ouvir novamente o nome de uma ilha estranha ao território santomense retomam o andamento pela sala, e assim sucessivamente.
2. A turma organiza-se em 4 rodas, de forma a que tenham todas o mesmo número (ou número aproximado) de elementos. Podemos identificá-las por roda A, B, C e D. Organizadas as rodas, vamos convencionar 4 sequências de 8 tempos, todas elas diferentes. A título exemplificativo, sugerem-se as seguintes 4 sequências de movimentos:

Primeira: com as mãos dadas, as crianças vão dar 4 passos para o centro da roda e 4 passos para trás, de forma a retomar a posição de partida;

Segunda: paradas, e com as mãos soltas, vão, nos 1º, 3º, 5º e 7º tempos fazer 1 batimento com palmas e nos 2º, 4º, 6º, e 8º vão fazer 1 batimento nas mãos dos "vizinhos";

Terceira: voltando a dar as mãos, vão dar 4 passos para a direita e 4 passos para a esquerda, voltando, novamente, à posição inicial;

Quarta: mantendo as mãos dadas, vão levantar os braços nos tempos ímpares e baixá-los nos tempos pares.

Ao mesmo tempo que executam cada uma destas sequências, os alunos procedem à contagem dos 8 tempos (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8), fazendo coincidir cada tempo com o respectivo movimento.

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas.
2. Apresentação de mais uma figura rítmica com a duração de 2 tempos. É a pausa da mínima (—), que vale tanto quanto a mínima (♩). Quando esta nova figura aparece no meio de uma frase, temos que fazer um silêncio com a duração de 2 tempos, pelo que devemos bater 2 vezes com o dedo indicador na boca em sinal de silêncio.

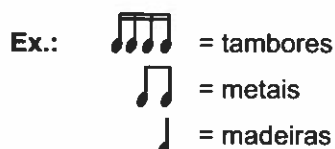
Na notação de aproximação que temos vindo a utilizar, esta pausa representa-se assim: 0 0
Apresentada a pausa da mínima, muitas vezes conhecida como o "chapéu", vamos trabalhá-la inserida numa frase rítmica.



3. Leituras rítmicas. No quadro, e em notação musical convencional, o/a professor/a escreve 3 frases rítmicas de 6 tempos cada. As frases devem ser trabalhadas da forma referida no ponto 2 (do Trabalho rítmico) da unidade 10.
4. Execução instrumental de uma frase rítmica. Sugere-se a seguinte sequência:
 - a) distribuem-se os instrumentos pelas crianças, assegurando-se o/a professor/a de que todas têm um;
 - b) terminada a distribuição, deve-se dar um tempo para que explorem livremente o instrumento que têm em seu poder;
 - c) no quadro está escrita uma frase rítmica que todos vão articular – 1º com linguagem métrica e depois com a sílaba "NU"



- d) finalmente, e com os instrumentos, vão todos ler a mesma frase, fazendo corresponder a cada célula um determinado conjunto de instrumentos



NOTAÇÃO

Apareceu no Trabalho melódico, no Trabalho rítmico e na Prática musical de conjunto.

CRIATIVIDADE

Foi abordada nos Jogos corporais.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

- Por razões de ordem prática, a actividade que se sugere aqui deve ser desenvolvida no dia em que se trabalha o ponto 4 do Trabalho rítmico.

Assim, estando todas as crianças na posse de um instrumento, vamos formar 4 grupos. Mas atenção, pois à semelhança do que aconteceu no **Trabalho rítmico**, em cada um dos grupos têm que existir instrumentos cujos timbres sejam semelhantes. Por exemplo:

- Grupo A – instrumentos de metal
- Grupo B – tambores
- Grupo C – instrumentos de madeira, coco, cana
- Grupo D – pedras, conchas, búzios

Organizados os grupos, cada um deles vai representar uma ilha que integra o território do País.

- Ex.:**
- Grupo A – São Tomé
 - Grupo B – Príncipe
 - Grupo C – Ilhéu das Rolas
 - Grupo D – Ilhéu das Cabras

Seguidamente, e com o mapa à vista das crianças, o/a professor/a aponta para uma das ilhas que integram o território do País, cabendo ao grupo que representa essa ilha fazer uma improvisação instrumental, tentando dançar ao mesmo tempo.

- Na outra aula de expressão musical, no âmbito desta unidade temática pode-se cantar e coreografar uma das canções já conhecidas das crianças.

12. TERRA NO ESPAÇO**TRABALHO VOCAL**

- Vocalizo 1.** Vamos introduzir aqui uma variação: a turma é dividida em 2 grupos, sendo o vocalizo feito por um grupo de cada vez. Enquanto um dos grupos executa o exercício, o outro ouve com muita atenção. Embora de forma alternada, cada grupo faz 2 vezes o vocalizo, mas o mesmo deverá ser feito sobre 2 sons de alturas diferentes. Nunca perder de vista a preocupação com a afinação e a ressonância dos sons a trabalhar.
- Vocalizo 12**



NB: Este vocalizo deverá ser executado simultaneamente por todas as crianças. Sugere-se que seja feito 2 vezes.

- Exercícios de respiração**, conforme indicado na unidade anterior.

- No quadro, bem à vista dos alunos, estão escritas duas quadras:

**O senhor crescido
quanto custa a Lua?
Não custa dinheiro,
se quiseres é tua!**

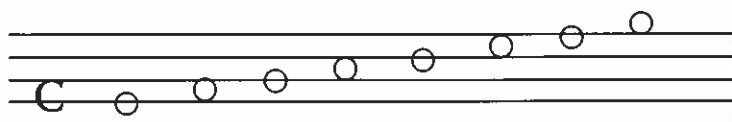
**Ó senhor crescido
e o Sol é caro?
Não custa dinheiro
este Sol tão claro.**

Sugerimos que as mesmas sejam trabalhadas da seguinte forma:

- o/a professor/a* diz os 2 primeiros versos, articulando muito bem cada palavra. Os alunos repetem. Depois, *o/a professor/a* faz o mesmo para os 3º e 4º versos, e as crianças repetem. Seguem-se o 5º e 6º versos, e assim sucessivamente;
- o/a professor/a* diz os 2 primeiros versos com a entoação correspondente ao sinal de pontuação (?) que está no fim do 2º verso, e as crianças repetem dando a mesma entoação. Segue-se exactamente o mesmo procedimento para os 3º e 4º, 5º e 6º, e 7º e 8º versos.
- com os mesmos 2 grupos utilizados para fazer o **vocalizo 1**, vamos fazer o seguinte jogo:
 - uma criança do **grupo A** improvisa uma melodia para os 2 primeiros versos, e todo o seu grupo repete o que ela fez;
 - uma criança do **grupo B** improvisa uma melodia para a resposta (3º e 4º versos), seguindo-se a repetição da mesma pelo respectivo grupo;
 - outra criança do **grupo A** improvisa uma melodia para os 5º e 6º versos, a que se segue a repetição da mesma pelos elementos do seu grupo;
 - finalmente, uma outra criança do **grupo B** improvisa a resposta correspondente aos 2 últimos versos, seguindo-se a repetição da mesma pelo seu grupo.

TRABALHO MELÓDICO

- Reprodução de pequenas frases melódicas utilizando a sílaba "NU". Deve-se aproveitar este momento para trabalhar algumas passagens da canção a trabalhar no final da aula.
- Reprodução, em grande grupo, de fragmentos melódicos com os nomes das notas e sempre acompanhada do gesto melódico.
- Exercícios de leitura no diagrama pauta.



Mas atenção!: a clave de Dó mudou de sítio. Ela “cansou-se” de estar na 1ª linha e “decidiu” mudar-se para a 2ª. Por causa disso, todas as notas vão mudar de sítio!


Chamada a atenção para este facto, os alunos vão dizer/entoar as notas apontadas pelo/a professor/a.

4. Exercícios de transcrição. Com a nova posição da clave de Dó, as crianças vão escrever na pauta uma sequência de notas dada pelo/a professor/a

JOGOS CORPORAIS

1. Vamos retomar as 4 rodas feitas na unidade anterior e relembrar as 4 sequências de movimentos. Uma vez lembradas essas 4 sequências, todas as rodas as vão executar de forma seguida e em simultâneo. Feito este trabalho vamos lançar um desafio: cada roda terá de executar 3 vezes as 4 sequências, de forma ininterrupta. Mas o desafio não fica por aqui, pois elas terão que fazer as sequências de forma descontraída, isto é, a roda A executa a 1ª sequência e quando inicia a 2ª, a roda B começa com a 1ª. Enquanto a roda A faz a 3ª sequência e a roda B a 2ª, a roda C inicia a 1ª, e assim sucessivamente. Obviamente que, no final, a roda A será a 1ª a acabar e a roda D a última.
2. Numa actividade mais relacionada com a expressão plástica, mas que se relaciona também com a temática desta unidade, vamos desenhar num cartão grosso o Sol, a Lua, uma Estrela e o Planeta Terra que, depois de recortados, vamos decorar (pintando, fazendo colagens, etc). Uma vez prontos esses objectos vamos utilizá-los nos “Jogos corporais”: retomamos a divisão da turma em 4 grupos para voltarmos a fazer as 4 rodas. As rodas vão andar todas para o mesmo lado, correspondendo cada passo à marcação da pulsação. Ao mesmo tempo que andam, as crianças vão contando 1, 2, 3, 1, 2, 3, 1, 2, 3 Depois de todas as rodas estarem a “rodar” organizadamente, pede-se às crianças para soltarem as mãos e é dado um cartão (do Sol, da Lua,...) a 1 elemento de cada uma das rodas. O jogo consiste em passar o cartão ao colega de trás com o 3º tempo, ou seja, quando se diz o “3”. O cartão deverá passar por todos os elementos de cada uma das rodas.

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas, retomando a divisão da turma em dois grupos. À semelhança da última vez em que este trabalho foi realizado desta forma, e partindo do princípio que correu bem, as frases a trabalhar com os 2 grupos deverão continuar a ser de 6 tempos.
2. Leituras rítmicas de 6 tempos cada, de forma a utilizar todas as figuras e combinações de figuras trabalhadas até aqui. ().
Caberá ao/à professor escrever as 3 ou 4 frases rítmicas a trabalhar.
3. Improvisação rítmica. O/A professor/a, com batimentos corporais, faz uma improvisação rítmica (que funcionará como pergunta) e pede às crianças que respondam - todas ao mesmo tempo e também com batimentos corporais – improvisando livremente frases de 8 (ou 10) tempos. AO/À professor/a caberá ir contando os tempos, para que todas as crianças acabem em simultâneo, respeitando o número de tempos previamente acordado
4. Adivinhas. As adivinhas poderão ser feitas sobre as frases rítmicas trabalhadas no ponto 2 (e nesse caso O/A professor/a utiliza a sílaba “NU” para a sua articulação) ou inventando O/A professor/a uma frase rítmica nova (de 4 ou 6 tempos e, nesse caso, faz a articulação da mesma utilizando a linguagem métrica). Se a adivinha for sobre uma das frases do ponto 2,

basta que as crianças identifiquem a letra correspondente à frase em questão; se se tratar de uma frase nova, deve-se então pedir a uma criança que a vá escrever ao quadro.

NOTAÇÃO

Foi abordada no **Trabalho melódico** e no **Trabalho rítmico**.

CRIATIVIDADE

Aparece no **Trabalho vocal** e no **Trabalho rítmico**.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

VÊ O GIRASSOL

Se um gi-ras-sol Ao pôr do sol Pa-re-ce sor-ri-r, Pois
 5 fi-ca co'a cer-te-za Que a noi-t'es-tá p'ra vir.
 9 O-lha o gi-ras-sol Diz a-deus ao sol Sor-ri tu tam-bém. A
 13 noi-te é bem bo-ni-ta, O gi-ras-sol que o di-ga
 17 Che-ga a noi-te e o lu-ar Che-ga a ho-ra de des-can-sar.
 21 CODA Dor-me em sos-se-go Que o di-a já vai vol-tar.
 noi-t'es-tá p'ra vir.

- Mimar a canção com gestos sugeridos pela letra
- Depois de bem sabida a canção, vamos propor às crianças que, organizadas nas 4 rodas que constituíram a propósito dos Jogos corporais - e com os 4 cartões que aí utilizaram - cantem a canção, enquanto fazem os movimentos trabalhados no ponto 2 dos referidos Jogos corporais (andar marcando a pulsação e passar o cartão ao vizinho no 3º tempo). Mas para que tal resulte, recomenda-se que esta actividade seja feita no dia em que se trabalha, nos Jogos corporais, a actividade referida no seu ponto 2. Dada a extensão da canção, sugerimos ainda que este trabalho seja realizado na 2ª aula de expressão musical a realizar no âmbito desta unidade temática

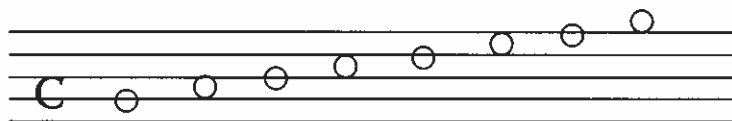
13. PATRIMÓNIO CULTURAL: LÍNGUA E TRADIÇÕES**TRABALHO VOCAL**

- Vocalizo 1.** Trabalhá-lo com a turma dividida em 2 grupos, conforme referido na unidade anterior.
- Vocalizo 12.** Trabalhá-lo igualmente com a turma dividida em 2 grupos, de forma a cada grupo oiça o outro grupo. No final poderemos avaliar o resultado com as crianças: qual dos dois grupos realizou melhor o exercício (vocalizo)? E porquê?
- Exercícios de respiração,** nos moldes indicados anteriormente.
- Dialecto local.** Trabalhar palavra se frases no dialecto local, exactamente da mesma forma que têm vindo a ser trabalhadas as palavras e as frases em português:
 - articular muito bem cada palavra;
 - dizer as palavras e as frases com diferentes intenções expressivas;
 - entoar cada palavra (ou frase) sobre um mesmo som ou sobre 2 sons de alturas diferentes.
- Improvisação.** De forma livre e colectiva, as crianças vão fazer uma improvisação musical, recorrendo apenas a sons produzidos com a voz, podendo, igualmente, utilizar palavras em dialecto. Para organizar esta produção musical de conjunto, o/a professor/a vai marcar a pulsação, de forma audível para todas as crianças.

TRABALHO MELÓDICO

- Eprodução de frases melódicas.** Vamos voltar a dividir a turma em 2 grupos para fazer a reprodução de pequenas frases melódicas (com a sílaba "NU").
- Leitura a 2 vozes.** Sugerem-se as seguintes frases:
 - Dó Dó Ré Mi----- Fá Sol Sol Lá Sol----- 0 0 0
 - 0 0 0 Dó Dó Ré Mi----- Fá Sol Sol Lá Sol-----

NB₁ As frases estão organizadas em fragmentos de 3 tempos.
NB₂ O sinal 0 representa um silêncio (pausa) de 1 tempo.
NB₃ O tracejado à frente da nota significa que essa nota se prolonga, ocupando, consoante o caso, 2 ou 3 tempos.
- Improvisação melódica.** Uma criança pertencente a um dos grupos improvisa uma pequena frase melódica (utilizando a sílaba "NU"). Outra criança – pertencente ao outro grupo – responde-lhe, utilizando igualmente a sílaba "NU". Repete-se o exercício 3 ou 4 vezes, com outras crianças.
- Adivinhas no diagrama pauta** (nos moldes mencionados no ponto 4 do Trabalho melódico da unidade 8).

**JOGOS CORPORAIS**

- Jogos para desenvolvimento da coordenação motora. O/A professor/a deverá inventar exercícios e actividades do género das sugeridas nos pontos 2 dos "Jogos corporais" das unidades 4 e 6.
- Com a turma dividida em 2 grupos (com o mesmo número de elementos), as crianças vão-se dispor em 2 filas paralelas - razoavelmente distanciadas uma da outra – tendo cada criança de uma das filas o seu par na outra fila. Vamos então trabalhar a pulsação realizando uma coreografia elementar. Enquanto contam 1, 2, 3, 4 (visto que os movimentos a realizar se

organizam em torno de sequências de 4 tempos), as crianças vão realizando alguns movimentos.

- Ex.:
- 1ª Dão 4 passos à frente, aproximando-se do seu par;
 - 2ª Em frente ao par fazem 4 batimentos com palmas;
 - 3ª Dão 4 passos para trás, regressando à posição inicial;
 - 4ª Fazem 4 batimentos com os pés (de forma alternada)

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas (relembramos que devem ser feitas nos moldes explicitados na unidade 5)
2. Leituras rítmicas (da forma mencionada no ponto 2 da unidade 12)
3. Adivinhas (vd. unidades anteriores)
4. Improvisação rítmica entre dois grupos, recorrendo a batimentos corporais ou a instrumentos. Uma criança de um dos grupos faz uma improvisação rítmica, a que respondem, em simultâneo, todas as crianças pertencentes ao outro grupo. Volta-se a repetir o exercício, mas a "pergunta" parte agora do outro grupo.

NOTAÇÃO

Teve lugar no **Trabalho melódico** e no **Trabalho rítmico**.

CRIATIVIDADE

Foi abordada no **Trabalho vocal**, no **Trabalho melódico**, no **Trabalho rítmico** e será igualmente trabalhada na **Prática musical de conjunto**.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO

■ Uma vez distribuídos os instrumentos por todas as crianças, elas vão-se dispor em círculo, de forma a que se possam ver todas umas às outras. Para dar início à actividade, uma criança começa por fazer uma improvisação com o instrumento que tem em seu poder. Terminada a sua improvisação, olha (ou aponta) para o/a colega que deverá dar continuidade à "conversação rítmica", e assim sucessivamente. A actividade poderá terminar com uma improvisação em conjunto.

No final da 1ª aula de música, no contexto desta unidade, o/a professor/a pede às crianças que, junto de familiares e de amigos, recolham algumas canções tradicionais para cantarem e ensinarem aos colegas na aula de música da semana seguinte (2ª aula no quadro desta unidade).

■ A 2ª aula desta unidade será maioritariamente preenchida com a entoação e partilha das várias canções trazidas pelas crianças.

14. PATRIMÓNIO NATURAL**TRABALHO VOCAL**

1. **Vocalizo 1.** Trabalhar este vocalizo com a turma dividida em 2 grupos.
2. **Vocalizo 12.** Trabalhar este vocalizo com a turma dividida em 2 grupos.
3. **Exercícios de dinâmica.** (vd. unidades 6, 7, 8, e 9)
4. Trabalho sobre o texto (quadra) que se segue:

Água leva o regadinho

Água leva e vai regar

A água do nosso rio

Corre toda para o mar!

- a) dizer um verso de cada vez, articulando muito bem as palavras. O/A professor/a faz o 1º e os alunos repetem, e assim sucessivamente;
- b) dizer cada verso com diferentes intenções expressivas (interrogação, afirmação, a rir, a chorar, em segredo, etc). O/A professor/a faz 1º e depois as crianças repetem;
- c) o/a professor/a improvisa uma melodia para o 1º verso e todos repetem; uma criança improvisa uma outra para o 2º e todos repetem; outra para o 3º, e assim sucessivamente.

TRABALHO MELÓDICO

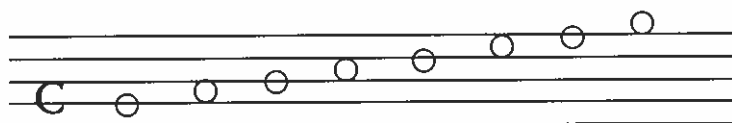
1. Reprodução de pequenas frases melódicas, com os nomes das notas, e acompanhadas do gesto melódico.
2. Leitura a 2 vozes. Sugerem-se as seguintes frases:

a) Fá Fá Fá Sol Lá----- Lá Sol Fá Sol Sol----- Fá-----
 b) Fá Fá Fá Mi Fá----- Fá Mi Ré Ré Mi----- Fá-----

NB₁ As frases estão organizadas em fragmentos de 2 tempos.

NB₂ O tracejado à frente da nota significa que essa nota se prolonga, ocupando 2 tempos.

3. Leituras no diagrama pauta, dizendo/entoando as crianças as notas apontadas pelo/a professor/a.

**JOGOS CORPORAIS**

1. Jogos de espelho, nos moldes já trabalhados anteriormente.
2. Tendo por base um estímulo sonoro (que tanto poderá ser música gravada como o/a professor/a a cantar), vamos pedir às crianças que se movimentem livremente pela sala. Todavia, nesse movimento pela sala terão não só que seguir o ritmo do estímulo sonoro, como também adequar os seus movimentos às "imagens" que vão sendo dadas pelo/a professor/a

Ex.:

- a) estão no meio do mar
- b) estão a subir para ir agarrar uma nuvem
- c) estão no meio de uma floresta, onde as árvores estão a dançar com o sopro do vento
- d) estão a voar atrás de um pássaro muito elegante
- e) etc

TRABALHO RÍTMICO

1. Reprodução de frases rítmicas.
2. Leituras.
3. Adivinhas.
4. Improvisação (que poderá ser feita individualmente, a pares, em pequenos grupos ou em grande grupo).

NOTAÇÃO

Apareceu no Trabalho melódico e no Trabalho rítmico.

CRIATIVIDADE

Foi abordada no Trabalho vocal, nos Jogos corporais e no Trabalho rítmico.

PRÁTICA MUSICAL DE CONJUNTO**PLANETA AZUL**

1. No pla - ne - ta's - zul Não ti - nha'ou - tra cor Tu - do e - ra's - zul Com
 paz... c a - mor paz... c a - mor. A - zul e - ra'o céu
 Co - mo e - ra'o mar Tam - bém as flo - res As es - tre - las e'o lu - ar

Refrão:

Azul era o Céu
 Como era o mar
 Também as flores
 As estrelas e o luar

2. No planeta azul
 Era bom viver
 Num planeta assim
 Era bom correr
 Era bom correr

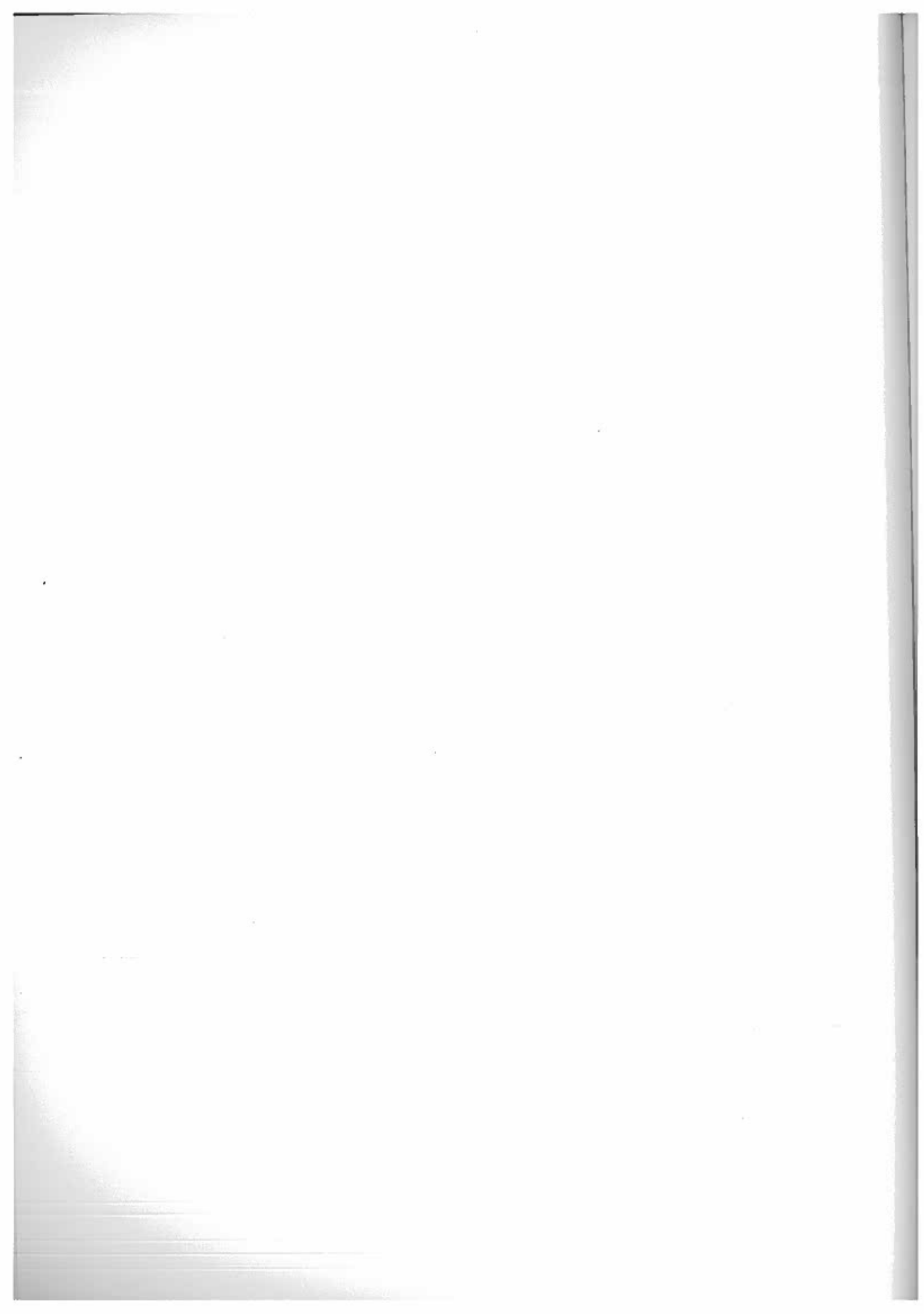
3. Num planeta assim
 Era bom brincar
 No planeta azul
 Era bom sonhar
 Era bom sonhar

NB, A canção deve ser trabalhada da forma já conhecida





**EXPRESSION
MOTORA**



Introdução

A sugestão de actividades apresentadas neste Manual na área de Expressão Motora tem como pressuposto um Programa cujos objectivos se apresentam em termos de competências motoras a realizar por todos os alunos, no final de cada ano de escolaridade (do 1º ao 4º anos). Não obstante se sistematizarem em seis Domínios Obrigatórios, *Perícia e Manipulação, Deslocamentos e Equilíbrios, Deslocamentos e Equilíbrios/Ginástica, Jogos, Actividades Rítmicas e Expressivas e Percursos na Natureza*, o manual dará maior ênfase, nesta fase de desenvolvimento do Sistema Educativo, ao Domínio *Jogos e Actividades Rítmicas e Expressivas* dadas as condições materiais actualmente existentes nas escolas de S. Tomé e Príncipe.

Decidiu-se apresentar, desde já, sugestões de actividades nos Domínios, *Perícia e Manipulação, Deslocamentos e Equilíbrios e Ginástica*, não obstante se reconhecer que a sua concretização dependerá da melhoria das condições materiais das escolas.

O domínio, *Percursos na Natureza*, requer uma formação específica dos professores, pelo que será objecto de tratamento futuro.

As sugestões de actividade apresentadas são precedidas de um primeiro capítulo destinado à explicitação dos Princípios e Orientações Didácticas da intervenção pedagógica, quanto ao Planeamento e Gestão das Sessões de Expressão Motora.

CAPÍTULO I**1. CRONOGRAMA DOS CONTEÚDOS DA EXPRESSÃO MOTORA**

Os pré-requisitos para a aprendizagem da *Ginástica*, que tem lugar no 3º e 4º anos, resultam das experiências realizadas nos Domínios *Perícia e Manipulação e Deslocamentos e Equilíbrios*. Por isso estes domínios formam uma unidade coerente entre si.

Os restantes Domínios devem ser realizados em cada um dos primeiros 4 anos de escolaridade.

DOMÍNIOS TEMÁTICOS OBRIGATORIOS	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
Perícia e Manipulação	X	X		
Deslocamentos e Equilíbrios	X	X		
Deslocamentos e Equilíbrios / Ginástica			X	X
Jogos	X	X	X	X
Actividades Rítmicas e Expressivas/ Dança	X	X	X	X
Percursos na Natureza	X	X	X	X

1. CONTRIBUTO DA EXPRESSÃO MOTORA (E.M.) PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS A OUTRAS ÁREAS CURRICULARES.

As competências em EMO adquirem-se pela prática de actividade física adequada às possibilidades e necessidades de cada aluno, em situações em que o esforço físico, a descoberta e o desafio pessoal e colectivo sejam uma constante.

A atitude de *empenho, perseverança, esforço e autodisciplina* imprescindíveis num processo de desenvolvimento em que o aperfeiçoamento e a superação são um desafio constante, passa pela *autonomia e responsabilidade* dos alunos na realização e regulação da sua própria actividade.

É neste quadro que, na Expressão Motora, o *cumprimento de regras* assume grande importância em cenários diversos mas complementares.

Apesar da diversidade dos contextos de aprendizagem, as situações e os métodos de trabalho utilizados, devem evidenciar sempre o aluno como protagonista do processo ensino-aprendizagem, apelando a uma *participação activa* em todas as situações de aula.

As opiniões e sugestões dos alunos são, obviamente, valorizadas e incentivadas. Por este motivo, esta preocupação vem explícita nos Programas de Expressão

Motora, nomeadamente nos Objectivos Gerais comuns a todas as áreas, referindo que o aluno deverá participar em todas as situações, apresentando iniciativas e propostas pessoais de desenvolvimento da actividade individual e do grupo, e considerando as que são sugeridas pelos companheiros com interesse e objectividade.

A promoção e aceitação da iniciativa dos alunos, orientando-a para a elevação da qualidade do seu empenho e dos efeitos positivos das actividades, traduz a valorização da *criatividade*.

Um dos aspectos particulares do *desenvolvimento de estratégias cognitivas* ocorre, por exemplo, nas situações de jogo, que solicitam constantemente ao aluno a *adequação das suas acções à leitura que faz do jogo*, isto é, às acções dos companheiros de equipa e adversários, ou, noutro exemplo, na resposta que o aluno encontra face aos problemas colocados em percursos de Orientação, na procura da melhor solução.

As competências associadas à *resolução de problemas* são amplamente solicitadas na EMO. A construção do *pensamento estratégico*, que permite ao aluno escolher a acção mais favorável ao êxito pessoal e do grupo nos Jogos Desportivos colectivos ou na acumulação de vantagem nos desportos de raqueta ou na pertinência das opções tomadas em percursos de Orientação, são exemplos do contributo único da EMO.

O *relacionamento interpessoal e de grupo* assume importância vital nesta área, em que grande parte das realizações dos alunos devem ser colectivas. A qualidade deste relacionamento é uma das preocupações da EMO no ensino básico que está expressa nos princípios de organização das actividades educativas que assentam na *promoção da autonomia*, pela atribuição, reconhecimento e exigência de responsabilidades efectivas aos alunos, nos problemas organizativos e de tratamento das matérias que podem ser assumidos e resolvidos por eles e na *orientação da sociabilidade* no sentido de uma *cooperação efectiva entre os alunos*, associando-se não só à melhoria da qualidade das prestações, especialmente nas situações de competição entre equipas, mas também ao clima relacional favorável ao *aperfeiçoamento pessoal* e ao prazer proporcionado pelas actividades.

As competências relacionadas com a utilização de diferentes formas de *comunicação verbal e não verbal* desenvolvem-se, nas actividades de Expressão Motora pedagogicamente orientadas, pela utilização de terminologia específica da cultura física e de cada uma das matérias de ensino, e pela utilização de comunicação gestual específica das modalidades desportivas, como são, por exemplo, as acções

técnicas de arbitragem, a comunicação dentro da equipa nos jogos desportivos colectivos e também as habilidades de expressão e comunicação nas actividades rítmicas expressivas.

2. ORIENTAÇÕES PARA UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA DE QUALIDADE EM EXPRESSÃO MOTORA.

De um modo geral, em cada um dos ciclos do Ensino Básico deve assegurar-se que os alunos participem em situações características da aprendizagem de todos os Blocos do Programa (*Perícia e Manipulação, Deslocamentos e Equilíbrios, Ginástica, Jogos, Actividades Rítmicas e Expressivas/ Dança e Percursos na Natureza*) de forma a garantir o ecletismo da Expressão Motora e promover o desenvolvimento multilateral das crianças e jovens.

No plano mais operacional a concepção e organização do Planeamento deve ser feito para que as aulas:

- Sejam **inclusivas**, pois nenhum aluno pode ser excluído por dificuldades ou aptidão insuficiente, nem por exigências gerais que deixem de considerar as suas possibilidades.
- Proporcionem muito **tempo de prática de actividade física com significado e qualidade**, isto é, adequada às necessidades e características dos alunos:
- Se componham de **actividades significativas**, correspondendo às expectativas de aperfeiçoamento pessoal do aluno. Os desafios devem ser colocados de modo a que sejam acessíveis a curto prazo. No seu conjunto, a actividade do aluno deve ser moderada a intensa constituindo-se como carga física que permita a elevação do nível funcional das capacidades motoras.
- Sejam **agradáveis**, possibilitando aos alunos a realização da actividade de que necessitam, mas também a que gostam, conciliando-a com motivações, gostos e interesses.
- Sejam **variadas**, solicitando diferentes capacidades e colocando exigências diversificadas do ponto de vista motor e do tipo de esforço.
- Se realizem num **ambiente pedagógico** que promova a **cooperação** e **entajuda**, o **respeito pejos outros**, o sentido da **responsabilidade**, a **segurança** e o espírito de **iniciativa**, reconhecendo-se que as actividades específicas da Expressão Motora se realizam fundamentalmente em grupo (em

cooperação / oposição), apresentando-se como terreno excelente para a **Educação para a Cidadania**.

3. PRINCÍPIOS ESTRUTURANTES DAS SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM QUE INTEGRAM AS AULAS.

As **situações de aprendizagem** são oportunidades de prática, organizadas para que todos os alunos tenham o máximo de tempo de actividade motora significativa e especificamente orientada para o alcance das competências. A selecção das situações de aprendizagem deve obedecer aos seguintes princípios essenciais:

1. **a actividade formativa deve ser tão global quanto possível e tão analítica quanto necessário**. Entende-se por actividade *global* a organização da prática do aluno segundo as características da actividade referente – *jogo, concurso, percurso, sequência, coreografia*, etc. Por actividade *analítica* entendemos a exercitação, o aperfeiçoamento de elementos parciais e críticos, das diferentes competências técnicas ou técnico-tácticas, em situações simplificadas ou fraccionadas da actividade referente.
2. Considerando as características, já referidas, dos processos de aprendizagem desta área curricular, a **constituição dos grupos** deve ser uma preocupação constante na medida em que os alunos aprendem em grande parte na interacção que estabelecem com os outros. Assim, a actividade formativa proporcionada aos alunos deve ser tão colectiva (de conjunto, interactiva) quanto possível e tão individualizada (ou diferenciada por grupos de nível) quanto o necessário. Esta diferenciação é garante também da inclusividade, característica das aulas de Expressão Motora.
3. **As situações de aprendizagem na Expressão Motora** podem assumir **formas de organização** muito variada. No entanto, as situações que a seguir se enumeram, são uma referência fundamental na organização do processo ensino-aprendizagem.
 - 3.1. **O exercício individual** é uma situação simples de aprendizagem ou aperfeiçoamento de acções técnicas e/ou técnico-tácticas das várias matérias dos programas. A sua construção deve considerar, sempre que possível, a associação de várias habilidades de forma a aproximá-la do contexto da actividade referente. É o caso das situações de exercício nos Jogos Desportivos Colectivos. Mesmo na Ginástica, é fundamental que à

aprendizagem de cada habilidade seja associada outra, de forma a garantir o seu encadeamento e facilitar aprendizagem.

- 3.2. **Os exercícios em grupo** devem ser situações simples de aprendizagem ou aperfeiçoamento de acções técnicas e/ou técnico-tácticas em várias matérias do programa, com o propósito de valorizar atitudes de cooperação e entreajuda, ou quando a natureza das aprendizagens implica que a realização das situações sejam necessariamente em grupo.
- 3.3. **As sequências de habilidades e coreografias** são situações de aprendizagem mais complexas. Nalguns casos, quando não são pré-determinadas pelo professor, exigem um trabalho prévio, do aluno ou grupo de alunos, de concepção da sequência ou da coreografia. Não se trata só da realização de determinadas habilidades mas sim da composição de umas com as outras, o que faz realçar a importância da harmonia e fluidez de movimentos. É o caso da sequência gímnica no solo ou na trave, ou da coreografia na Dança e na Ginástica Acrobática.
- 3.4. **As situações de jogo**, típicas de aprendizagem dos Jogos Colectivos, estão dependentes da capacidade de os alunos "lerem o jogo". A constituição dos grupos assume, nestas situações, uma importância decisiva garantindo que todos os alunos tenham a possibilidade de se evidenciar.
- 3.5. **Nas situações de jogo simplificado**, procura-se retirar alguma complexidade às situações de jogo formal, reduzindo o número de jogadores e/ou reduzindo as dimensões do campo. Tão importante como estas modificações estruturais é a simplificação das regras, e da sua introdução gradual, iniciando com aquelas que são essenciais para que o jogo possa ser jogado.
- 3.6. **As situações de exploração do movimento** são típicas da Dança em que os alunos, individualmente ou em grupo, combinam um conjunto de movimentos, locomotores e não locomotores, segundo um ritmo (musical ou outro), em que a expressão tem um relevo fundamental.

4. ESTRUTURA DAS SESSÕES DE EXPRESSÃO MOTORA. PRINCÍPIOS GERAIS APLICÁVEIS AOS 4 ANOS DE ESCOLARIDADE

Para adequarmos a sessão de Educação Motora às características das crianças, teremos de propor uma estrutura que contemple 3 momentos ou etapas:

- Um primeiro momento, relativamente intenso, baseado em formas organizativas simples com actividades de baixo nível de complexidade.
- Um segundo momento destinado à prática de Jogos.
- Um terceiro momento ou etapa final composto pela prática de uma a duas Danças (Actividades Rítmicas e Expressivas).

Nota: A proposta da Sessão de Educação Motora parte dos seguintes pressupostos; que o tempo dedicado à sessão é de 45 minutos; que existe alguns destes materiais móveis (Arcos, Cordas, Bolas, Fitas, Raquetas). Caso a escola não os possua a sessão será organizada em 2 Momentos (Jogos e Actividades Rítmicas e Expressivas).

Antes do 1º Momento da aula, o professor deve reunir os alunos em círculo. De modo breve, procura que estes recordem o que se fez na aula anterior e informa, sucintamente, que actividades se vão realizar na aula que estão a iniciar. Deve aproveitar para relembrar algumas regras principais de conduta. Este intróito designa-se por *Apresentação*.

1º Momento: *Exploração Livre de Materiais Móveis*. É o momento para realizar actividades dos Domínios *Perícia e Manipulação e Deslocamentos e Equilíbrios* No caso do 3º e 4º anos de escolaridade este Domínio assume a designação de *Ginástica*. Por isso as actividades a incluir neste Momento são, também, as que se propõem neste Domínio.

Este 1º momento não deve ser confundido com Activação Geral (vulgarmente designado por Aquecimento), devendo, em vez disso, ser considerado como primeira etapa da sessão.

Os materiais a utilizar serão: Bolas, de preferência com tamanhos, cores e texturas diversas, Fitas (usadas na Ginástica Rítmica), Arcos, Cordas, Balões, Raquetas, entre outros.

A metodologia a seguir neste Momento da sessão deve permitir amplos graus de liberdade a cada criança com recurso à exploração livre destes materiais móveis acompanhadas, sempre que possível, por um fundo musical adequado. O professor deve deslocar-se por todo o espaço da sala em que a sessão está a decorrer, dando

ao aluno a iniciativa de agir, recorrendo a uma metodologia, com características de Descoberta Guiada, intervindo de quatro modos distintos mas complementares:

- 1º. Observar e entrar apenas em comunicação não verbal conjugando a mímica, a direcionalidade do olhar, o contacto físico e os distanciamentos, as atitudes, os trajectos divergentes e convergentes;
- 2º. Observar e imitar exactamente o desempenho da criança;
- 3º. Observar e sugerir algumas variações à actividade;
- 4º. Observar e sugerir uma actividade diferente.

2º Momento: A seguir a este momento de exploração livre, deverá ocorrer uma segunda etapa destinada a *Jogos*. Conforme o tempo disponível, assim se realizarão um ou dois Jogos. Neste caso, a escolha deve recair sobre um Jogo mais simples e outro mais complexo, ou um Jogo que os alunos já dominem bem, e outro que ainda esteja na fase de iniciação.

3º Momento: É o momento de finalizar a aula com uma Dança / Roda Cantada. Mas adiante apresentam-se algumas sugestões no domínio Actividades Rítmicas e Expressivas. Para além de proporcionarem o desenvolvimento expressivo e rítmico, estas actividades têm um efeito calmante nos alunos, permitindo criar um clima propício à transição para os outros momentos curriculares.

A aula deve ser finalizada com os alunos, novamente em círculo, para uma conversa breve sobre o que de mais relevante se passou na aula. É o momento ideal para reforçar comportamentos adequados e corrigir atitudes que possam ter surgido em certos momentos da aula. Este encerramento da aula designa-se, *Reflexão Final*.

5. RECOMENDAÇÕES DIDÁCTICAS ESPECÍFICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DOS BLOCOS DE GINÁSTICA E JOGOS

O desenvolvimento das aprendizagens na Ginástica e nos Jogos requer alguns cuidados especiais, dada a complexidade das variadas formas de organização que devem ser adoptadas. Para além das preocupações com a segurança, deve haver especial atenção com a inclusão de todos os alunos, evitando situações que possam pôr em risco o seu desenvolvimento psico-afectivo.

5.1. Recomendações Didácticas para o desenvolvimento do Bloco *Ginástica*:

- Utilizar preferencialmente percursos e circuitos como formas de trabalho privilegiadas;

- Utilizar percursos quando se trate de aperfeiçoar ou consolidar habilidades já conhecidas dos alunos, permitindo manter a dinâmica específica desta forma de trabalho;
- Nos percursos, devem intercalar-se habilidades de famílias diferentes (ex. um salto, um equilíbrio, um enrolamento, etc.) .
- Utilizar circuitos (com a sua característica estacionária) para a aprendizagem de habilidades novas ou complexas que requerem maior concentração dos alunos e/ou grande número de repetições sucessivas;
- Incluir nos percursos e circuitos tarefas de revisão e consolidação de habilidades já conhecidas do bloco de Deslocamentos e Equilíbrios;
- Quando o professor quiser introduzir uma nova habilidade, pode montar um circuito com habilidades já conhecidas, devendo colocar-se na estação em que ensina a nova habilidade;
- Tanto nos percursos como nos circuitos, o professor deve posicionar-se junto das situações que envolvam maior risco (ex. saltos no plinto (obstáculos), posições invertidas, enrolamentos na barra, etc.)
- As sequências de habilidades gímnicas, apesar de propostas apenas no 4º ano, podem eventualmente começar a ser trabalhadas antes. No entanto, sendo uma forma mais exigente e elaborada de realização das habilidades que implicam a sua combinação com harmonia e fluidez de movimentos, só devem ser exigidas quando os alunos dominam cada uma delas isoladamente.
- É vantajoso que os alunos comecem por combinar as habilidades em pequenas sequências que irão sendo progressivamente mais complexas.

5.2. Recomendações Didáticas para o desenvolvimento do Bloco Jogos:

- Na aprendizagem dos jogos, o professor deve assegurar que os alunos tenham um domínio básico das habilidades características do jogo, para que o aluno possa participar efectivamente nele.
- A formação de grupos/equipas deve ser normalmente efectuada pelo professor, evitando deste modo conflitos e perdas de tempo, evitando a fixação de preferências entre os alunos e a rotulação dos alunos menos aptos que, naturalmente, seriam sempre os últimos a ser escolhidos pelos companheiros.
- O professor deve formar grupos homogéneos e/ou heterogéneos, consoante as suas intenções pedagógicas. Deve formar grupos ou equipas com alunos do mesmo nível de desempenho, assegurando uma maior igualdade de oportunidades de participar no jogo, e equipas heterogéneas oferecendo

oportunidades aos alunos de conviverem com modelos superiores de execução e participação no jogo (os alunos mais hábeis).

- A dimensão do espaço de jogo e o nível de desempenho dos alunos deve determinar o número de jogadores por equipas.
- Nas sessões iniciais dos jogos de equipa, o número de jogadores deve ser reduzido - 3 ou 4 jogadores por equipa para facilitar a compreensão do jogo e permitir muitas oportunidades de prática.
- Nos jogos de equipa com bola, as equipas devem ter um número reduzido de jogadores, aumentando a participação de cada um dos alunos no jogo, simplificado o contexto de jogo e a intervenção do professor. Nas primeiras fases de aprendizagem deve insistir-se em jogos com 2 ou 3 elementos por equipa, podendo este número aumentar até ao máximo de seis jogadores por equipa.
- Nos jogos de perseguição o número de jogadores por equipa depende essencialmente da dimensão do espaço de jogo.
- O professor, primeiro, deve explicar globalmente o jogo, focando o objectivo e as principais regras que o caracterizam, dando tempo para que os alunos experimentem e percebam a dinâmica do jogo.
- As regras devem ser explicadas de forma clara e precisa, e progressivamente introduzidas à medida que os alunos vão melhorando o seu jogo. Só depois de algum tempo de prática se devem introduzir novas regras e exigir o seu cumprimento.
- Só depois dos alunos perceberem o jogo e cumprirem as suas regras essenciais é que o professor se deve preocupar com os aspectos técnico-tácticos.
- Nos Jogos em que existe a regra que proíbe o contacto físico entre jogadores, a sua aplicação deve ser rigorosa.
- A utilização de sinais que distingam as equipas (coletes, fitas ou camisolas de cor diferente) ajuda a participação dos alunos no jogo e facilita a intervenção do professor.
- Os alunos devem habituar-se desde cedo a não discutir as decisões do árbitro, quer ele seja o professor ou um colega.
- Nos jogos em que um aluno tem funções distintas dos restantes (tipo Rei Manda, Macaquinho do Chinês, etc.) o professor deve trocar frequentemente de funções para que todos os alunos passem por essa situação.

6. SUGESTÃO DE ACTIVIDADES EM CADA DOMÍNIO E POR ANO DE ESCOLARIDADE

SUGESTÃO DE ACTIVIDADES

Nota: As sugestões apresentadas nos sub-capítulos seguintes procuram dar continuidade às aprendizagens realizadas nos 1º e 2º anos de escolaridade.

As sessões de Educação Motora não devem ser compostas apenas pelas actividades que são apresentadas para os 3º e 4º anos. Os professores devem continuar a dinamizar as sugestões da etapa anterior (1º e 2º anos) como forma de consolidar aprendizagens adquiridas.

6.1. DOMÍNIO: DESLOCAMENTOS E EQUILÍBRIOS / GINÁSTICA

As actividades propostas para o 3º e 4º anos representam uma progressão das actividades incluídas no Domínio Deslocamentos e Equilíbrios (1º e 2º anos), e correspondem a algumas das habilidades representativas da Ginástica Desportiva. Nesta fase do Sistema Educativo não se pretende que os alunos as realizem com carácter de especialização, pelo que não se aconselha demasiada preocupação com correcções técnicas formais dos movimentos. Sugere-se, também, que as aulas de Educação Física para alunos do 3º e 4º anos não se limitem apenas às habilidades propostas neste capítulo, mas integrem as que se propuseram no Domínio Deslocamentos e Equilíbrios (1º e 2º anos).

Em percursos que integram várias habilidades:

1. Executar a CAMBALHOTA À RETAGUARDA com repulsão dos braços na parte final, terminando com as pernas afastadas e em extensão.
2. CAMBALHOTA À RETAGUARDA, com repulsão dos braços na parte final, terminando com as pernas flectidas e os pés juntos na direcção do ponto de partida.
3. CAMBALHOTA À FRENTE num plano inclinado, terminando com as pernas afastadas e em extensão.
4. SALTAR AO EIXO por cima de um companheiro, após corrida de balanço e chamada a pés juntos, passando com os membros inferiores, bem afastados e chegando ao solo em equilíbrio.

5. SALTO DE COELHO para um banco comprido (situado à altura média da cintura das crianças) após corrida de balanço e chamada a pés juntos, com apoio na extremidade mais próxima, seguida de SALTO DE EIXO com o apoio das mãos na outra extremidade.
6. SALTO DE BARREIRA à esquerda e à direita, com apoio das mãos no banco comprido (baixo), após chamada a pés juntos, com recepção no solo em equilíbrio.
7. RODA, com apoio alternado das mãos na "cabeça" do plinto (transversal), passando as pernas o mais alto possível, com recepção equilibrada do outro lado em apoio alternado dos pés.
8. ROLAMENTO Â RETAGUARDA, suspenso na barra, passando as pernas entre os braços, soltando-se com oportunidade para recepção em pé no solo.
9. SUBIR E DESCER uma corda suspensa, sem nós, pela acção coordenada dos membros inferiores e superiores
10. PINO DE CABEÇA, aproximando-se da vertical, beneficiando de ajuda de um companheiro ou de apoio na parede.
11. SUBIDA PARA PINO, apoiando as mãos no colchão e os pés num plano vertical, recuando as mãos e subindo gradualmente o apoio dos pés, aproximando-se da vertical, mantendo o olhar dirigido para as mãos.
12. PASSAR POR PINO, seguido de cambalhota à frente, partindo da posição de deitado ventral no plinto, deslizando para apoio das mãos no colchão (sem avanço dos ombros).
13. COMBINAR posições de equilíbrio estático com marcha lateral, para trás e para a frente, voltas e saltos simples com recepção equilibrada, na trave baixa ou banco sueco.
14. COMBINAR posições de equilíbrio estático, com marcha lateral para trás e para a frente, e "meias-voltas".
15. POSIÇÕES DE FLEXIBILIDADE variadas (afastamento lateral e frontal das pernas em pé e no chão, com máxima inclinação do tronco: "mata-borrão": etc.).

6.2. DOMÍNIO: JOGOS ESPECÍFICOS PARA OS 3.º e 4.º ANOS

Participar em jogos, ajustando a sua iniciativa própria e qualidades motoras à situação de jogo e seu objectivo, realizando habilidades básicas e acções técnico-tácticas fundamentais, com oportunidade e correcção de movimentos

Cooperar com os companheiros procurando realizar as acções favoráveis ao cumprimento das regras e do objectivo do jogo. Tratar os colegas de equipa e os adversários com igual cordialidade e respeito, evitando acções que ponham em risco a sua integridade física.

MATA LIVRE

DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO

Os alunos estão dispersos pelo ginásio. O professor inicia o jogo lançando para o meio deles uma bola leve. Quem a agarrar procura, de seguida, lançá-la contra um companheiro e acertar-lhe abaixo da cintura. Os perseguidos fogem e esquivam-se. Depois de lançada a bola fica livre e quem a apanhar passa a "caçador" e tenta "matar".

REGRAS

1.ª Variante – Individual

- Sempre que um "caçador" acertar num companheiro marca um ponto.
- Não é permitido correr com a bola nas mãos.
- Ganha quem maior número de pontos alcançar.

2ª Variante – Colectivo

- O jogo é disputado entre duas equipas, sendo cada uma delas, durante determinado tempo, perseguidora e igual tempo perseguida.
- Ganha a que alcançar mais pontos.

A BOLA E A RÃ

DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO

Os alunos formam um círculo, com excepção de um jogador que se coloca no meio. Ao sinal de início do jogo, os jogadores do círculo pontapeiam a bola, tentando acertar abaixo dos joelhos nos (pés ou pernas) do jogador do meio - a rã.

REGRAS:

- O jogador do meio (a "rã") salta e/ou desvia-se da bola, evitando que esta lhe toque;
- Se a bola sai do recinto do jogo, o jogo recomeça como no início;
- O jogador que conseguir acertar na "rã", passa a assumir essas funções;
- O jogo prossegue durante o tempo definido e vence o jogador que for mais vezes "rã" ou que, nessas funções, evite que a bola lhe toque durante mais tempo.



BOLA AOS POSTES.

(com as Mãos ou com os Pés)

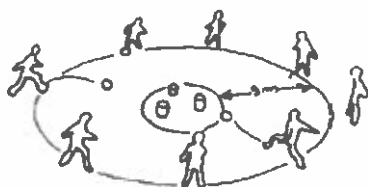
DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO

No meio de um círculo com 5 metros de raio colocam-se vários objectos de pé (cones, pinos, garrafas de plástico vazias, etc.) e 2 ou 3 bolas para jogar.

Os alunos dispostos em redor e fora do círculo procuram fazer cair os objectos no interior acertando-lhes com as bolas utilizando na mãos (1.ª Variante), ou os pés (2.ª Variante).

REGRAS

- As bolas somente podem ser lançadas ou pontapeadas de fora do círculo.
- Ganha quem maior número de objectos derrubar.



BOLA AOS POSTES**(com Defensores)****DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

O dispositivo é idêntico ao anterior. Duas equipas de 6 a 8 jogadores (por ex.), ficando uma por fora, em redor do círculo, e à outra por dentro deste.

A equipa de fora é a atacante e procura acertar nos objectos do interior, enquanto a de dentro é a defensora, tentando evitar que tal aconteça fazendo cortes.

**REGRAS**

- Nenhum jogador pode entrar no círculo.
- Cada equipa ataca ou defende durante um minuto, trocando de funções no final de cada tempo.
- Ganha aquela que maior número de derrubes efectuar.

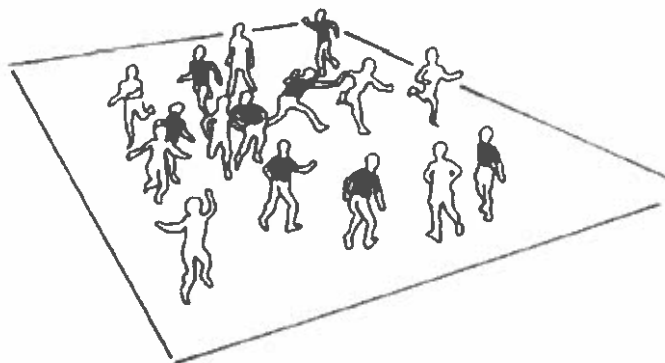
Variante: O mesmo jogo mas somente 2 defensores protegem os objectivos do interior.

ROLHA**DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO**

Duas equipas com igual número de jogadores, uma de "caçadores" e outra de "fugitivos". Num espaço amplo e limitado, a equipa de caçadores tenta apanhar, o mais rápido possível todos os jogadores fugitivos.

REGRAS

- Quando um jogador "fugitivo" é tocado, fica parado (como uma estátua) no local onde foi tocado e só pode reentrar no jogo quando um companheiro livre o "salvar", com um simples "toque";
- Qualquer jogador "fugitivo" que saia dos limites do campo é considerado "tocado", ficando em estátua, no sítio mais próximo do local onde saiu, dentro do campo;
- No final do tempo previsto, ou quando todos os "fugitivos" forem apanhados, as equipas trocam de funções.



JOGO DA RABIA

DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO

Duas equipas com uma bola. Os jogadores de uma equipa (O) tentam fazer o maior número de passes entre si, sem que a bola seja interceptada pelos jogadores da outra equipa (X), ou perdida por mau passe ou má recepção.

REGRAS

- A equipa que tenta interceptar os passes tem menor número de jogadores;
- As equipas (X e O) podem deslocar-se por todo o espaço de jogo;
- A bola é jogada com as mãos;
- O jogador em posse da bola só pode fazer dois apoios com a bola na mão (o drible é interdito);
- O contacto físico entre jogadores não é permitido;
- Não é permitido a qualquer jogador tirar a bola das mãos do adversário;
- Quando um dos jogadores X consegue interceptar a bola, troca com o jogador que fez o mau passe ou a má recepção;
- A duração do jogo é determinada por tempo previamente estabelecido.



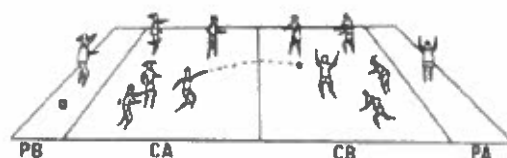
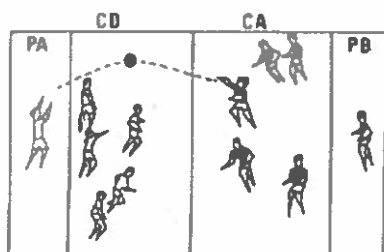
JOGO DO MATA

DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO

Duas equipas (A e B) com igual número de jogadores, com uma bola ou ringue, num espaço delimitado conforme a figura.

Cada equipa coloca-se no seu meio-campo, (Ca e Cb), com excepção de um jogador que se coloca no respectivo "piolho" ("zona de reserva" ou "campo dos atingidos" na figura, Pa e Pb).

Após trocar a bola através de passe entre os jogadores de campo e o(s) que se encontra(m) no "piolho", cada equipa procura atingir com a bola todos os jogadores adversários.



REGRAS

- A bola é jogada com as mãos;
- O jogo tem início com uma equipa de posse da bola, que a troca através de passes com o jogador que se encontra no seu "piolho", procurando uma boa situação para "atingir" directamente com a bola os adversários que se encontram no meio campo (Ca ou Cb);
- Qualquer jogador, quer se encontre no campo principal ou no "piolho" pode tentar "atingir";
- Os jogadores adversários que se encontram na zona principal do campo, tentam esquivar-se do remate adversário ou agarrar a bola sem a deixar cair no chão. Se a conseguir agarrar pode de imediato tentar "atingir" os jogadores da outra equipa;

- O jogador que é atingido vai para a "piolho". Os jogadores "atingidos" permanecem na "zona de reserva" até ao final do jogo. O primeiro jogador a ser "atingido" substitui o jogador que lá se encontra desde o início do jogo;
- O jogador "atingido" fica em posse da bola e reinicia o jogo do piolho;
- Só se pode "atingir" quando a bola for agarrada sem tocar antes no chão ou em qualquer obstáculo;
- Não se considera "atingido" o jogador a quem a bola, rematada pelo adversário, acerte na cabeça;
- Sempre que a bola sai dos limites do campo, pertence aos jogadores do piolho ou campo mais próximo, que reiniciam o jogo;
- O jogo termina quando uma equipa conseguir "atingido" todos os adversários.

BOLA NO FUNDO

DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO

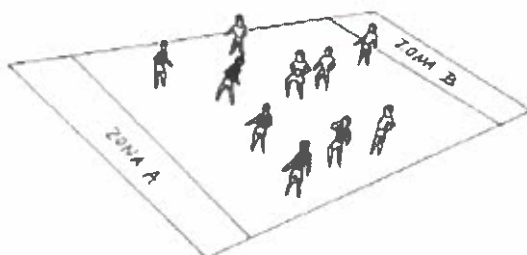
Duas equipas com uma bola, num espaço limitado, com duas zonas nas extremidades (ver figura).

A equipa de posse da bola tenta colocar esta na "zona de fundo" da equipa contrária (zona tracejada A ou B), progredindo no espaço de jogo através de passes entre os jogadores da mesma equipa enquanto que a outra equipa tenta interceptar a bola.

REGRAS

- O jogo tem início com a bola na posse de uma equipa, no centro do campo;
- As duas equipas, A e B, podem deslocar-se por todo o espaço de jogo, excepto pelas zonas de fundo;
- A bola é jogada através de passes e recepções com as mãos;
- Sempre que um jogador coloque a bola na zona de fundo contrária, a equipa ganha um ponto;
- Vence a equipa que somar mais pontos;
- A bola tem que ser colocada na zona, (não pode ser lançada ou atirada);
- O jogador em posse da bola só pode fazer dois apoios (o "drible" é interdito) com a bola na mão;
- Os jogadores só podem entrar nas "zonas de fundo" se estiverem em posse da bola (para finalizar);
- Não é permitido o contacto físico entre os jogadores;
- Não é permitido a qualquer jogador tirar a bola das mãos do adversário;

- A infracção a qualquer regra implica a marcação de uma falta e o jogo recomeça, com a bola de posse da equipa contrária, no local da falta;
- Nenhum jogador com bola, ou esta, podem sair das linhas limites do campo;
- A bola é repostada em jogo, sempre que sai das linhas limites do campo, no local onde saiu, pela equipa contrária àquela que tocou a bola em último lugar;
- A duração do jogo é previamente estabelecida em tempo ou número de pontos.



BOLA AO CAPITÃO

DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO

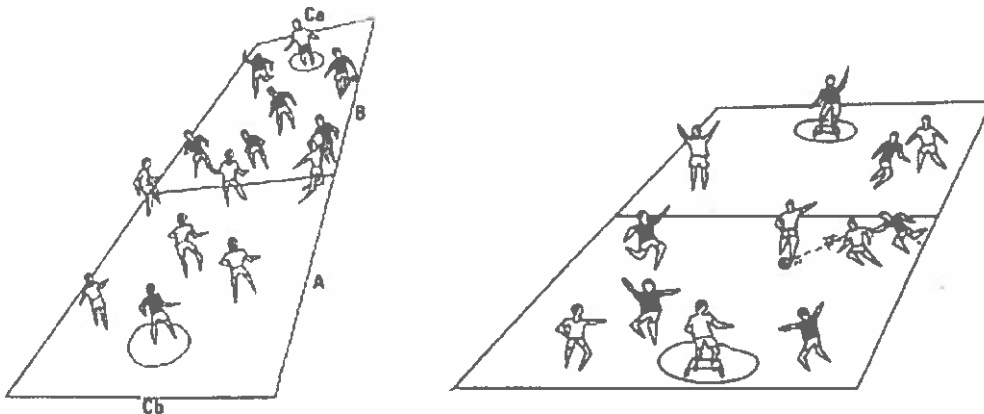
Duas equipas com uma bola, num espaço limitado, com dois círculos desenhados nas extremidades (ou com cordas, arcos, etc.) (ver figura). Cada equipa tenta passar a bola ao seu "capitão" (Ca e Cb) - o companheiro colocado no círculo do campo adversário - tentando evitar que a outra equipa o faça.

Sempre que o "capitão" receba a bola sem a deixar cair, a sua equipa marca um ponto.

REGRAS

- As duas equipas (A e B) podem deslocar-se por todo o espaço de jogo, excepto pelos círculos dos capitães;
- O jogo inicia-se com a bola atirada ao ar pelo professor no centro do campo e disputada por dois alunos que a devem tocar para um dos colegas (não a podem agarrar);
- A bola é jogada com as mãos, através de passes e recepções;
- O jogador em posse da bola só pode fazer dois apoios com a bola na mão (o drible é interdito);
- Nenhum outro jogador, para além do designado "capitão", pode entrar nos círculos (assinalados na figura);
- O contacto físico entre os jogadores não é permitido;
- Não é permitido a qualquer jogador tirar a bola das mãos do adversário;
- O jogador com bola, ou esta, não podem sair das linhas limites do campo;

- A bola é reposta em jogo (após ter saído das linhas limites do campo) no local onde saiu pela equipa contrária à que a tocou em último lugar;
- Quando uma equipa marca ponto a bola é reposta em jogo no centro do campo, pertencendo a bola à equipa que sofreu ponto;
- Qualquer infracção às regras, intencional ou não, é sancionada com a marcação de uma falta e o jogo recomeça com posse da bola da equipa contrária à que cometeu a falta, no local da infracção;
- A duração do jogo é determinada por tempo ou número de pontos previamente estabelecido.



BITOQUE RAGUEBI

DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO

Duas equipas, com uma bola (de preferência oval, tipo raguebi) num espaço de jogo delimitado como na figura.

Cada uma das equipas tenta colocar a bola na zona de fundo da equipa contrária, através de passes (para o lado ou para trás) entre os jogadores da mesma equipa ou da progressão em corrida de um jogador na posse de bola. Sempre que isso acontece a equipa marca um ensaio (quatro pontos).

REGRAS

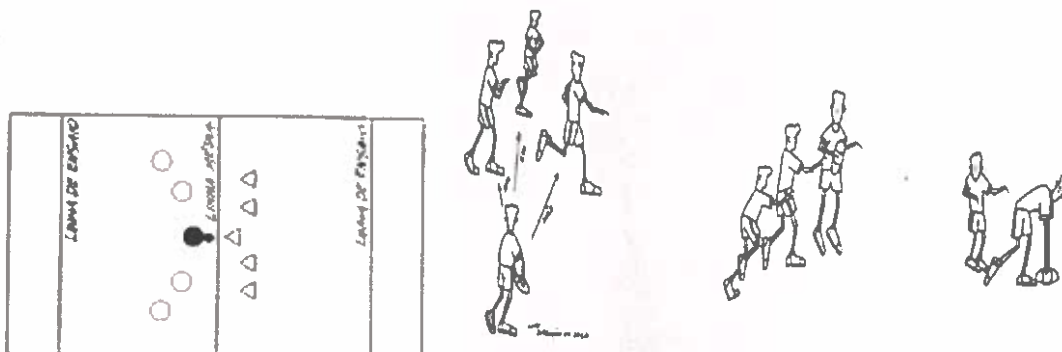
- A duração do jogo é estabelecida previamente;
- A bola é jogada através de passes e recepções com as mãos, só podendo ser passada para o lado ou para trás (em relação à linha de fundo do adversário);
- O jogador na posse da bola pode correr livremente com esta, até ser tocado com as duas mãos ("bitoque") por um adversário. O "bitoque" é um toque simultâneo das duas mãos na zona da cintura ou coxas do portador da bola, efectuado por um defensor;

- Quando um jogador fizer o "bitoque" o portador da bola é obrigado a passar ou largar a bola imediatamente sem continuar a deslocar-se;
- Os jogadores só podem entrar nas zonas de fundo se estiverem de posse de bola (para finalizar);
- O contacto físico entre jogadores é limitado ao "bitoque", sendo proibido noutras formas, quer para o portador quer para os defensores;
- Não é permitido tirar a bola das mãos do adversário;
- A infracção às regras implica a marcação de uma falta. O jogo recomeça com a bola na posse da equipa contrária e todos os jogadores da equipa infractora têm que se colocar entre a linha da bola e a sua linha de fundo.
- Nenhum jogador com bola, ou a bola, podem sair das linhas limites do campo (laterais). Neste caso a bola é reposta pela equipa contrária à responsável pela saída, no local onde saiu, com a equipa que defende disposta para trás da linha da bola como nas faltas.

Nota:

Este jogo pode ser simplificado com as seguintes alterações às regras:

- A bola pode ser passada, também, para a frente;
- O "bitoque" só pode ser feito, com as duas mãos, na zona do tronco (costas).



FUTEBOL DE 5

DESCRIÇÃO E OBJECTIVO DO JOGO

Num espaço relativamente amplo (por ex. pátio do recreio), no qual estão duas balizas, uma de cada lado, jogam duas equipas de 5 jogadores, dos quais um é guarda-redes.

O objectivo é introduzir a bola na baliza que se ataca, (a da outra equipa), evitando que esta o faça na que se defende.

A bola pode ser jogada com toda e qualquer parte do corpo menos com os membros superiores, com excepção do guarda-redes, a quem é permitido fazê-lo dentro da área de baliza respectiva.

REGRAS

- O início do jogo é feito, com cada equipa no meio campo respectivo, através de um pontapé na bola;
- Não é permitido empurrar, rasteirar, pontapear os companheiros da outra equipa, e mesmo da sua, bem como tocar intencionalmente com a mão (menos o guarda-redes) na bola em jogo. Caso se verifiquem estes comportamentos é marcada falta;
- A falta é punida com pontapé livre executado no local onde foi cometida;
- Sempre que a bola entrar completamente na baliza em consequência de jogo válido, é golo. A bola é repostada em jogo, tal como no início, a meio campo, pela equipa que sofreu o golo;
- Sempre que a bola sair pelas linhas laterais (lados maiores do campo rectangular) é repostada em jogo por um dos jogadores da equipa que não a tocou em último lugar, sendo feito um lançamento da bola com as duas mãos por cima da cabeça e sem levantar os pés, que devem estar fora daquela linha lateral;
- Sempre que a bola sair pela linha de cabeceira (ou linha de baliza) e tiver sido tocada em último lugar por um jogador atacante é executado um pontapé de baliza pela equipa defensora (por ex. o guarda-redes), sendo a bola colocada no solo à frente da baliza; se tiver sido tocada em último lugar por um defensor é executado pontapé de canto pela equipa atacante, sendo a bola colocada no solo em frente ao ponto de encontro das linhas lateral e de baliza;
- Quando o guarda-redes agarrar a bola na sua área, devolvê-la-á para jogo com as mãos ou a pontapé depois de a ter deixado cair;
- Ganha a equipa que maior número de golos alcançar e menos sofrer.

6.4. DOMÍNIO: ACTIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS

- **Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais**

O trabalho a realizar neste capítulo não se deve limitar a estas sugestões de Rodas Cantadas. São apenas exemplos que o professor pode ter como referência. Para além destas, outras devem ser realizadas com os alunos, integradas no último momento da sessão de Expressão Motora, ou tratadas de forma isolada.

CARANGUEJO NÃO É PEIXE

Letra:

Caranguejo não é peixe,
Caranguejo peixe é!

Caranguejo não é peixe,
Quando anda na maré!

Roda, Roda, Roda,
Pé, Pé, Pé

(bater palmas três vezes)
Caranguejo peixe é!

Movimento:

A dança começa com os alunos em Roda, de mãos dadas, movendo-se em círculo para a direita enquanto cantam: (Caranguejo não é peixe, Caranguejo peixe é!). Neste momento invertem o sentido do movimento movendo-se, sempre de mãos dadas, para a esquerda, enquanto cantam: (Caranguejo não é peixe, Quando anda na maré!) Nesta altura deixam de estar de mãos dadas e, cantando (“ Roda, Roda, Roda”), rodam sobre si mesmos para a esquerda, até darem uma volta completa. Param e batem os pés, alternadamente, três vezes, enquanto cantam: (“Pé, Pé, Pé”).

RODA RODA RODA RODA RODA

Letra:

A bater o pé,
ai olé, ai olé.
A bater a mão,

Plim, plim, plão, Plim, plim, plão.

Roda, Roda, Roda, Roda, Roda

Bate o pé.

Gira, gira, gira, gira, gira,

Bate a mão.

Movimento:

Alunos em roda. No mesmo local batem os pés, alternadamente (marchar), ao ritmo de: (“A bater o pé, ai olé, ai olé.”). Param e batem as mãos enquanto cantam: (“A bater a mão, Plim, plim, plão, Plim, plim, plão.”).

De seguida rodam em torno de si mesmos para a esquerda enquanto cantam (“Roda, Roda, Roda, Roda, Roda”), param e batem os pés enquanto cantam (“bate o pé”).

Voltam a rodar sobre si mesmos, agora para a direita, ao ritmo de (“Gira, gira, gira, gira, gira”). Param e batem as palmas ao ritmo de (“Bate a mão”).

YIENKA

Letra: Assim se dança Yenca

Assim se dança yenca

Esquerda, esquerda

Direita, direita

Frente, trás

Um, dois, três

Esquerda, esquerda

Direita, direita

Frente, trás

Um, dois, três.

Movimento: Alunos espalhados pelo espaço disponível, à mesma distância uns dos outros e virados para o professor. A dança começa com dois passos laterais para a esquerda e dois para a direita, enquanto cantam (“Assim se dança Yenca, Assim se dança Yenca”).

Param e saltitam duas vezes sobre a perna esquerda e duas sobre a direita, enquanto cantam (“esquerda, esquerda, direita, direita”). Sem pausa dão um salto para a frente a pés juntos e outro para trás cantando (“frente, trás”) e voltam à posição inicial, batendo as palmas três vezes, enquanto cantam (“um, dois, três”).

Repete esta parte: “Esquerda, esquerda, direita, direita, frente, trás, um dois três”

BARCA

Letra:

1ª Parte

A barca virou, deixá-la virar

Por causa da Maria que não soube remar.

A barca virou, deixá-la virar

Por causa do João que não soube remar.

A barca virou, deixá-la virar

Por causa da Gualberta que não soube remar.

(vai repetindo sempre incluindo, a cada vez, o nome de uma das crianças que estão a jogar.)

2ª Parte

Se eu fosse peixinho e soubesse nadar

Tirava a Gualberta do fundo do mar

Se eu fosse peixinho e soubesse nadar

Tirava o João do fundo do mar

Se eu fosse peixinho e soubesse nadar

Tirava a Maria do fundo do mar

Movimento: Esta dança deve ser praticada em grupos de 10 alunos no máximo. Os alunos iniciam a dança em fila, de mãos dadas, de lado uns para outros. Em nenhum momento da dança as mãos se podem separar.

1ª Parte: O aluno de uma das extremidades dirige-se para os dois alunos da outra extremidade, e passa por baixo dos seus braços, levando todos os restantes alunos a fazer o mesmo. Depois de todos terem executado este movimento, o resultado é o segundo aluno da fila ficar de braços cruzados e sempre de mãos dadas (“A barca fica virada”). Esta acção é realizada enquanto cantam: (“A barca virou, deixá-la virar, Por

causa da Maria que não soube remar”). Neste caso Maria é o nome do segundo aluno da fila que irá ficar de braços cruzados.

Esta acção repete-se tantas vezes quanto os alunos que compõem a fila, e a letra da canção é a mesma, variando apenas o nome do aluno (o 2º, 3º, 4º etc). No final, todos os alunos, com excepção do primeiro, ficam de braços cruzados e de mãos dadas.

2ª Parte: Neste momento a letra da canção é: (“Se eu fosse peixinho e soubesse nadar, Tirava a Gualberta do fundo do mar”). Enquanto a cantam, os alunos realizam o movimento da 1ª Parte, mas em sentido inverso. O último da fila passa por debaixo dos braços do penúltimo e antepenúltimo. Com esta acção estes deixam de estar de braços cruzados (“são tirados do fundo do mar”). A acção repete-se variando apenas o nome do aluno que vai ser liberto. No final todos os alunos voltam a ficar como estavam no início: em fila, de mãos dadas, de lado uns para os outros.

DOMÍNIO 6: PERCURSOS NA NATUREZA

- **Escolher e realizar habilidades apropriadas, em percursos na natureza, de acordo com as características do terreno e os sinais de orientação, colaborando com os colegas e respeitando as regras de segurança e preservação do ambiente.**

1.º, 2.º, 3º e 4º ANOS

1. Realizar um percurso na mata, bosque, montanha, etc., com o acompanhamento do professor, em corrida e em marcha, combinando as seguintes habilidades: correr, marchar em espaço limitado, transpor obstáculos, trepar, etc., mantendo a percepção da direcção do ponto de partida e indicando-a quando solicitado.

3.º e 4.º ANOS

2. Colaborar com a sua equipa interpretando sinais informativos simples (no percurso e no mapa), para que esta, acompanhada pelo professor e colaboradores, cumpra um percurso na mata, bosque, montanha, etc., combinando as habilidades aprendidas anteriormente, mantendo a percepção da direcção do ponto de partida e outros pontos de referência.

Índice

- Área da Língua Portuguesapág. 5
- Área da Matemática pág. 23
- Área do Meio Físico e Socialpág. 39
- Área das Expressões
- Expressão Plásticapág.69
- Expressão Dramáticapág. 81
- Expressão Musicalpág. 103
- Expressão Motorapág. 141

Cooperação entre

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA  DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

e



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN